

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



MUSEU IRENE LISBOA
Projeto Cultural para uma Casa da Leitura

Gisela Corina Antunes Borrego

Dissertação
Mestrado em Museologia e Museografia

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



MUSEU IRENE LISBOA
Projeto cultural para uma Casa da Leitura

Gisela Corina Antunes Borrego

Dissertação orientada pelo
Prof. Associado Doutor Fernando António Baptista Pereira

Mestrado em Museologia e Museografia

2015

RESUMO

A presente dissertação surge de uma reflexão sobre a problemática de pôr em funcionamento um museu emergente, e a conseqüente relação que se estabelece entre o programa museológico e o projeto cultural.

Para levar esse objetivo a cabo elaborámos um projeto cultural, condição fundamental para potencializar uma programação museológica.

Desde novembro de 2013, temos vindo a acompanhar a vida deste “museu”, com o objetivo de procurar uma solução para o seu funcionamento. A fim de apresentar uma proposta concreta, foi necessário analisar e perceber, desde a sua abertura, a história da sua formação e da sua evolução.

Na realidade, uma programação museológica tem na sua base um conjunto de reflexões que resultam em programas sectoriais específicos e que, por sua vez, criam um conceito gerador que identificamos como Projeto Cultural.

Este estudo debruça-se sobre o Museu Irene Lisboa, situado no Concelho de Arruda dos Vinhos, e que foi inaugurado em 2007. Hoje, este museu continua sem desempenhar as suas funções museológicas.

Entendemos que programação museológica e projeto cultural constituem a matéria-prima para o funcionamento de qualquer museu.

Palavras-Chave: Museus de Escritores | Irene Lisboa | Projeto Cultural | Programação Museológica | Serviço Educativo | Leitura

RÉSUMÉ

Cette dissertation résulte d'une réflexion qui consiste à mettre en marche un musée émergent, et par conséquent elle établit une relation entre le programme de musée et le projet culturel.

Pour atteindre cet objectif, nous avons préparé un projet culturel, condition essentielle, pour stimuler une programmation de musée.

Depuis novembre 2013, nous avons suivi la vie de ce musée, cherchant une solution pour son fonctionnement. Afin de présenter une proposition, il était nécessaire d'analyser et de comprendre son histoire, sa formation et son évolution depuis son ouverture.

En fait, une programmation de musée présuppose à sa base un ensemble de réflexions qui se traduisent par des programmes sectoriels et, à son tour, crée un concept générateur qu'on identifie comme un projet culturel.

L'objet de cette étude est le Musée Irene Lisboa, située dans une petite ville, Arruda dos Vinhos, 40 Km nord de Lisbonne, qui est ouvert depuis 2007. Aujourd'hui, le musée continue sans activité muséologique.

Dans notre optique, nous comprenons que la programmation du musée et le projet culturel constituent la matière première quelque soit le musée.

Mots- clés: Musée d'Écrivain | Irene Lisboa | Projet Culturel | Programmation
Muséologique | Service Educatif | Lecture

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação resulta da conjugação entre acontecimentos pessoais e profissionais numa etapa marcante da minha vida. Exercendo em novembro de 2013, funções como Técnica Superior, na Divisão Sociocultural da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, propus ao executivo vigente desenvolver um projeto museológico em torno do espólio da escritora Irene Lisboa.

Sustentada por uma componente académica, procurei que esta dissertação servisse um propósito profissional. Assim, estes dois últimos anos foram exclusivamente dedicados a uma prática na área científica da museologia, desenvolvida no quase anonimato do quotidiano de um gabinete.

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para o meu orientador, Professor Fernando António Baptista Pereira que acolheu, acompanhou e aconselhou esta dissertação com os seus conhecimentos inestimáveis. Perante a fragilidade do projeto que tinha em mãos, a sua perspicácia e vasta experiência na área da museologia foram fundamentais para organizar e dar corpo às ideias. A minha gratidão e reconhecimento perante a sua competência científica, disponibilidade e generosidade é eterna. Foi um privilégio ser aluna do Professor Fernando António Baptista Pereira que tem uma grande qualidade de comunicador e capacidade de transmitir conhecimento e saber – missão do Professor.

Fica um agradecimento muito profundo à Professora Luísa Arruda, coordenadora do Mestrado em Museologia e Museografia, que ao tomar conhecimento da situação do Museu Irene Lisboa, incentivou e impulsionou a minha formação para desenvolver este projeto em contexto académico. Desde a primeira hora mostrou interesse e, no decorrer de todo o processo, foi dando força e conselhos com as suas palavras sábias.

Agradeço ao Doutor Luís Lyster Franco, cujos contributos foram valiosos no que respeita à inventariação da coleção. Investigador metódico, metuculoso e atento ao detalhe, a sua ajuda foi preciosa para encontrar documentação sobre Irene Lisboa. Também lhe devo a revisão e correção desta dissertação e o apoio por ter acreditado nas minhas capacidades para levar este empreendimento até ao fim.

Fica registada a minha gratidão para com os meus professores de mestrado, Alice Alves, Elsa Garrett Pinho, Fernanda Maio, Jorge dos Reis, Luís Jorge Gonçalves e Mariano Piçarra, pela partilha e desafios propostos, todos conhecedores e especialistas nas suas áreas.

Agradeço à Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, na pessoa que a representa, Dr. André Rijo, que acolheu e proporcionou os meios e condições necessárias a que pudesse concretizar esta dissertação. Sem esta oportunidade profissional este trabalho não teria sido possível.

Ao Chefe da Divisão Sociocultural, Dr. Paulo Câmara, agradeço o bom acolhimento que deu à minha proposta.

Ao presidente da Junta de Freguesia de Arranhó, Gonçalo Nuno, que sempre demonstrou a máxima disponibilidade, procurando auxiliar nas necessidades que este projeto exige.

Esta dissertação proporcionou um encontro feliz, com a Arquiteta Inês Gouveia, afilhada de Irene Lisboa. Espero que o tempo permita que nos encontremos mais vezes para consolidar a amizade e continuar o trabalho que iniciámos em torno do espólio.

Ao meu amigo, o designer Rui Alves, um muito obrigado pela ajuda com as questões de design gráfico.

A minha mãe que me apoiou com as suas palavras de amor, dando-me coragem e ajudando a cuidar dos meus filhos.

Também os meus filhos Leonor e Salvador merecem um agradecimento especial, não só pelo tempo da minha atenção que esta dissertação lhes negou, mas também pela compreensão e tolerância demonstrada ao longo desse processo.

Dedico a meu pai,

LISTA DE ABREVIATURAS

- AEJIA – Agrupamento de Escolas de Arruda dos Vinhos
APOM – Associação Portuguesa de Museologia
CMAG – Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves
CMAV – Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
DSC – Divisão Sociocultural da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
ICOM – Conselho Internacional dos Museus
I.S. – Instalações Sanitárias
MAV – Município de Arruda dos Vinhos
MIL – Museu Irene Lisboa
MINOM – Movimento Internacional para a Nova Museologia
MP – Maleta Pedagógica
NT – Novas Tecnologias
p – página
PAE – Plano de Ação Educativa
PALOPS – Países de Língua Oficial Portuguesa
PC – Projeto Cultural
RTO – Região de Turismo do Oeste
SE – Serviço Educativo
UV – Radiações Ultravioleta

ÍNDICE

Resumo	1
Résumé	2
Agradecimentos	3
Lista de Abreviaturas	5
Índice	7
Introdução	13
1. Um olhar sobre a herança material de alguns escritores portugueses	17
1.1. Casas de Escritores, um “marco”	17
1.2. Museu versus Casa-Museu	19
1.3. A Biblioteca como “Pedra Fundamental” de um museu de escritor	22
2. Irene do Céu Vieira Lisboa – um percurso na Vida e na Literatura	25
2.1. A Infância	25
2.2. A Professora e pedagoga	27
2.3. A escrita	29
3. De um Museu de Relíquias para uma “Casa da Leitura”	31
3.1. Formação do Museu Irene Lisboa	31
3.2. A urgência de acudir ao MIL	32
3.3. Programar o museu para 12 anos	34
3.4. Vocação e Missão	36
3.5. Proposta para um edifício e suas instalações	39
3.5.1. Programação museológica	39
3.5.2. Uma proposta para o espólio da escritora	40
3.6. Revitalização de um meio rural	42
3.6.1 Aquisição da Quinta da Murzinheira	42
3.6.2. Requalificação da Quinta da Murzinheira	44

3.6.3. Instalação da “Casa da Leitura” Irene Lisboa	47
4. Programar o Museu Irene Lisboa	49
4.1. Um projeto cultural para uma “Casa da Leitura”	49
4.1.2. Aproveitar a dinâmica da Rede de Leitura Pública	50
4.2. Uma “Casa da Leitura” produtora de conhecimento	51
4.3. Uma “Casa da Leitura” solidária	52
4.4. Uma “Casa da Leitura” e as pessoas	55
4.4.1 A pouca afluência do(s) público(s)	55
4.4.2. Público são pessoas	56
4.5. Coleções e exposições	57
4.5.1. A Coleção: aspetos da sua incorporação, conservação e apresentação	58
4.5.2. As tipologias do Acervo e a conservação dos materiais	59
4.5.3. A Inventariação da coleção	60
4.5.4. Coleções e Percurso(s) Expositivo(s) / Narrativa(s)	61
4.5.4.1. Exposição Permanente / Exposições Temporárias	61
4.5.4.2. A obra literária protagonista da Exposição Permanente	62
4.5.4.3. Outros núcleos para uma narrativa mais completa	65
4.5.4.4. A Quinta da Murzinheira: perspetivas de futuro e outras valências museológicas	67
4.5.4.5. Exposições temporárias	70
5. Programa Educativo de Leitura	75
5.1. Serviço Educativo	75
5.2. Projeto educativo	78
5.3. Centro documental	80
5.4. A “Casa da Leitura” adaptada às novas tecnologias	82
5.5. Os perfis dos profissionais	85
5.5.1. Os recursos humanos necessários para um museu	85
5.5.2. A situação do Museu Irene Lisboa	86
5.5.3. Uma solução possível: Museus em Rede	87
5.5.4. Os profissionais do Museu Irene Lisboa	88
Conclusões	91

Bibliografia	93
Anexos:	99
Casas-Museu e Fundações de Escritores em Portugal	101
Planta de Localização da Quinta da Murinheira	103
Ortofotomapa de Implantação do Casal da Murinheira	107
Fotografias do estado atual do Casal da Murzinheira	111
Modelo de Ficha de Inventário utilizada: Ficha de Inventário n.º 1 (Máquina de Escrever)	115
Livro de Tombo do MIL	119

«Temos a ideia e temos os meios;
tenhamos também a vontade, e para
todo o mal se deparará remédio.»

ANTERO DE QUENTAL

Introdução

A presente dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia visa estabelecer e, posteriormente, colocar em prática um projeto cultural (PC) direcionado para o espólio da escritora Irene Lisboa. Atualmente, este património museológico consiste numa coleção visitável que se encontra à guarda do Município de Arruda dos Vinhos.

A iniciativa de abordar tal temática prende-se com o facto de, passados oito anos após a abertura do Museu Irene Lisboa (MIL), ocorrida em 24 de junho 2007, este permanecer inativo e desconhecido no panorama museológico português. Com escassez de visitantes e sem atividade museológica, ainda está quase tudo por fazer, sendo a visibilidade desta estrutura museológica, mesmo junto da comunidade local, pouca ou mesmo nenhuma.

O edifício do “museu”¹ localiza-se 40 km a norte de Lisboa, no Concelho de Arruda dos Vinhos, na freguesia de Arranhó, de onde Irene de Céu Vieira Lisboa é natural. Grande nome da literatura nacional, Irene Lisboa é uma escritora de primeira água que se notabilizou na sociedade portuguesa como professora e pedagoga, deixando uma obra literária tão genuína e invulgar como ela. Infelizmente, quis o destino dessa mulher ficar marcado por uma vida solitária e, após a sua morte, ignorada do grande público.

Além de homenagear e perpetuar o nome da escritora, a criação de um museu deveria ser também um veículo de promoção regional para o Concelho. Se Estudar, Conservar, Divulgar e Educar é a missão de qualquer museu, verifica-se que, passados oito anos, o Município de Arruda dos Vinhos (MAV) ainda não conseguiu pôr em prática este objetivo.

Depois de compreender todo o processo de formação, e percebendo o quanto único e valioso é para o Concelho de Arruda dos Vinhos, ter na sua posse o espólio desta grande escritora, tornou-se imprescindível fazer uma proposta para que este museu autárquico possa vir a ser considerado um museu digno desse nome.

Tratando-se de um museu dedicado a uma escritora, procurou-se, em primeiro lugar, delinear **um olhar sobre a herança material de alguns escritores portugueses**. Indo ao encontro de alguns dos mais importantes nomes da literatura portuguesa, traçou-

¹ Não podendo ser ainda considerado um museu na verdadeira acepção da palavra, optamos por salvaguardar esta situação, colocando a palavra “museu” entre aspas.

se um perfil da situação atual de alguns Museus e Casas-Museu de Escritores, a funcionar em Portugal.

Assumindo não se fazer uma pesquisa exaustiva sobre a vida e obra desta grande escritora, a qual se remete para outros investigadores que já o fizeram e publicaram², parece no entanto importante traçar o perfil desta mulher, no capítulo **Irene do Céu Vieira Lisboa – Um percurso na Vida e na Literatura**, por se considerar ser o material base para a elaboração de narrativas expositivas e programáticas.

A fim de perceber qual solução dar a este pequeno espólio, de forma a constituir um acervo interessante do ponto de vista do programa científico, museológico e museográfico, e perante as circunstâncias existentes, procurou-se definir qual seria a forma de utilização ideal para este acervo. Também se procurou especificar o que é que não correu bem na conceção e concretização do projeto do MIL, assumindo que esta vertente não deve ser interpretada como uma conotação menos positiva. Assim, apresentou-se uma nova proposta que visa transformar o MIL, **de um museu de Relíquias para uma “Casa da Leitura”**.

Reconhecendo que a atual apresentação desta coleção visitável não permite a realização das funções museológicas mínimas, abordou-se a problemática da adaptação de um novo edifício a museu, a casa da Quinta da Murzinheira, local onde nasceu Irene Lisboa, de forma a conseguir-se cumprir com todas as valências necessárias ao funcionamento de um museu.

Com o intuito de colocar em funcionamento este equipamento cultural de carácter museológico, percebeu-se a necessidade de pensar num programa educativo de leitura, e de instalar um polo de biblioteca, vocacionada para o empréstimo domiciliário, traçando-se em linhas gerais **um projeto cultural para uma “Casa da Leitura”**.

Por fim, esta dissertação tem também o intuito de apontar direções, deixando em aberto propostas para **A Casa da Leitura Irene Lisboa**.

A metodologia de trabalho utilizada, assentou na observação e reflexão desenvolvida em contexto real de exercício de funções, como técnica superior da Divisão Sociocultural da autarquia. Apresenta-se este estudo que é o resultado de uma investigação realizada ao longo de cerca de dois anos, onde se foram também ensaiando, entre outras, algumas das propostas aqui apresentadas.

Desde a inauguração do “museu”, o Município de Arruda dos Vinhos não

² Morão, Paula, *Irene Lisboa. Vida e Escrita*, Lisboa : Editorial Presença, 1989.

conseguiu afetar recursos humanos, nem financeiros, que possibilitassem o desenvolvimento das suas funções museológicas. Assim, ficou claro que se torna fundamental dar uma utilidade efetiva a este espólio, promovendo o nome e a obra de Irene Lisboa, através da criação de um PC que funcione como espinha dorsal das atividades do Museu Irene Lisboa. Implementar um Projeto Cultural tem na sua raiz um conceito gerador que permite definir a vocação e a missão, traçar objetivos, estabelecendo o papel cultural, social e económico do museu. Todos estes aspetos acabam por se materializar através da programação museológica.

Entendemos que um projeto cultural deverá ter uma duração mínima de cinco anos. Ao fim deste tempo é necessário rever e ajustá-lo às novas exigências. Assim, o PC está constantemente em evolução. O PC de um museu permite refletir sobre a sua missão, acompanhar a evolução das suas coleções, e dos seus públicos, avaliar o seu posicionamento local, nacional e internacional, formar uma equipa de trabalho coesa, definir a sua identidade. Tudo isso de forma a torna-lo único e distinto de outros equipamentos culturais.

1. Um olhar sobre a herança material de alguns escritores portugueses

1.1. Casas de Escritores, um “marco”

Antes de abordar a temática dos Museus e Casas-Museu, que no presente estudo de caso somente diz respeito aos museus dedicados a escritores, não se pode deixar de destacar os três volumes já editados, de uma obra da autoria de Secundino Cunha, com o título genérico de *Casas de Escritores*³. Este autor apresenta um trabalho cuidado sobre as habitações de escritores existentes nas regiões do Alentejo, Douro e Minho, não tratando especificamente de Museus ou Casas-Museu, mas de uma forma genérica, das *Casas de Escritores*. Embora apareçam alguns exemplos de casas musealizadas, e outras classificadas como Imóveis de Interesse Público, na sua maioria tratam-se de casas herdadas e acarinhadas pelos descendentes, autênticos “guardadores de memória”. Ao folhear estes volumes, o leitor é convidado a fazer um percurso pelas *Casas de Escritores*, e Secundino Cunha complementa os textos com fotografias que nos ajudam a contextualizar, através da visualização da arquitetura, mobiliário e objetos que enquadravam os ambientes e o quotidiano em que estes viveram, a personalidade de alguns dos mais importantes escritores portugueses.

Não tendo a maioria destas casas passado por um processo museológico, algumas precisam do “olhar” e apoio por parte das entidades públicas, para que seja possível aos atuais proprietários conseguir zelar pela sua salvaguarda, ou mesmo recuperação.

A “**Casa do Alto**” em Guimarães é um bom exemplo desta situação. Esta habitação, que foi do escritor Raúl Brandão (1867-1930), nos finais dos anos 70 do século passado, foi entregue pela família à Secretaria de Estado da Cultura, no sentido de a transformar em Casa-Museu. Nada foi então feito para a conservar, acabando por ser recuperada e restaurada pelo seu atual proprietário, Manuel Roque, sobrinho-bisneto do escritor. Hoje a casa está classificada como IIP – Imóvel de Interesse Público, ao abrigo do Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª Série, n.º 47, de 26-02-1982⁴.

A “**Casa Grande de Romarigães**”, em Paredes de Coura, cuja primeira edificação remonta aos primeiros anos de 1600, pertenceu ao escritor Aquilino Ribeiro (1885-1963), que a utilizou como local de férias e residência. Presentemente esta casa é

³ Cunha, Secundino, *Casas de Escritores no Minho*, 2.ª ed., Guimarães : Opera Omnia, [D.L. 2008]; ____, *Casas de Escritores no Douro*, Guimarães : Opera Omnia, [D.L. 2011]; ____, *Casas de Escritores no Alentejo*, Guimarães : Opera Omnia, 2012.

⁴ <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1982/02/04700/04240430.pdf> (11-10-2014).

propriedade privada cujos donos fazem o que podem para a manter de pé. Neste caso seria bom que fosse alvo de uma atenção especial por parte das entidades públicas. Atualmente está classificada como IIP – Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 1/86, DR, 1.ª Série, n.º 2, de 03-01-1986 *1⁵.

A ação por parte de familiares, com o objetivo de manter viva a memória dos seus entes queridos, tem-se também revelado muitíssimo valiosa como dinamizadora deste ‘ponto de memória’. Esta tarefa tem sido levada a cabo por parte da família do historiador, escritor e poeta Alfredo Pimenta (1882-1950) que muitíssimo tem feito para preservar a memória de “uma casa à beira do caminho, com uma capela em frente”⁶. A casa foi alvo de profundas obras de restauro, levadas a cabo por Manuel Pimenta, filho do escritor e pai das atuais proprietárias.

No entanto, nem sempre os escritores tiveram em vida habitação própria mas, conhecendo-se a sua passagem por certas casas, e por esse motivo, estas podem ser consideradas como ‘Casas-memória’. Não menos importantes como polos dinamizadores da memória das personalidades que as habitaram, acabam por tornar-se locais de atividades culturais, como a ‘Casa Fernando Pessoa’, em Lisboa, a ‘Casa Bocage’, em Setúbal, ou a ‘Casa-memória de Camões’, em Constância.

Segundo Secundino Cunha, Ruben Andresen Leitão (1920-1975)

“pretendia construir uma casa onde não existisse qualquer relação entre o meu passado e o meu presente, casa livre de sentimentos. Havia necessidades básicas: perto da praia, pois no verão eu vinha à terra, muitas árvores, pinheiros, isolada, só a natureza a falar comigo.”⁷

Esta casa foi projetada pelo arquiteto João Henrique Andresen (1920-1967), primo do escritor, e autor, entre outros edifícios, do Palácio da Justiça em Lisboa. Hoje a casa é visitada por estudantes de arquitetura, e é local de férias dos descendentes do escritor.

⁵ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3611 (08-11-2014).

⁶ Cunha, Secundino, *Casas de Escritores no Minho*, 2.ª ed., Guimarães : Opera Omnia, [D.L. 2008], p. 101-111.

⁷ Ver nota 6, p. 123.

1.2. Museu versus Casa-Museu

Segundo Augusto Moutinho Borges⁸, na sua origem as Casas-Museu, ou mesmo os Museus-Biblioteca, tiveram como propósito educar o povo. Este pensamento surge no início do século XX, imbuído pelos ideais republicanos, e pretendia que o homem pudesse ter acesso ao conhecimento das artes, das artes decorativas, da cultura e do património do seu país. Este período é marcado pelo conceito de colecionismo republicano que pressupunha o *dever* e a *função* de reunir o património, evitando assim a sua perda.

Na sua grande maioria os colecionadores pertenciam a uma elite, cultural e economicamente abastada, e provinham de diversos quadrantes da sociedade, desde as figuras da aristocracia, ativistas republicanos, ideólogos, e mesmo artistas e escritores ou proprietários de imóveis. Também deputados, médicos e políticos da jovem República Portuguesa, com o objetivo do bem e da causa pública, doaram o seu património para ser transformado em Casas-Museu.

Por outro lado, muitos são os escritores dignos de ser lembrados, de forma particular ou coletiva, e a sua memória tem sido igualmente perpetuada através da criação de museus, casas-museu e casas-memória, que funcionam como polos culturais.

A definição de museu, dada pelo ICOM⁹, é igualmente aplicável ao conceito de “Museus de Escritor”:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais e imateriais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.”¹⁰

⁸ Borges, Augusto Moutinho, “Colecionadores, coleções e casas-museu: identidade e salvaguarda da memória”, in *ARTIS Revista de História da Arte e Ciências do Património*, 2.^a série, n.º 2, maio 2014, p. 159-167.

⁹ Conselho Internacional de Museus, organismo da UNESCO.

¹⁰ <http://icom.museum/la-vision/definition-du-musee/L/2/> (28-12-2014). (Tradução nossa) “Un musée est une institution permanente sans but lucratif au service de la société et de son développement ouverte au public, qui acquiert, conserve, étudie, expose et transmet le patrimoine matériel et immatériel de l’humanité et de son environnement à des fins d’études, d’éducation et de délectation.”

Partindo da investigação realizada, e das visitas efetuadas a Museus e Casas-Museu de Escritores, selecionou-se alguns casos ilustrativos do que se tem vindo a fazer em Portugal.

Como primeiro exemplo, considere-se o Museu Sebastião da Gama¹¹, instalado no antigo aquartelamento, da delegação de Azeitão, dos Bombeiros Sapadores de Setúbal, e que foi inaugurado em 1 de Junho de 1999. Este museu apresenta o espólio do professor, pedagogo e poeta, sendo este núcleo complementado com outro, de carácter etnográfico, composto por alfaias agrícolas. Para além das visitas normais, este museu oferece como proposta de atividades culturais, *visitas guiadas com marcação, conferências, colóquios, recitais e exposições*¹².

Alguns escritores, como testemunhos da sua vivência, possuem Museu e/ou Casa-Museu. É o caso de José Maria Ferreira de Castro (1898-1974) que, em 3 de abril 1973, doou o seu espólio ao povo de Sintra, ficando a Câmara Municipal como fiel depositária. Oito anos após a sua morte, em 6 de junho 1982, em plena “Vila Velha” de Sintra, o museu abriu as portas ao público¹³, desenvolvendo desde então, e até aos dias de hoje, uma invejável atividade cultural em torno da vida e obra deste escritor.

Por outro lado em Ossela, Concelho de Oliveira de Azeméis, no local onde nasceu Ferreira de Castro, existe a casa-museu. Trata-se de uma casa rural, de meados do séc. XIX, testemunho da origem humilde do escritor.

Em 1965, a casa foi doada pela proprietária a Ferreira de Castro e, dois anos mais tarde, em 1967, este doou-a à autarquia, na condição de esta se comprometer em manter, conservar e proporcionar visitas guiadas, a todos que o desejem fazer.

A criação de uma Casa-Museu tem na sua origem um colecionador e/ou um doador que com o seu gesto de filantropia oferece as suas coleções para usufruto e com fins educativos. Deste modo, constata-se que

“o colecionador está ao serviço do povo e ao instituir a sua Casa-Museu é para o serviço da nação”¹⁴.

¹¹ Sebastião da Gama (1924-1952).

¹² http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&source=hp&q=museu+sebastião+da+gama&gbv=2&oq=museu+sebastião+&gs_l=heirloom-hp.1.0.0j0i22i30i3.1024.7082.0.9198.19.18.1.0.0.0.183.1837.9j8.17.0.msedr...0...1ac.1j4.34.heirloom-hp..2.17.1721.1FV61Z8VctA (28-12-2014)

¹³ Alves, Ricardo António, *Museu Ferreira de Castro. Catálogo*, sn. [Sintra : Câmara Municipal de Sintra, 2005].

¹⁴ Ver nota 8, p.159.

Tratando-se de realidades diferentes, museus e casas-museu, uma *Casa-Museu de Escritor* caracteriza-se, na verdade, por ser uma habitação onde o escritor nasceu e/ou, pelo menos temporariamente viveu, possuindo ou não algum valor arquitetónico, histórico ou simbólico. Nalguns exemplos de casas-museu, pode observar-se a faceta de colecionismo, noutros o interesse assenta no valor simbólico e histórico que representam, resultando o seu funcionamento, quase exclusivamente, numa atividade museológica de programação cultural.

No primeiro dos exemplos seguintes, existe um caso de colecionismo, não único nas casas-museu de escritores em Portugal.

Situada na Rua de D. Hugo n.º 32, no Porto, a Casa-Museu do escritor Guerra Junqueiro (1850-1923) resulta de uma doação por parte da viúva e da filha do poeta. Numa reunião realizada em 8 de fevereiro de 1940, a Câmara Municipal deliberou aceitar a doação das preciosas coleções artísticas reunidas pelo escritor¹⁵. Do outro lado da rua encontra-se o *Museu da Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Carvalho Mesquita*¹⁶, neste caso, foram reconstituídos a biblioteca e o escritório de Guerra Junqueiro. Da mesma forma que, no museu, é possível apreciar os objetos de arte colecionados pelo poeta, no átrio da Fundação o visitante poderá tomar contacto com a sala evocativa da instituição e os gostos da Família Junqueiro.

A casa que foi habitada pelo escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890), nos últimos 26 anos da sua vida, situada em S. Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, está também hoje transformada em Casa-Museu. Foi aí que Camilo escreveu os melhores romances da sua vida, destacando-se *Amor de Perdição* (1862). Em 1915 esta casa sofreu um misterioso incêndio, tendo sido posteriormente reconstruída e reequipada. Ao lado, a Casa de Camilo – Centro de Estudos¹⁷, entre outros espaços é composta por um auditório, sala de leitura e de exposições temporárias, gabinetes de trabalho, reservas e cafetaria. Enquadrada na paisagem, trata-se de um edifício contemporâneo da autoria do Arquiteto Álvaro Siza Vieira. Este Centro de Estudos disponibiliza uma oferta cultural muito

¹⁵ “Ao propósito de oferecer à admiração dos visitantes as maravilhas de arte colecionadas pelo genial Poeta aliou-se o de as manter em ambiente próprio, dentro da disposição aproximada que em vida lhes dera o seu possuidor, de modo que a Casa-Museu fosse não só um escrínio de preciosidades, mas também um padrão evocativo da memória do seu Patrono.” In Câmara Municipal do Porto, *Actividades Culturais da Câmara Municipal do Porto*, Porto : Rep. dos Serviços Culturais e Sociais da C. M. do P., 1951.

¹⁶ <http://www.patrimoniocultural.pt/en/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-fundacao-maria-isabel-guerra-junqueiro/> (2015-10-09); Isabel Maria Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho (1880-1974); Luís Pinto de Carvalho Mesquita (1868-1931).

¹⁷ http://www.cm-vnfamalicao.pt/_centro_de_estudos_camilianos (2015-10-26).

diversificada, destacando-se as exposições temporárias, em torno da vida e obra do escritor, e as exposições preparadas para empréstimo a outras instituições.

Um capítulo não chegaria para falar de todos os museus de escritores existentes em território nacional. Apresentamos em anexo uma tabela que permite ficar com uma ideia da sua realidade. Assim, optámos por falar apenas de alguns dos museus que tivemos oportunidade de visitar, e de outros que nos despertaram a curiosidade e interesse, para serem incluídos nesta dissertação. Certamente, tratando-se de um projeto para implementar, iremos ainda conhecer outras realidades museológicas, estando igualmente convictos que este tema poderá levar a outras investigações dedicadas a “Museus de Escritores”, e à elaboração de novas dissertações.

1.3. A Biblioteca como “Pedra Fundamental” de um museu de escritor

A fim de enquadrar o tema a que nos propusemos, um PC para um museu emergente, nesta parte da dissertação, procuramos caracterizar o que entendemos por “*museus de escritores*”. Independente de se tratar de *museus*, *casas-museu* ou *museus-biblioteca*, todos são testemunhos vivos da vida e obra do seu patrono. Efetivamente, a base da sua formação/origem, é sem dúvida a intenção de partilha de um património para deleite do povo. Não nos podemos esquecer que realmente a sua razão de existência é a de garantir a passagem de testemunho assegurando uma função educacional num espaço cultural.

Tratando de um tema relacionado com escritores – escrita/edição/leitura, parece ser oportuno fazer uma nota sobre o papel e importância dos *Museus-Biblioteca*, que surgiram em Portugal, também com o advento da República.

Começamos com o exemplo do Museu João de Deus, situado em Lisboa, pioneiro nesse género. O projeto arquitetónico do edifício é da autoria de Raúl Lino (1879-1974) e a pintura decorativa ficou a cargo do artista Tomás Leal da Câmara (1867-1948). A criação desse museu partiu da vontade de um grupo de republicanos¹⁸ que uniu esforços para a construção e financiamento deste projeto cultural, dedicado ao poeta-educador, e integrava uma biblioteca que serviria como forma de apoio à cultura portuguesa.

¹⁸ Incluído nesse grupo estavam nomes como o de Afonso Lopes Vieira (1878-1946), e Tomás Leal da Câmara.

O *Museu João de Deus – Bibliográfico, Pedagógico e Artístico*, inaugurado no ano de 1917, em Portugal será o primeiro no seu género. Tratando-se de um museu dedicado a uma personalidade, foi também inovador, por incorporar uma biblioteca. Esta “complementaridade” permitiu introduzir um programa de atividades bem definidas nos estatutos¹⁹. Traçados os seus objetivos, podemos afirmar que estava delineada a missão dos *Museus-Bibliotecas*, que se viriam a tornar por excelência espaços culturais à disposição de escritores, pensadores e artistas, complementando esta valência com os serviços educativos direcionados para os mais novos.

No panorama museológico português, de inícios do século XX, até então marcado pela presença de museus cuja missão consistia na salvaguarda das grandes obras, surge o conceito de casas-museu que começa a introduzir um olhar diferente sobre o património pessoal, resultante do colecionismo e que contextualizado constrói narrativas. Inequivocamente, o *Museu João de Deus* impulsionou os colecionadores nacionais para uma nova visão da conservação e valorização do seu património.

A transformação de casas privadas em museus foi-se enraizando nas ideais republicanas e teve alguns seguidores, como por exemplo a *Biblioteca e Museu Braamcamp Freire* (1921), em Lisboa, o *Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães* (1927), em Cascais, e não podemos deixar de apontar a transformação do solar em espaço museológico resultando na famosa *Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça*, decorrente da visão do aristocrata e político José Relvas, que deixou um abundante espólio de artes decorativas e uma grande biblioteca e arquivo.

Muitas destas Casas-museu têm como parceiro principal, ou mesmo tutela, as Câmaras Municipais, de forma a melhor assegurar a salvaguarda desses patrimónios museológicos, que refletem a personalidade dos seus patronos, através das suas peças e objetos de uso quotidiano, assim como dos livros, dos seus escritos, refletindo o seu pensamento e os seus percursos de vida, como reflexo social. Todos os doadores tinham a vontade de deixar o seu património para fruição das peças de belas-artes e, resultante dessa vontade, as casas tornavam-se espaços culturais onde eram desenvolvidas funções pedagógicas, de aprendizagem, de encontros e tertúlias, funcionando como polos

¹⁹ “1.º - Conservar e prover o Museu como centro de irradiação literária, pedagógica e artística, para guarda e consulta - sob rigorosa catalogação - de todos os livros, jornais, revistas, manuscritos, documentos e objetos de que se compõe o recheio do mesmo museu. 2.º - Promover e realizar no salão do Museu sessões e exposições culturais. 3.º - Facultar aos investigadores e eruditos a leitura e consulta das obras existentes na biblioteca do Museu.”

dinamizadores culturais da região em que estavam inseridas.

2. Irene do Céu Vieira Lisboa – um percurso na Vida e na Literatura

2.1. A Infância

“Tudo é dos outros ... e me foi sempre negado”²⁰

No dia 25 de dezembro de 1892, no Casal da Murzinheira, concelho de Arruda dos Vinhos, nasceu a escritora e pedagoga Irene do Céu Vieira Lisboa (1892-1958)²¹.

“Aguda pequena vila sem graça, figurou durante largo tempo no meu espírito como um lugar tabu. Meu pai evitou a Aguda durante muitos anos; votara ódio aos Agudenses e temia-os. Não era gente dócil e sabia desforrar-se. Creio que foi depois de umas renhidas eleições franquistas que Aguda desapareceu dos nossos mapas familiares. E ficava-nos a uma légua de distância, a meio caminho do comboio.

A impressão que guardo de Aguda é a de uma vila baixa e escura, com uma enorme ladeira e muitas casas velhas. Depois das tais eleições, salvo erro, não a tornámos a atravessar. Íamos tomar o comboio à linha do Oeste, muito mais longe de nós e de Lisboa.”²²

Dos pais, Irene refere-se a Luiz Emílio Vieira Lisboa como

“um homem violento e fraco! Um homem leviano e de rancores.[...] renegava a paternidade e se desobrigava de incómodos.”²³

“Da mãe não sabia nada; perdi-lhe a memória. Vivi muito pouco tempo com ela e tudo em casa conspirava para o seu esquecimento”²⁴.

²⁰ Referida em Braga, Maria Ondina, *Mulheres Escritoras. Da Biografia no texto ao texto da biografia*, Amadora : Livraria Bertrand, 1980, p. 105.

²¹ Morão, Paula, *O essencial sobre Irene Lisboa*, s.l. [Lisboa] : Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985; usou-se esse livrinho que nos dá algumas pistas sobre a obra literária da escritora, e nos abre caminhos possíveis para desenvolver temáticas para as exposições.

²² Falco, João, *Começa uma vida*, Lisboa : Seara Nova, 1940, p. 28-29.

²³ Ver nota 22, p. 10.

²⁴ Ver nota 22, p. 12.

A mãe de Irene era uma rapariga do campo, bastante mais nova que o pai.

Aos 3 anos de idade, ela e sua irmã mais nova, Rita Vieira Lisboa foram viver para a localidade de Pontes de Monfalim²⁵, na casa de Maria Guilhermina da Conceição Chaves, a madrinha²⁶ de Irene Lisboa

“[...] a madrinha era a companheira velha e espoliada do meu pai.”²⁷

“Não, a minha gente era burguesa, sem maior distinção, e tinha como era costume as suas criadas.”²⁸

Com receio de possíveis heranças, o pai ter-lhe-ia recusado a paternidade mas

“foi para entrar para o convento²⁹ que me baptizaram. Sem filiação e com o sobrenome de Céu.”³⁰

Irene Lisboa passa pelo colégio Inglês e, aos 15 anos, frequenta o liceu Maria Pia, onde vem a conhecer Ilda Moreira, de quem se irá tornar amiga inseparável.

Aos 19 anos, Irene passa a viver entregue a si própria, vítima de expropriação por parte da nova esposa que o pai arranjou.

²⁵ Sobral de Monte Agraço.

²⁶ Maria Guilhermina da Conceição Chaves era uma senhora idosa e rica possuindo bens de família, nomeadamente casas em Lisboa e a Quinta de Monfalim. O pai de Irene Lisboa era procurador, e além de tomar conta dos bens de Maria Guilhermina, também morava com ela. Quando a mãe de Irene a abandonou com a sua irmã Rita, o pai levou as crianças para casa de Maria Guilhermina que passou a tomar conta das duas crianças. Embora Maria Guilhermina não fosse a madrinha de batismo de Irene Lisboa, esta sempre se referiu a ela como madrinha (estes dados foram-nos relatados pela afilhada de Irene, Inês Gouveia).

²⁷ Ver nota 22, p. 10.

²⁸ Ver nota 22, p. 23-24.

²⁹ Convento do Sacramento, em Lisboa.

³⁰ Ver nota 22, p. 15.

2.2. Professora e pedagoga

“Devo, porém, dizer ainda que tive muito prazer em estar aqui convosco, professores do futuro, eu, que sou uma professora do passado, uma professora avó.

Levo a ambição de ter concorrido um pouco para delinear o perfil de uma grande professora com as palavras que a memória da sua ação me sugeriu. Que elas vos lembrem a personalidade de Irene Lisboa, professora e o sol que ela foi para a escola portuguesa, enquanto lhe permitiram que a servisse.”

(Ilda Moreira)³¹

Concluído o liceu, Irene Lisboa e aquela que viria a ser a sua amiga de toda a vida, Ilda Moreira, optam pela carreira do ensino.

Durante a sua formação para professora, na Escola Normal Primária de Lisboa, a funcionar no largo do Calvário, Irene Lisboa é fundadora e animadora do primeiro jornal de normalistas, *Educação Feminina*. Mas, dado o carácter irreverente da sua escrita, e a polémica provocada pelos artigos publicados, após poucos números editados, o jornal acaba para ser proibido e suspenso pela direção³².

“A senhora escreve com uma pena muito aguda e um dia pica-se.”³³

Magoada e desiludida com este episódio, poucos meses mais tarde, em julho de 1914, a aluna concluiu, com distinção, o curso de professora do ensino primário.

Irene Lisboa é então nomeada professora efetiva, na escola do Beato, situada numa zona profundamente carenciada, do ponto de vista social:

“[...] a freguesia do Beato era muitíssimo pobre, a escola, além de velha carecia de tudo.”³⁴

³¹ Morão, Paula (coord.), *Irene Lisboa 1892-1958*, Catálogo 40, Lisboa: 1992, p. 30.

³² *Educação Feminina: Quinzenário literário, científico e artístico: órgão das Normalistas de Lisboa*. Entre 1 de abril de 1913 e 22 de setembro do mesmo ano, saíram apenas sete números.

³³ Ver nota 31, p. 22.

³⁴ Ver nota 31, p. 22.

Para Irene Lisboa, além das preocupações pedagógicas e educativas, será uma verdadeira experiência do ponto de vista emocional, destacando-se sobretudo o seu cuidado em estabelecer laços afetivos com os alunos.

Em julho de 1920, Irene Lisboa é transferida para a escola da Tapada da Ajuda onde lhe é proposto integrar e orientar as secções infantis.³⁵ Ela e a amiga, Ilda Moreira, aproveitam as férias de verão para elaborar os programas dos cursos das classes preparatórias do ensino pré-primário na escola da Tapada, para o início do ano letivo, em outubro.

Apresentando um trabalho de grande qualidade, a curto prazo, as *Normalistas*³⁶ passaram a ir ao pré-escolar, acompanhadas dos respetivos diretores e professores, visitar as salas de aula das duas docentes, para observar ao vivo o que era uma pedagogia renovada.

Apesar do êxito alcançado, as classes foram extintas no final de julho de 1938.

A experiência foi positiva, e o reconhecimento do seu prestígio como professora era muito grande. É-lhe então oferecida, através do Instituto Nacional de Educação, uma bolsa para estudar no “Institut des Sciences de l’Education”, da Universidade de Genebra, na Suíça, no ano-letivo de 1929-30, e também, de Janeiro até fins de Julho de 1931, para o Curso Internacional Montessori, em Roma. No ano seguinte, foi para Bruxelas, na Bélgica, estudar à sua custa a aplicação do método Decroly³⁷.

Em 1932, quando regressa a Portugal, é colocada na Inspeção do Ensino Primário, e nomeada Inspetora Orientadora para o Ensino Infantil. Irene Lisboa aproveita esta oportunidade para transmitir os conhecimentos adquiridos na França, Suíça e Bélgica, deslocando-se pelo país para proferir conferências e palestras sobre o estudo da psicologia, da pedagogia, das correntes educativas, etc.

Infelizmente, as ideias avançadas que tinha eram incómodas, e acabaram por afastar Irene Lisboa do cargo de Inspetora Orientadora. Mais tarde vê-se “empurrada” para desempenhar funções burocráticas, e definitivamente retira-se da educação, após recusar um lugar como docente em Braga.

O Professor Doutor Rogério Fernandes (1933-), do Instituto Irene Lisboa, escreveu:

³⁵ Lei de 1911, da reforma do ensino do Dr. António José de Almeida.

³⁶ As alunas da Escola Normal.

³⁷ Documentário realizado pela Videoteca Municipal de Lisboa, em maio de 1993, com o título: “*Irene Lisboa, lembrada por alguns dos que não a esqueceram*”, a partir de uma ideia de Clara Rocha.

“Irene Lisboa é de certo um dos expoentes mais brilhantes de um grupo de educadores e professores portugueses que se tornaram responsáveis pela difusão das teorias da educação nova e da escola activa.”³⁸

2.3. A escrita

“[...] Irene Lisboa era uma criatura séria a escrever, quer dizer, era um problema de “engagement” pessoal nela, não era um problema de aparecer nas montras.” (Alexandre O’Neil)³⁹

1926 marca a publicação do seu primeiro livro, *13 Contarelos* que revela o seu interesse pelo público infantil. Seguindo a mesma linha onde “temos histórias originais, construídas por uma narradora-adulta a pensar em leitores-crianças”⁴⁰, irá publicar, em 1955, *Uma mão cheia de nada outra de coisa nenhuma*, e em 1958, *Queres ouvir? Eu conto*.

O hábito da escrita irá acompanhar a vida movimentada da pedagoga e, sob o pseudónimo de *João Falco*, edita diversos livros de poesia como *Um dia e outro dia* (1936) e *Outono havias de vir* (1937).

O uso de pseudónimos é recorrente em Irene Lisboa, sendo seu costume aplicá-los em diferentes situações, como é o caso de artigos que ia publicando em diversos periódicos, utilizando entre outros, o de *Maria Moira*, afastando-se da poesia, e ficando mais próxima de um tipo de texto que nos remete para reportagens de cenas do quotidiano. Em textos pedagógicos aparece com outro pseudónimo, agora masculino, *Manuel Soares*. Segundo José Gomes Ferreira, o uso de pseudónimos servia como defesa do seu estatuto civil de funcionária do Ministério da Educação, de forma a escapar a possíveis reparos/represálias por parte do seu Chefe, o qual não era muito favorável à publicação de textos dedicados à pedagogia avançada.

³⁸ [Http://www.iil.pt/artigo.asp?id=3](http://www.iil.pt/artigo.asp?id=3) (28-12-2014).

³⁹ [Https://www.youtube.com/watch?v=LMm6H5MMPss](https://www.youtube.com/watch?v=LMm6H5MMPss) (22-01-2015).

⁴⁰ Morão, Paula, “*O essencial sobre Irene Lisboa*”, Col. Essencial, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, Maio, 1985, p. 10.

O livro *Solidão*, editado em 1939, irá transformar-se no símbolo da sua obra e estilo.

Depois da sua reforma forçada, e com mais tempo para se dedicar à literatura, publica, logo em 1941, a novela autobiográfica *Começa uma vida* e, no ano seguinte a crónica urbana *Esta cidade*.

“[...] é um escritor que fala daquilo que é intemporal nas pessoas, os problemas da intimidade, da consciência, da memória, da importância que o tempo tem na própria consistência material da vida são temas constantes na obra dela[...].”⁴¹

Em 1956 edita *O Pouco e o Muito e Voltar atrás para quê?*.

Irene Lisboa morreu no dia 25 de novembro de 1958, exatamente a um mês de completar 66 anos de idade.

Postumamente são publicadas obras como *Titulo qualquer serve, Queres ouvir? Eu conto, Crónicas da Serra* e anos mais tarde, em 1975, a edição de *Solidão II* completa a publicação em livro da obra da escritora.

A falta de interesse por parte do público, pelas suas obras, será o grande desgosto da vida de Irene Lisboa, uma mulher que procurou ser a voz de gente comum.

Atualmente é incontornável falar da obra de Irene Lisboa, sem falar da Doutora Paula Morão (1951-). De facto a ela se deve o ressurgimento desse grande nome da literatura portuguesa que quase estava esquecida. Ensaísta e crítica literária, Paula Morão tem divulgado a obra de Irene Lisboa que, a partir de 1991, tem vindo a ser toda reeditada pela Editorial Presença, consistindo até ao presente num conjunto de dez volumes.

“Tive meia dúzia de leitores, simpáticos, graciosos... e continuarei esquecida e solitária. A mascar o pó da impotência. O pó de uma vida indirigida, desfinalizada. Naturalmente aquela que me foi dada em sina.”⁴²

⁴¹ Ver nota 37.

⁴² Lisboa, Irene, *Solidão II*, Lisboa : Editorial Presença, 1999, p. 249.

3. De um Museu de Relíquias para uma “Casa da Leitura”

Irene Lisboa é a figura de maior destaque, e praticamente única, do Concelho de Arruda dos Vinhos. Por esse motivo tem sido alvo de bastante admiração e respeito por parte dos Arrudenses, que lhe reconhecem grande valor. Motivada por esse reconhecimento, Inês Gouveia (1932-), filha de Ilda Moreira (1894-1980)⁴³, e afilhada de Irene Lisboa, decidiu entregar parte do espólio que tinha em sua posse à CMAV, para que esta instituísse um museu que pudesse prestar a devida homenagem à escritora⁴⁴.

Esta doação consistiu num núcleo composto, na sua maioria, por objetos do quotidiano de Irene Lisboa, onde se pode encontrar um número significativo das suas publicações, a mesa, com o respetivo banco, a máquina de escrever, peças de vestuário, acessórios de moda e de uso doméstico, bem como alguns documentos manuscritos. São objetos que a escritora utilizava, ou guardava por terem sido de seu uso pessoal, ou terem pertencido à família. Existe ainda um pequeno núcleo composto por publicações póstumas que se encontram em exposição para mostrarem a “atualidade” da escritora.

Apesar da escassez do seu acervo, o MIL inaugurou no ano de 2007, num edifício construído de raiz, com a exposição de longa duração “IRENE LISBOA: O Pouco e o Muito”.

3.1. Formação do Museu Irene Lisboa

A constituição do MIL resulta de uma candidatura da Junta de Freguesia de Arranhó, à *Leader Oeste*⁴⁵, no início de 1999, para a recuperação/requalificação do património. Apesar de se tratar de um projeto bem enquadrado nas estratégias da *Leader*, só a partir de 2003 é que o projeto do Museu Irene Lisboa começou a ser uma realidade.

Após a sua inauguração, o “museu” abria inicialmente ao público apenas aos sábados mas, passado algum tempo e até ao presente, passou a estar permanentemente encerrado, sendo as visitas asseguradas por um funcionário da Câmara Municipal, mediante marcação prévia.

⁴³ Amiga de Irene Lisboa e ilustradora de alguns dos seus livros infantis.

⁴⁴ [Antunes, Gisela], “Museu Irene Lisboa”, in *ARRUDA DOS VINHOS Guia de serviços, projetos e eventos*, Arruda dos Vinhos : Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2015, p. 20. (http://issuu.com/cjaleco/docs/publica___o (2015.10.07)).

⁴⁵ Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural do Oeste.

Como se disse na introdução, no que respeita ao reconhecimento do MIL, como “Museu”, ficou quase tudo por fazer, e o conhecimento do seu espólio é quase inexistente. Os habitantes locais, na sua ingénuia ilusão, reconhecem o prestígio e a importância inerentes à existência de um museu, desconhecendo que na realidade o MIL, à luz dos atuais conceitos da *Nova Museologia*⁴⁶, e até da atual legislação, nunca funcionou como tal.

Em novembro de 2013, e após ter pela primeira vez tomado contato com o MIL, começou-se a implementar alguns procedimentos da maior importância para a **conservação preventiva e preservação** do referido espólio, assim como se procedeu à requalificação da narrativa da exposição, que permitiu tornar a exposição mais comunicativa com o público, para que esta possa passar a ser visitável sem necessidade de acompanhamento de um técnico ou especialista em Irene Lisboa.

De forma a lançar a “vida” do museu, em 25 de novembro 2014, foi feita a apresentação do trabalho que tinha até então sido desenvolvido, realizando-se uma cerimónia oficial de inauguração da nova museografia, presidida pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, Dr. André Rijo, acompanhado pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Arranhó, Gonçalo Nuno, e da principal doadora do espólio, a Arquiteta Inês Gouveia.

Atualmente, resultado de decisões políticas do atual executivo camarário, prevê-se que o espólio seja transferido para outras instalações, desafetando-se o edifício construído de raiz especificamente para alojar o MIL, de qualquer função a ele inerente.

3.2. A urgência de acudir ao MIL

Efetivamente o Município de Arruda dos Vinhos não conseguiu verdadeiramente pôr o “museu” a funcionar, o que pode justificar a ocupação do edifício pelos serviços da Junta de Freguesia. O espólio do “museu”, que se encontrava inicialmente exposto numa sala do piso superior, já tinha posteriormente sido transferido para o andar térreo. Deste modo, atualmente apenas existe um edifício que continua a ter o nome de “*Museu Irene*”

⁴⁶ Conceitos desenvolvidos principalmente por Georges-Henri Rivière a partir da década de 60 do século XX; Em Portugal a *Nova Museologia* é representada pelo MINOM Portugal (<http://www.minom-portugal.org/docs.html> (27-10-2015)).

Lisboa”, onde, na referida sala térrea, ainda está patente a exposição de longa duração intitulada IRENE LISBOA – O Pouco e o Muito.

“[...] a defesa do Património Cultural nos seus múltiplos aspectos e a sua conseqüente valorização e integração no desenvolvimento local, constituem hoje uma preocupação corrente da gestão autárquica em Portugal.”⁴⁷

No caso do MIL, verifica-se que faltou uma “política” museológica. Não basta querer montar um museu, e ter meios para isso. Nos dias que correm, para um Museu é imprescindível, mais do que a coleção exposta e visitável, existirem infraestruturas de apoio às coleções, aos visitantes e aos investigadores, bem como condições que permitam a realização de inúmeros eventos como exposições temporárias, atividades afetas a serviços educativos ou realização de conferências, simpósios e congressos, por exemplo!

Além disso, modernamente, o conceito de museu implica que este não pode ser reduzido a uma mera mostra de objetos, melhor ou pior organizados dentro das salas de exposição, como se de um gabinete de curiosidades se tratasse. É necessário todo um trabalho científico que dê significado à coleção, sendo imprescindível atrair/chegar a diferentes públicos, devendo sempre as populações locais constituir o alvo primordial da ação dos serviços educativos.

“A credenciação de museus é um instrumento fulcral da política museológica nacional através do qual tem sido possível estimular a qualificação das entidades museológicas do País.”⁴⁸

⁴⁷ Moutinho, Mário C., “Introdução”, in Diogo, João Manuel (coord.), *Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*, Tondela (29 a 31 de Outubro de 1993), Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1999, p. 17.

⁴⁸ “Credenciação de novos museus”, in *Museus em Rede. Boletim da rede Portuguesa de Museus*, n.º 39, Dez. 2011, p. 4.

3.3. Programar o museu para 12 anos

Com a elaboração desta dissertação, traçou-se um dos objetivos, que é propor um programa para que o MIL se afirme como um museu digno desse nome, e possa mais tarde ser reconhecido pelas entidades reguladoras de credenciação. João Martins Claro apresenta, no seu texto “A Lei Quadro dos Museus Portugueses”⁴⁹, algumas considerações sobre a aplicação dessa Lei (Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto). Esta lei, sendo uma ferramenta fundamental para a organização e valorização dos museus, mesmo estando sob a tutela de uma autarquia, deve ser utilizada como alicerce de qualquer tentativa de constituição de um museu.

Efetivamente, a Lei-quadro dos Museus Portugueses estabelece a seguinte definição:

“Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotado de uma estrutura organizacional [...]”⁵⁰

Em conformidade os artigos n.º 52 e n.º 53, da Lei-quadro dos Museus Portugueses, para o MIL ainda não está definida uma proposta de Estrutura Orgânica, com o respetivo Regulamento, que contemple as seguintes matérias: Vocação do museu; Enquadramento orgânico; Funções museológicas; Horário e regime de acesso público; e Gestão de recursos humanos e financeiros, que se pretende seja apresentada e aprovada em Assembleia Municipal, de forma a poder-se começar a dar ao MIL um carácter legal.

Assim, em Portugal as tipologias que a lei dos museus reconhece são as de museu e coleção visitável. Efetivamente, o espólio da escritora está reunido numa sala de exposição que, segundo o art.º 4 da Lei-quadro dos Museus Portugueses, lhe confere a tipologia de coleção visitável. Desta forma, o MIL tem garantido o destino unitário do seu acervo, o acesso ao público e instalações próprias, mas faltam “os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas que a presente lei estabelece para o museu.”⁵¹ Se realmente existir vontade por parte do MAV em constituir

⁴⁹ Claro, João Martins, “A Lei Quadro dos Museus Portugueses”, in *museologia.pt*, n.º 3/2009, p. 49-55.

⁵⁰ Lei n.º 47/2004, Art. 3.º.

⁵¹ Ver nota 49, p. 52.

um museu, no verdadeiro sentido da palavra, deverá procurar e reunir esforços de forma a garantir os três universos fundamentais de um museu: **Conservar, Divulgar e Educar.**

De momento temos trabalhado no sentido de zelar pela **Conservação Preventiva** e pela **Divulgação** do espólio da escritora. As outras funções museológicas têm vindo a ser realizadas de uma forma descontinuada. Presentemente, estão já definidos os aspetos da *alínea d)* do referido artigo da Lei-quadro dos Museus, por se considerar tratarem-se das condições mínimas indispensáveis à abertura da Sala de Exposição ao público.⁵²

Sendo o “MIL” um pequeno museu local tutelado pela CMAV, propõe-se que o seu programa se organize tendo em atenção o calendário político das autarquias. Efetivamente, este aspeto revela-se de uma importância fundamental para definir e calendarizar os objetivos e metas para o museu. Uma vez que as autarquias estão sujeitas a eleições de 4 em 4 anos, é aconselhável estabelecer metas de 4, 8, e 12 anos... Assim, uma vez que os objetivos são de longo alcance, e têm um prazo maior para ser cumpridos, e as metas podem ser atingidas ano após ano, estas poderão ir sendo ajustadas por parte dos executivos em vigor.

No entanto, deve ser sempre salvaguardado que uma agenda política, com intuítos manifestamente eleitoralistas, não pode tropeçar e aniquilar um programa, previamente definido pelo responsável do museu, correndo-se o risco de destruir todo um trabalho cuidadosamente preparado e desenvolvido.

Em linhas gerais, propõe-se como objetivo a 12 anos implementar uma “Casa da Leitura” onde será desenvolvido um programa museal. Desta forma, tendo como base uma “Casa da Leitura”, para além da exposição permanente o MIL acolherá diferentes atividades como exposições temporárias, colóquios, palestras, ciclos de leitura, etc. A “Casa da Leitura” pretende ser um local dirigido a todas as pessoas, de todas as idades.

⁵² Apesar de ainda não se poder considerar um museu mas apenas um espólio visitável – artigo 4.º do referido diploma.

3.4. Vocação e Missão

Inserido na região do Oeste⁵³, o MIL localiza-se na freguesia de Arranhó, a segunda maior do Concelho de Arruda dos Vinhos, quer em área geográfica quer em densidade populacional. Idealmente, a RTO⁵⁴ deveria ter procurado promover, e divulgar, o seu território através de um programa cultural que passaria pelos museus regionais. Os museus do Oeste têm como campos temáticos a história natural, a arqueologia, a etnografia e as artes plásticas (pintura/escultura) e decorativas. Cinco deles são designados pelo nome das personalidades (arqueólogos e artistas) que lhes deram origem. Destes, pode destacar-se o Museu de Alenquer, que abriu portas em 6 de abril de 1975, homenageando o seu patrono Hipólito Cabaço (1885-1970), e onde é apresentado um conjunto de peças reunidas pelo arqueólogo. Também nas Caldas da Rainha existem dois Atelier-Museus dedicado aos escultores António Duarte (1912-1998) e João Fragoso (1913-2000), ambos criados com o intuito de acolher parte significativa da sua obra.

Para a caracterização da Programação museológica teve-se em conta o conceito gerador para desenvolver o projeto do MIL e que passa obrigatoriamente pela definição da sua **vocação** e da sua **missão**.

Assim, deverá estabelecer-se que a **vocação** do MIL é de abrangência local/nacional, e está sob a tutela do Município de Arruda dos Vinhos, dependendo diretamente da Divisão Sociocultural. Atualmente, o museu é interdisciplinar – retratando a vida e obra da escritora numa exposição permanente intitulada “IRENE LISBOA – O Pouco e o Muito”.

Como já foi referido⁵⁵, o espólio da escritora resume-se a um pequeno acervo o que limita muitíssimo a narrativa e o interesse da exposição. De futuro, o MAV deverá empreender e estabelecer como meta uma política de incorporação para aumentar o acervo do museu, permitindo o seu crescimento, assim como também formar novos núcleos, com novas narrativas.

Definir a **missão** do MIL permite, de forma coerente, projetar o programa cultural de atividades. Assim, da análise efetuada com base na observação e investigação que tem sido desenvolvida nos últimos meses, através de bibliografia, monografias e catálogos de

⁵³ Região que abrange os Concelhos de Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Rio Maior, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras.

⁵⁴ *Região de Turismo do Oeste*. Presentemente extinta e integrada na *OesteCIM - Comunidade Intermunicipal do Oeste*.

⁵⁵ Capítulo 3: De um museu de relíquias para uma “Casa da Leitura”.

museus, como também em alguns sites da internet, tentámos reter as grandes linhas diretrizes de museus, com particular incidência na temática de “museus de escritores”, tendo, até ao presente, chegado às seguintes conclusões:

- O MIL deverá ter por missão primordial o cumprimento das suas funções museológicas que passam por **Recolher/Documentar, Conservar/Restaurar, Investigar/Interpretar, Expor/Divulgar e Administrar/Gerir** o espólio e a obra da escritora Irene Lisboa, disseminando o conhecimento da mesma.
- A missão do MIL passa por este se apresentar como uma estrutura viva, devendo ser entendido como um local de aprendizagem, de troca de experiências, ideias e conhecimentos, de forma pedagógica, lúdica e apelativa aos vários públicos. Tudo isto, mantendo sempre uma ligação estreita, estimulada e estimulante, com a população local, com escritores e investigadores e promovendo o desenvolvimento de parcerias institucionais com os diversos agentes sociais locais, regionais e nacionais, interessados pela literatura e pedagogia em geral e particularmente nas temáticas abordadas pela escritora⁵⁶.
- A sua localização descentralizada, em meio rural, deve pretender ainda servir de revitalização, estímulo e incentivo, em termos urbanísticos, sociais e económicos a uma zona culturalmente desfavorecida.
- O MIL deverá também possuir e disponibilizar uma biblioteca e centro documental⁵⁷, que possibilitem o aprofundamento de conhecimentos e a investigação no local, da vida e obra da escritora.

⁵⁶ Por considerarmos adaptar-se na perfeição, retirámos, quase integralmente, este ponto da Missão e Vocação do Museu do Bordado e do Barro, em Niza ([http://museubordadoebarro.cm-nisa.pt/pt/museum/\(06-07-2015\)](http://museubordadoebarro.cm-nisa.pt/pt/museum/(06-07-2015))).

⁵⁷ Atualmente, na Biblioteca Municipal de Arruda dos Vinhos, existe um *Fundo Local Irene Lisboa*. No entanto, esse fundo está incompleto e desatualizado, no que respeita à bibliografia ativa e passiva da escritora.

Por conseguinte, propõe-se como **missão** do MIL criar uma “**Casa da Leitura**” que procurará ser um ponto de encontro do livro e da leitura, um espaço de diálogo. Desse modo a “Casa da Leitura” oferecerá a quem a visita o conhecimento da obra da escritora Irene Lisboa e o desenvolvimento do gosto e dos hábitos de leitura. A sua missão passa por fazer com que as pessoas se tornem leitores da obra “Ireniana”, e não só, cumprindo com o objetivo de divulgar a memória da sua escritora e também contribuir para a criação de hábitos de leitura, fazer com que o visitante se torne leitor.

No texto “Museus Marítimos. A urgência de projectos culturais”, o autor⁵⁸ reforça a ideia de que os museus devem procurar, na promoção e desenvolvimento de projetos, a constituição de “comunidades de museus” e de outras “entidades” direcionadas para a temática do museu. No nosso caso, de *Museus de Escritores*, é fundamental que as instituições trabalhem de forma interdisciplinar, a fim de garantir a manutenção e divulgação do património literário, criando sinergias a nível nacional e internacional.

Efetivamente, **vocação** e **missão** permitem focar o conceito gerador para a concretização do PC do MIL. O Município de Arruda dos Vinhos deverá procurar estar atualizado no que respeita aos procedimentos da “Nova Museologia”, na intenção de chegar mais perto da comunidade em que o museu está inserido e, de futuro, cumprir com a importante função social **específica dos modernos museus**.

No sentido de começar a criar estas sinergias, está a ser equacionada a possibilidade de se realizar no Concelho de Arruda dos Vinhos um congresso dedicado a *Museus de Escritores*, incidindo preferencialmente na ideia de partilha entre escritores ibéricos (Portugal e Espanha) e unidos também pela língua (Brasil e outros PALOPS). A concretização deste evento cumpre com o objetivo de tornar o MIL mais visível e chegar aos diversos públicos tradicionais assim como a outros que justificam a sua existência.

A temática de *Museus de Escritores* prende-se com a necessidade de criar um espaço de debate e partilha de ideias e estratégias que contribua para um funcionamento sustentado dos museus com estas características.

⁵⁸ Vale, José Augusto da Costa Picas do, “Museus marítimos. A urgência de projeto culturais”, in *Revista VOX MUSEI arte e património*, vol. 2, n.º 3, Janeiro-Junho 2014 – Tema Cultura Fluvial e Marítima: património, museus e sustentabilidade.

3.5. Proposta para um edifício e suas instalações

3.5.1. Programação Museológica

Determinado o conceito gerador do museu que se materializa por meio da definição e caracterização da sua **missão e vocação**, estão reunidas as condições para prosseguir com o programa museológico. É frequente associar o espaço museológico exclusivamente à área expositiva, mas isto é uma ideia errada. Estruturar e conceber o museu implica espaços próprios, onde poderão ser realizadas e desenvolvidas as funções museológicas – áreas expositivas, reservas, equipamento informático, mobiliário, etc.

Portanto, quer se trate de um edifício novo, ou recuperado, para cumprir com um fim museológico, é necessário tratar da programação a todos os níveis. Neste ponto do anteprojeto, o museu ainda se encontra em fase de programação e assim este deverá contemplar vários universos sendo imprescindível a presença de um museólogo para acompanhar as equipas de arquitetura e design, durante a fase de projeto e construção do edifício e equipamentos, devendo intervir a nível dos diferentes projetos que forem sendo pensados e realizados. Este acompanhamento tem por objetivo evitar erros que muitas vezes acabam por se revelar irremediáveis, para além de acarretarem custos suplementares.

Fernando António Baptista Pereira, no seu artigo “Museus e novos espaços de exposição”, alerta que “um museu obedece a um certo tipo de **exigências programáticas mínimas**.”⁵⁹ E tal como uma escola, uma biblioteca ou até mesmo um hospital, um museu deverá contemplar os espaços seguintes:

- “[...] espaços públicos de livre acesso (área de acolhimento, de exposição permanente e temporária e de serviços de apoio como lojas, cafetarias e restaurantes, I.S.⁶⁰, Bengaleiro)”
- “[...] espaços públicos de acesso controlado (biblioteca e centro de documentação, áreas educativas, auditórios, direção e administração)”

⁵⁹ Pereira, F. A. Baptista, “Museus e novos espaços de exposições”, in *Architecti*, 32 (ano VII, jan/fev/mar), Oeiras, Editora Trifório, 1996, p. 26.

⁶⁰ Instalações Sanitárias.

- “[...] espaços de acesso altamente reservado (gabinetes técnicos, reservas, centros de restauro, oficinas e armazéns, centrais de controlo técnico e de segurança, áreas de apoio ao pessoal técnico, administrativo e operário).”⁶¹

Mesmo tratando-se de um pequeno museu local, estes três universos terão de estar contemplados e, sendo a tutela do MIL da responsabilidade do Município de Arruda dos Vinhos, caberá à Câmara Municipal, disponibilizar todos os meios que possibilitem as condições físicas e técnicas, para que o museu possa verdadeiramente funcionar dentro dos parâmetros exigíveis a um equipamento com estas características.

3.5.2. Uma proposta para o espólio da escritora

Como foi já referido, atualmente o MIL define-se como uma coleção visitável contemplando somente as funções museológicas de **Conservação Preventiva** e **Divulgação do espólio**, garantindo o acesso ao público. Mas, para o MIL poder ser considerado um museu, falta ainda contemplar a função **Educativa**.

Reunidas essas condições, o museu deverá garantir todos os *espaços públicos de livre acesso*, para que possa cumprir todas as suas valências perante o público visitante. Quanto aos *Espaços públicos de acesso controlado* e *Espaços de acesso altamente reservado* poderão ser adaptados e garantidos pela autarquia que já possui: biblioteca, auditório, serviços administrativos e serviço informático.

No entanto, mesmo tratando-se de um museu de pequenas dimensões, terá que estar equipado com três espaços essenciais ao seu funcionamento.

Em primeiro lugar, uma Sala Polivalente que dê apoio às diferentes valências que o museu deverá desenvolver. Esta sala facilmente poderá ser transformada em pequeno auditório para colóquios, conferências, recitais, apoiar pequenos eventos que o museu possa vir a desenvolver como uma pequena feira do livro, dar a conhecer um autor, apresentar um livro, realizar atividades como uma “comunidade de leitores” por exemplo... Este espaço poderá também servir de apoio ao Serviço Educativo, desde que seja garantida a existência de um ponto de água, que permita a realização de atividades de expressões plásticas.

⁶¹ Ver nota 59.

Em segundo lugar, recomenda-se que as áreas expositivas destinadas às exposições temporárias sejam contíguas com aquelas onde estará patente a exposição permanente. Esta disposição revela-se eficaz, uma vez que prevendo-se que nem sempre se consiga dar continuidade à realização das exposições temporárias, que obrigam a uma rotatividade de cerca de 4 em 4 meses, com produção de catálogos, pagamento de transportes e seguros, custos que nem sempre os orçamentos das autarquias conseguem suportar, bastará alterar a disposição da museografia, recorrendo a materiais que se encontram em reserva, expandindo a exposição permanente para a(s) sala(s) destinada(s) às exposições temporárias.

Para terminar, a área de acolhimento, por muito pequena que seja, não pode ser reduzida a um simples balcão de venda de bilhetes. Os visitantes têm que ser bem recebidos, deve ser-lhes fornecida informação necessária sobre o museu e a(s) exposição(ões) e, se for o caso, também deverá existir uma área de vestiário, onde se possam deixar objetos e peças de vestuário de maior volume, como chapéus-de-chuva, gabardinas, mochilas, etc.

Todos estes procedimentos podem ser acompanhados pela mesma pessoa, ou então para não sobrecarregar o funcionário, poderão existir alguns equipamentos facilitadores de tarefas como, por exemplo, cacifos.

Um bom acolhimento deixa sempre uma boa impressão a quem chega, e também a quem parte. Nas visitas efetuadas a pequenos museus têm-se verificado que muitas vezes este espaço é um pouco improvisado ou mesmo inexistente.⁶²

O museu deverá ter, anexa à área de acolhimento, uma loja onde esteja todo o material de *merchandising*, o qual, se for bem pensado, pode servir como uma significativa fonte adicional de receitas para o museu, e uma boa forma de divulgação. Sendo o MIL um museu que aborda o campo temático da escrita poderá ter uma boa livraria/papelaria especializada em autores de diferentes épocas, ter livros raros com edições limitadas, etc. Assim o visitante terá ocasião de adquirir um “souvenir”, desde a borracha que custa poucos cêntimos, até ao livro que poderá atingir algumas dezenas de euros.

⁶² Por exemplo, no Museu da Guarda a receção é feita dentro de um nicho num corredor. Ao contrário do que acontece no museu da Fundação Medeiros e Almeida, museus como a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, no Porto, ou a Casa-Museu João de Deus, em Lisboa, a receção é feita diretamente no espaço expositivo.

3.6. Revitalização de um meio rural

3.6.1. Aquisição da Quinta da Murzinheira

Atualmente o espólio da escritora encontra-se confinado a uma sala, de dimensões muito reduzidas, que nunca foi pensada, do ponto de vista da museografia, para acolher uma exposição⁶³. O próprio edifício não foi corretamente pensado para permitir a realização das funções museológicas. Desta forma, entende-se que o MIL, deverá ser transferido para outro edifício. A intenção da autarquia é a de transferir o museu para a quinta que pertenceu, durante várias gerações, à família Vieira Lisboa, que possui uma área de cerca de 36 hectares, e está localizada nos limites do concelho de Arruda dos Vinhos, fazendo fronteira a Norte com o concelho do Sobral de Monte Agraço. Nesta quinta existem ainda as ruínas da casa onde nasceu Irene Lisboa, a qual, com um bom projeto de recuperação e ampliação, poderá passar a albergar o futuro Museu Municipal Irene Lisboa.

Pormenorizando, sabemos que a vontade que sempre existiu, e levou a CMAV a proteger e adquirir a Quinta da Murzinheira para instalação do museu, se prende com o facto de ter sido o local de nascimento da escritora Irene Lisboa, podendo este processo ser caracterizado pelos seguintes pontos:

- A quinta possui uma área de 356 320m², localizada na Freguesia de Arranhó, Concelho de Arruda dos Vinhos;
- Para além do edifício e da quinta agrícola, existem zonas florestais e terrenos incultos completamente abandonados;
- Na mesma propriedade existe uma zona definida em PDM como urbanizada, com a área de 7.500m², situada no aglomerado urbano da zona urbana de A-dos-Arcos;
- O edifício é um imóvel que está classificado no Plano Operativo de Gestão Estratégica como património a preservar;

⁶³ Ver capítulo 3.2. A urgência de acudir ao MIL.

- À data de aquisição o edifício e propriedade encontravam-se abandonados e em processo de venda numa imobiliária;
- Esta aquisição enquadrou-se na estratégia de requalificação e preservação patrimonial que o Município tem desenvolvido nos últimos anos, como foi o caso da aquisição do Palácio do Morgado⁶⁴.

A Quinta da Murzinheira é composta por cultura arvenses, mato, pastagem, vinha, oliveiras, eucalipto, horta, terreno estéril, pomar de cerejeiras, com inclusão da área urbana, com casa de rés-do-chão e primeiro andar, para habitação, com a superfície coberta de 375m² e logradouro com 1225m².⁶⁵

Em 2008 a CMAV comprou a Quinta da Murzinheira, cumprindo assim o desejo de preservar o nome da escritora e fazer daquele lugar um “ponto de memória”, com o futuro projeto cultural a concretizar na parte urbana da quinta.⁶⁶

Do nosso ponto de vista seria benéfico para o concelho que esse projeto se concretizasse, podendo o museu contemplar os seguintes objetivos:

- Elevar o nível educativo e cultural da população do Concelho;
- Constituir um centro de formação da leitura pública e de investigação e publicação (produção de cultura);
- Ser um centro de lazer.

Esta ideia é ainda sustentada pelo **“Apelo de Granada sobre a Arquitetura Rural e o Ordenamento do Território”**⁶⁷ que alerta para a ameaça de desaparecimento da arquitetura rural e a sua paisagem, ou seja para a importância de preservação do meio rural europeu.

Entende-se que seria uma boa aposta em desenvolver esse projeto porque certamente poderá contribuir para:

⁶⁴ Onde presentemente funciona a Biblioteca Municipal Irene Lisboa.

⁶⁵ Dados recolhidos na Minuta da Acta – 4.ª Sessão Ordinária do dia 27-12-2007.

⁶⁶ Dados recolhidos na escritura de compra e venda do prédio misto “Quinta da Murzinheira”.

⁶⁷ Lopes, Flávio e Correia, Miguel Brito. “Património Cultural - Critérios e Normas Internacionais de Proteção”, ed. Caleidoscópio, 2014, p. 227-232.

- a) “uma distribuição equilibrada das populações no território”;
- b) “a criação de emprego e articulação de atividades diversificadas tais como a agricultura tradicional, o artesanato, as pequenas indústrias, as actividades de lazer, etc.”⁶⁸.

3.6.2. Requalificação da Quinta da Murzinheira

É urgente chamar a atenção das entidades oficiais e procurar o apoio necessário, junto do Estado, para dar continuidade a esta iniciativa do Município de Arruda dos Vinhos, da criação de um museu. A recuperação da Quinta da Murzinheira tem que ser alvo da atenção e carinho por parte das autoridades competentes.

À semelhança do que se passou com Casa-Museu de S. Miguel de Ceide poderia, por exemplo, organizar-se uma Comissão Restauradora/Instaladora da Quinta da Murzinheira. Esta comissão seria constituída por admiradores e cultores da escritora que, por sua vez, garantiriam todo o bom funcionamento do processo de maneira que, tal como aconteceu na Casa-Museu de Camilo, também se conseguisse uma ajuda do estado:

«Para obterem um subsídio do Estado, tiveram que
destinar as lojas da casa à escola da freguesia.»⁶⁹

Existindo vontade por parte dos Arrudenses em salvaguardar a memória desta escritora, e tendo em conta que um equipamento dessa natureza pode constituir um importante polo de enriquecimento cultural para o concelho, assim como uma forma de desenvolvimento para a população de Arruda dos Vinhos, o MIL, além de estar ao serviço da comunidade, poderá ser um vínculo de atração e afluência de uma diversidade de públicos como turistas, curiosos, investigadores, estudantes, especialistas, etc.

O projeto inicial (por enquanto único) contempla uma quinta pedagógica que poderá ser uma forma de atrair outros públicos, assim como uma fonte de receitas. Desta forma, as famílias, as escolas e os grupos séniores, entre outros, poderão usufruir de uma programação cultural mais diversificada, abrindo-se um universo mais amplo que

⁶⁸ Ver nota 67.

⁶⁹ Torres, António Maria Pinheiro. «A reconstituição da Casa de Camilo – Relatório publicado em 1958», in *Boletim da Casa de Camilo*, n.º 1, 2.ª série, 1972, ed. pela CASA DE CAMILO, p. 15.

procurará adaptar-se às especificidades de cada visitante, consoante a sua idade, género, formação escolar, nível cultural e social, etc.

Presentemente arruinada, tal como estivera a casa de Camilo Castelo Branco,

“O misterioso incêndio ocorrido em 1915 deixara em ruínas a casa que Camilo habitara, ficando apenas de pé as paredes chamuscadas”⁷⁰,

a Quinta da Murzinheira

“rodeada por pinheiros e eucaliptos, cresce vegetação selvagem”⁷¹

no passado dia 10 de maio, sofreu uma intervenção por parte do MAV, que quis estar associado à iniciativa *Vamos limpar a Europa*⁷², procedendo a uma limpeza nas zonas de habitação e logradouro.

Não podemos deixar de lamentar o facto de não ter havido posteriormente qualquer ação no sentido de proteger este “património museológico”, uma vez que, após esta intervenção o que resta dos edifícios ficou menos protegido da ação de intrusos. Em nosso entender teria sido preferível que se nada tivesse sido feito, uma vez que a vegetação existente servia de barreira dissuasora.

Apesar de tudo, uma vez que o terreno se encontra limpo, seria oportuno, e útil, proceder ao levantamento topográfico e a uma prospeção arqueológica que forneceriam os primeiros dados para os futuros projeto arquitetónico e programa museológico.

A recuperação das paredes da Quinta da Murzinheira deverá ter também como objetivo servir de “**ponto de memória**” do que eram as grandes quintas de Arruda dos Vinhos.

“A quinta, para as minhas vistas de criança, parecia-me uma coisa de grande beleza e importância. Creio que me dava

⁷⁰ Ver nota 69, p.15-16.

⁷¹ [Http://www.publico.clix.pt/print.asp?id=1302977](http://www.publico.clix.pt/print.asp?id=1302977).

⁷² [http://www.cm-arruda.pt/News/Vamos-Limpar-a-Europa- \(13-07-2015\)](http://www.cm-arruda.pt/News/Vamos-Limpar-a-Europa- (13-07-2015)).

vaidade ver o meu pai pagar aos homens de trabalho... Um homem só a distribuir tanto dinheiro!”⁷³.

A Quinta da Murzinheira poderá resgatar uma memória coletiva do passado, lembrando a todos que a visitem os usos e costumes das Grandes Quintas da Estremadura e Ribatejo,

“segundo um código medieval que dava ao senhor do feudo direito de posse sobre a terra e sobre os que nela trabalhassem.”⁷⁴.

Pretende-se que o MIL seja um museu ao serviço da comunidade, e assim, requalificar a Quinta da Murzinheira será mais uma forma de resgatar o passado local. Propõe-se ainda que, ao recuperar as ruínas da quinta, se devolva a memória coletiva da adega que ainda lá se mantém, como complemento de alguns apontamentos da habitação que poderão ser reconstituídos.

Além da recuperação do edifício da quinta, deverá ser acrescentado um edifício de raiz para albergar o projeto museológico do MAV, deslocando-se para aí o pequeno espólio da escritora e criando condições para pôr de pé o projeto da “Casa da Leitura Irene Lisboa”.

Assim, propõe-se um projeto arquitetónico para a Quinta da Murzinheira funcionando como “cartão-de-visita” da “Casa da Leitura Irene Lisboa” e onde se pretende que quem a visite tenha uma experiência única num misto de passado e presente. O visitante sentir-se-á acolhido, com vontade de entrar, e de voltar. Se a experiência for boa, passará a palavra a futuros visitantes, servindo como dinamizador de futuras visitas à “Casa da Leitura”.

⁷³ Ver nota 22, p. 44.

⁷⁴ Marques, Paulo, *15 Portugueses Ilustres*, Porto: Porto Editora, Lda., 2012, p. 261.

3.6.3. Instalação da “Casa da Leitura” Irene Lisboa

A Quinta da Murzinheira deverá apresentar-se como um espaço museológico que pretende vir ao encontro de um projeto já antigo do Pelouro da Cultura da CMAV e que consiste em “registar as memórias, a cultura e a entidade deste concelho”⁷⁵.

Este espaço deverá albergar um serviço público onde, para além da área acessível ao público – já referida no Capítulo 4.5.1. – exista outra área mais restrita, à qual só os funcionários terão acesso, como é o caso das áreas de reservas, destinadas ao espólio que não se encontra exposto, mas que deverá estar devidamente resguardado, armazenado e acondicionado. Outra área a ser considerada é a destinada à conservação e restauro do espólio, lugar onde poderá ser examinado, tratado e possivelmente ser reconstituído, nos casos em que tal se justifique.

A “Casa da Leitura” deverá apresentar-se como um espaço notável da cultura no Concelho de Arruda dos Vinhos. São também objetivos que se constitua como um espaço de encontro e de partilha entre leitores e escritores. Em paralelo, procura-se que seja um espaço dedicado ao livro, servindo uma comunidade, geográfica e culturalmente, mais desfavorecida. Os seus utilizadores poderão desenvolver um conjunto de atividades ligadas à leitura e às artes do livro, assim como conhecer melhor o mundo dos editores e livreiros.

O atual projeto/programa cultural foi elaborado e pensado com base na vida e obra da escritora Irene Lisboa, mas vai mais além, abrangendo o livro e toda a atividade desenvolvida em torno dele. Será um espaço cultural que pretende abrir as suas portas aos profissionais que trabalham nas diferentes áreas do universo do livro. Deste modo, a “Casa da Leitura” poderá convidar e receber, entre outros, livreiros, editores, mediadores de leitura, contadores de histórias, ilustradores, escritores, encadernadores, etc. Todos eles darão o seu contributo para que a “Casa da Leitura” funcione nas suas diversas valências.

⁷⁵ Ferreira, Paula, Câmara, Paulo *Quintas do Concelho*, s.l. : Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2000, p. 8.

4. Programar o Museu Irene Lisboa

4.1. Um projeto cultural para uma “Casa da Leitura”

Ter uma porta aberta não garante a existência de um museu, assim como elencar atividade, que faz parte de uma programação mais ou menos planejada, não chega para gerir o dia-a-dia do museu.

O museu passa por uma organização interna que começou pela caracterização da sua vocação e missão, e pela análise das possibilidades do seu espaço físico. Estes elementos são fundamentais a ter em conta no desdobramento das funções museológicas do MIL.

Definidas a vocação e missão do MIL, estão reunidas as condições para delinear o projeto cultural (PC) da “**Casa da Leitura**”. Esta tarefa assenta no **programa científico** que permitirá transmitir os conteúdos do MIL através da investigação e do estudo que o museu vá tendo ao longo da sua existência.

Enquanto “**Casa da Leitura**”, pretende-se que o MIL implemente um projeto educativo de leitura, e seja um espaço de diálogo com base no livro e na leitura, onde serão desenvolvidas atividades que permitam divulgar e contribuir para a criação de hábitos de leitura como forma de manter viva a memória da Escritora.

O PC materializa-se através da realização de atividades que o museu disponibiliza ao público. Assim propomos um PC para a “**Casa da Leitura**” elaborado a partir da construção da narrativa, focando a exposição permanente na obra literária de Irene Lisboa, como protagonista, e com uma durabilidade de oito a doze anos. Quanto a exposições temporárias, propomos uma durabilidade de três meses, deixando um mês de intervalo entre cada exposição. Estas exposições procurarão trazer outros conhecimentos sobre a vida e obra da escritora, assim como manter o interesse do público e captar outros.

Atualmente, os públicos dos museus são mais informados e, conseqüentemente, mais exigentes. Desta forma, entre outras, o PC oferecerá diversos tipos e níveis de atividades integradas num serviço educativo que se pretende consolidado, tais como recitais de poesia, colóquios, palestras, etc. O PC do MIL terá uma identidade própria que passará por um equilíbrio entre a rotina necessária à sua consolidação e projetos inovadores.

4.1.2. Aproveitar a dinâmica da Rede de Leitura Pública

“A biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais.”⁷⁶

A implementação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas surge, em 1987, da iniciativa de Teresa Patrício Gouveia, então Secretária de Estado da Cultura, e de Maria José Moura, coordenadora do relatório então apresentado. Deste trabalho resultou a aplicação nas Bibliotecas Públicas dos princípios e normas internacionalmente estabelecidos. Deste forma, as Bibliotecas em Portugal começaram a ter serviços diversificados, para adultos e crianças, coleções abrangentes e em diferentes suportes, empréstimo domiciliário, livre acesso às estantes, etc.

A criação de parcerias entre a Administração Central e Local, além de possibilitar a instalação e modernização das bibliotecas públicas, também integra programas de secções diferenciadas, para adultos e crianças, como espaços polivalentes para atividades de animação, colóquios, exposições, etc. Além de livros, jornais e revistas, as bibliotecas reúnem documentos áudio, vídeo e multimídia, de forma a acompanhar as correntes atuais da literatura, das ciências, das artes, etc. Disponibilizam ainda serviços baseados nas tecnologias de informação e comunicação, sendo o mais comum o acesso à internet.

Foi neste âmbito que a CMAV aderiu a esse programa e nasceu a Biblioteca Municipal Irene Lisboa⁷⁷. Propomos agora incorporar também no museu a dinâmica da Rede de Leitura Pública.

⁷⁶ In Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas:

<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/bibliotecasPublicas.aspx> (12-10-2015).

⁷⁷ A maioria das alterações que tem sido introduzidas no funcionamento da biblioteca, pouco ou nada têm contribuído para a melhoria dos serviços que esta presta. Estas alterações, que têm sido a nível de instalações, horários e distribuição de serviço, não obtiverem resultados positivos, quer a nível do aumento da frequência do público existente, quer também a na adesão de novos públicos.

4.2. Uma “Casa da Leitura” produtora de conhecimento

Como qualquer museu, o MIL tem como missão **Estudar, Conservar, Divulgar e Educar**, e este propósito só pode ser válido se for partilhado. Segundo Cornelia Brüninghaus-Knubel⁷⁸, o facto de tornar público o conhecimento e o acervo de um museu a todas as pessoas, de todas as idades e estatutos sociais, deixando-as participar no conhecimento e cultura, servirá a missão do MIL.

“Uma exposição é uma narrativa, uma história que num determinado momento e espaço é contada de uma determinada maneira, mas acima de tudo uma exposição constitui um modo único de construção de conhecimento.”⁷⁹

O MIL distingue-se pela singularidade dos objetos apresentados, o(s) tema(s) abordado(s) e os diferentes públicos que o visitam. Possui um “ADN” próprio que o torna diferente e único. Mais, o MIL deverá apresentar-se como um espaço de liberdade do pensamento onde, através das exposições, permanente e temporárias, o público empreenderá um processo de aprendizagem que alarga os seus conhecimentos.

Propõe-se desenvolver o conhecimento através da investigação e do estudo, com o fim de documentar todo o acervo do museu. Mais adiante, aprofundar-se-á este tema, inserido no Capítulo sobre o Centro de Documentação.

O programa científico do MIL permitirá investigar e estudar quem foi Irene do Céu Vieira Lisboa. Numa época onde as mulheres procuravam seguir uma profissão como médicas ou professoras, Irene Lisboa notabilizou-se como professora e pedagoga. Como personalidade feminina, desenvolveu uma preparação intelectual à frente do seu tempo. Embora por vezes se pretenda erradamente associar a sua obra ao *movimento neorrealista*, a sua escrita ficará para sempre ligada ao bucólico e ao lirismo português.

A aquisição de conhecimento processar-se-á entre o museu e o visitante. Tendo como princípio, como explica Mariana Mendes de Mesquita, no texto intitulado “Um projeto de novas tecnologias aplicadas na casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves”, a

⁷⁸ Directora do Departamento de Educação, Wilhelm Lembruck Museum, Duisburg, Alemanha. Brüninghaus-Knubel, Cornelia, “Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas”, in *Como Gerir Um Museu: Manual Prático*, Paris : ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, p. 129-144.

⁷⁹ Rodrigues, Ana Duarte, “Construção de conhecimento com o virtuoso criador”, in *Revista Vox Musei Arte e Património*, Volume 1, número 1, janeiro-junho, 2013 – Tema Arte, Património e Museus, p. 53.

aprendizagem que se faz dentro de um museu é resultante de uma “interacção possível entre a obra e o visitante.”⁸⁰.

Deste modo, as exposições vão construindo narrativas que permitem contar novas histórias, alargando cada vez mais o conhecimento de quem visita a “Casa da Leitura”. As aprendizagens serão reforçadas através de outras ações que o museu desenvolverá em paralelo, e resultam das diferentes atividades do Serviço Educativo. A ação dos diferentes mecanismos conduzirá ao cumprimento da missão do MIL.

4.3. Uma “Casa da Leitura” solidária

No seu texto «Déscolariser le musée: les musées et leurs ressources à la portée de tous»⁸¹, Michael M. Ames propõe uma nova perspetiva na organização dos museus. Apropriando-se da palavra “déscolarisation”, do filósofo e pedagogo austríaco, Ivan Illich, o autor defende que numa sociedade contemporânea, cada vez mais, os museus tenderão a democratizar-se e caberá às pessoas participar nas decisões que respeitam à administração, aos programas educativos e à gestão das coleções.

“[...] a instituição museológica exerce outras funções, não de menor relevo, a saber: na educação e na cultura, no reforço à identidade das respectivas comunidades e no próprio desenvolvimento.”⁸²

Sem dúvida que os finais do século XIX, e inícios do XX, marcaram uma viragem na maneira como eram vistos os museus. Passaram de ser maioritariamente frequentados pelas elites para, progressivamente, o serem por um público mais heterogéneo. Assim, os museus considerados espaços de excelência, não cumpriam com outras funções para além da de recolher e conservar objetos. Com o advento da República e, conseqüentemente,

⁸⁰ Mesquita, Mariana Mendes de, “Um projeto de Novas Tecnologias aplicado na casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves”, in *Revista VOX MUSEI arte e património*, volume 1, número 2, Julho-Dezembro 2013 – Tema Património, Educação e Museus, p. 311.

⁸¹ Ames Michael M., “Déscolariser le musée: les musées et leurs ressources à la portée de tous”, in *Museum*, n.º 145, Paris, Unesco, 1985, p. 25-31.

⁸² Mendes, José Amado, *Estudos do património, Museus e Educação*, Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 51.

com a ação dos grupos de Republicanos, e com o aparecimento das casas-museu, os museus começaram a ter uma função educativa para outros públicos.

Consagrado na Declaração de Santiago do Chile (1972), nos finais dos anos 60 do século XX, são difundidas “novas” ideias sobre “o que é”, “para quem” e “para que serve” a instituição museológica. Ao longo das décadas de 70, 80 e 90 foi-se enraizando uma nova atitude no funcionamento dos museus que passam a assumir um papel mais pró-ativo como agentes de mudança social.

Em 18 de maio de 2008, o ICOM propôs no seu dia comemorativo⁸³ atividades subordinadas ao tema *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento*⁸⁴. Desta forma abre-se ao diálogo um dos pontos fundamentais que está presente na definição de museu, estabelecida pelo ICOM, e no qual é focada a seguinte ideia:

“[...] museu [...] ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento.”⁸⁵.

Hoje, a função social do museu continua a ser um tema que suscita reflexão, debate e discussão. Regressando aos finais do século XIX, verifica-se ter sido uma época marcada por uma população com uma elevada taxa de analfabetismo, e onde a ação dos republicanos contribuiu, de forma concreta, para um processo de transformação dos tecidos sociais, assim como para uma efetiva melhoria das condições de existência. Desde aí, a função social dos museus tem evoluído para programas mais amplos de educação, tendo como conceito-chave a «formação para a cidadania»⁸⁶.

Partindo do pressuposto que a “função social” do museu é dinâmica, e acompanha a evolução das sociedades, procuramos perceber de que forma a “Casa da Leitura” poderá ser, no seio da comunidade, um agente de mudança social.

Numa freguesia desertificada, e onde não existem equipamentos culturais, a população conta apenas com o coreto como local de encontro, para pontualmente participar em algumas atividades que se vão realizando ao longo do ano. Através da “Casa

⁸³ Dia Internacional dos Museus.

⁸⁴ Freire, Cláudia Jorge, “Dia Internacional dos Museus 2008”, in *Boletim RPM*, n.º 27, março 2008, p. 29-30.

⁸⁵ Ver nota 83.

⁸⁶ Interessa-nos que se fique com uma ideia geral da evolução da “função social” dos museus. Para mais detalhes remetemos para o capítulo “Uma «função social» que se foi alternando em consonância com processos de transformação social e cultural”: Faria, de Margarida Lima de, “A Função Social dos Museus”, in AAVV, *A Cultura em Acção: Impactos sociais e território*, Porto : Edições Afrontamento, 2003, p. 29-38.

da Leitura”, propõe-se uma atuação junto da comunidade local, estabelecendo novas formas de relacionamento, e cumprindo com uma função complementar que pretende colmatar as questões da *necessidade/função*⁸⁷:

- (i) *Necessidade/ Função identitária,*
- (ii) *Necessidade/ Função de sociabilidade,*
- (iii) *Necessidade/ Função de participação cívica,*
- (iv) *Necessidade/ Função de solidariedade,*
- (v) *Necessidade/ Função de inclusão multicultural,*
- (vi) *Necessidade/ Função de informação,*
- (vii) *Necessidade/ Função de aquisição/ transmissão de conhecimentos de modo crítico e de acordo com múltiplas leituras,*⁸⁸

Assim, o MIL deverá procurar adaptar a sua realidade às novas formas e linguagens museológicas. Tendo em conta a sua realidade e as circunstâncias que o definem, pensamos que a instalação da “Casa da Leitura Irene Lisboa”, na Quinta da Murzinheira, poderá, através da possibilidade de alargamento de ofertas lúdico/culturais, funcionar como agente de fomentador de visitas individuais, e de grupos. Estando dependente da tutela do município, o MIL procurará chegar de forma efetiva ao público local, em especial à população das escolas e dos centros de convívio sénior do concelho.

Aos poucos, e de forma consolidada, irá introduzindo e diversificando atividades, assim como procurará chegar aos públicos dos outros concelhos limítrofes, como Vila Franca de Xira, Sobral de Monte Agraço, Alenquer, Loures e Mafra.

Com a definição de um programa cultural, o MIL deverá ser capaz de se constituir como um polo dinamizador ao serviço do desenvolvimento local, interagindo com as populações, e formando novos públicos.

⁸⁷ Ver nota 86, p. 35.

⁸⁸ Ver nota 86, p. 35.

4.4. “Uma Casa da Leitura” e as pessoas.

4.4.1. A pouca afluência do(s) público(s)

Segundo a informação disponível no *site* do município de Arruda dos Vinhos⁸⁹, o MIL registou, em 2007, um total de 417 visitas, número que, em 2008, caiu para 219. Nada se sabe no entanto sobre quem foram esses visitantes, nem em que contextos se terão realizado estas visitas. A partir de 2008, o *site* é omissivo e, desde novembro de 2013, data em que começámos a acompanhar a “vida” do “Museu”, apenas registámos quatro pedidos, que resultaram em apenas três visitas, num total de oito visitantes⁹⁰.

A acreditar na informação disponível on-line, surge-nos uma questão: quais terão sido os motivos de tamanho desinteresse? No seu livro *Elementos de Museologia*⁹¹, datado de 1953, Mário Gonçalves Viana já formulara a mesma pergunta quando constatou que a maior parte dos museus, comparando com museus mais “afamados” e “conhecidos”, também eram pouco visitados. O destino destas instituições parece estar votado a um “abandono” e um “torpor” os quais, e podemos fazer uma comparação com o MIL, o autor justifica com três argumentos:

1.º *Insuficiência de cultura.*

Aquele autor referia que o “dinamismo da vida contemporânea tem conduzido a uma superficialidade, que não favorece a cultura.”⁹² Hoje, com o avanço da tecnologia, a globalização e a banalização de acontecimentos/eventos, acentua-se ainda mais esta “superficialidade”.

Por outro lado, o pouco interesse que o nome de Irene Lisboa continua a suscitar no público em geral, resulta na quase inexistência de investigadores interessados neste tema. Os poucos investigadores conhecidos praticamente só têm trabalhado a partir da obra publicada, e apenas conhecemos um que tem promovido e editado alguns dos textos inéditos deixados pela escritora⁹³.

⁸⁹ <http://www.cm-arruda.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=0e19d7ca-be1d-4e4c-9018-c639b9074c88> (04-01-2015).

⁹⁰ Uma das marcações não compareceu, comunicando, à posteriori, a sua impossibilidade.

⁹¹ Viana, Mário Gonçalves, *Elementos de Museologia*, sep. de *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, Ano 14, n.º 3-4, Lisboa : 1953.

⁹² Ver nota 91.

⁹³ Trata-se da Doutora Paula Morão.

2.º *Imobilização dos museus.*

Embora o MIL tenha sido construído de raiz, nem o edifício, nem a sua estrutura, foram pensados para se constituir como um museu do século XXI – sobretudo se consideramos tratar-se de um museu inserido num meio rural.

3.º *Isolamento dos museus*

Geograficamente, o MIL localiza-se em meio rural e isolado (contrariamente, ao museu do escritor Ferreira de Castro, em Sintra, que devido à sua localização beneficia da afluência turística que ocorre constantemente àquela bela vila portuguesa).

Apesar de, a escassos metros, existir o largo do coreto, ponto de encontro e realização de festividades, resistindo ao progressivo isolamento social, fruto das formas de vida do tempo presente, o MIL tem permanecido votado ao abandono.

Como inverter esta situação? Como atrair públicos ao MIL? Como interessá-los por este equipamento?

4.4.2. Públicos são pessoas

O MIL parece estar parado no tempo. À luz dos atuais conceitos da *Nova Museologia*⁹⁴, não funciona como seria de esperar. Georges-Henri Rivière introduz um novo olhar relativamente à frequência dos museus:

“La population devient, pour la première fois dans l’histoire des musées, un partenaire de l’institution et de ses responsables.”⁹⁵.

Hoje, o museu do século XXI já não é só para uma elite, abriu-se aos públicos que se caracterizam pela sua diversidade. Atualmente, o museu é igualmente um espaço multifuncional.

⁹⁴ Conceito desenvolvido principalmente por Georges Henri Rivière a partir da década de 60 do século XX. Rivière, G.-H., *Essai sur le Musée de Site*, Paris : ICOM, 1978. Ver nota 46.

⁹⁵ AAVV, *La Museologie selon Georges Henri Rivière*, Paris : Dunod, 1989, p. 312.

Cumprindo com a sua função social, o museu deverá ser um espaço aberto a diversos públicos, receber diferentes tipologias de visitantes e visitas (individuais, grupos de adultos independentes, grupos familiares, grupos educativos, visitantes com necessidades especiais (deficiência física e mental)).

O espaço do museu deverá funcionar como um local de aprendizagem que atraia estudantes, investigadores, curiosos os quais precisarão de tempo para percorrer a exposição e, como tal, deverá possuir pontos estratégicos para descanso, reflexão, leitura da informação disponível, devendo também disponibilizar assentos portáteis.

Por vezes, o espaço de um museu pode ser utilizado como um local de encontro, de convívio ou até de sossego devendo por isso a arquitetura, em função dos diferentes tipos de utilizadores, ser também pensada como um lugar seguro e esteticamente hospitaleiro. Um belo jardim, uma acolhedora cafetaria ou esplanada, poderão constituir os elementos certos para os visitantes.

Para grupos organizados, como os escolares, o museu deverá prever espaços para malas e casacos, espaço para desenvolvimento de atividades com os técnicos de serviço educativo, e até mesmo um espaço onde poderão ser tomadas refeições ligeiras.

Mesmo localizado em meio rural, o MIL deverá encontrar estratégias para atrair públicos diversificados. Muito terá a ganhar se conseguir adaptar-se e fazer programas diferenciados para os vários públicos, consoante escalas etárias, universos culturais, etc. Nos dias que correm não há “um” público de museu, há públicos de museu.

4.5. Coleções e Exposições

“O verdadeiro luxo de um livro deve residir na superioridade da obra escrita, na beleza da ilustração, na apropriação da tipografia, na perfeição da tiragem, na qualidade de papel e num número limitado de exemplares.” (Charles Saunier)⁹⁶.

⁹⁶ Citado por Lisboa, Irene, *Inquérito ao Livro em Portugal II A Arte do Livro*, Seara Nova, 1946, p.14.

4.5.1. A Coleção: aspetos da sua incorporação, conservação e apresentação

O espólio da escritora, pertencente ao MAV, é composto por cerca de uma centena e meia de objetos, e resulta da doação feita por Inês Gouveia⁹⁷ com a finalidade de se constituir um museu. Pouco se sabe sobre a forma como, em 2007, as peças estavam acondicionadas antes de terem sido incorporadas no museu.

Aquando da incorporação, este espólio chegou à CMAV em caixas de cartão, estando os objetos de metal, loiça e vidro embrulhados em folhas de jornal. Seguidamente, a coleção foi colocada em exposição numa sala do 2.º piso do “museu”, com uma janela voltada a sudoeste, o que é desaconselhado em termos de conservação. Cerca de quatro anos depois, em 2011, a coleção foi transferida para o piso térreo, com uma maior área de fenestração (possui um portão de garagem, com três folhas, e com vidros a ocupar quase a totalidade da área) mas, nessa altura, houve o cuidado de colocar película protetora de UV⁹⁸.

O nosso primeiro contato com o espólio da escritora aconteceu em novembro de 2013, por ocasião de uma visita à sala de exposição. Depois de chamar a atenção dos responsáveis para a urgência de inventariar e monitorizar a coleção, iniciou-se um trabalho de pesquisa sobre o passado e historial da coleção.

A deficiente informação das tabelas e falta de **documentação** que acompanhava os objetos obrigaram a iniciar a inventariação do espólio. Esta tarefa foi considerada fundamental, uma vez que a informação recolhida é portadora de inúmeros dados essenciais à compreensão, conservação e divulgação da coleção: materiais constituintes, contexto histórico e social, o universo que está associado ao uso, fruição, etc. Caso um objeto não possua documentação que o contextualize, perde grande parte do seu interesse, acabando por ser considerado como se não existisse.

Quanto à conservação dos objetos, foi feito um diagnóstico do seu estado atual. Seguidamente foram implementadas ações de **conservação preventiva**, nomeadamente no que respeita à exposição à luz, à temperatura e humidade relativas e à forma de apresentação em exposição, de forma a garantir uma maior segurança durante as visitas do público. No entanto há ainda um longo trabalho a desenvolver, nomeadamente no que

⁹⁷ Doação realizada em 26 de fevereiro e 23 de março de 2007. Maria Antónia Soares dos Reis Brandão, sobrinha de Irene Lisboa, também doou, em 29-11-2012, uma peça para o museu (Tapete, Inv. n.º 107).

⁹⁸ Radiações ultravioleta.

respeita a sensibilizar chefias e funcionários para a importância da implementação e cumprimento de **normas** para lidar com este património museológico.

4.5.2. As tipologias do Acervo e a conservação dos materiais

Embora o espólio da escritora seja reduzido a cerca de uma escassa centena de objetos, o trabalho de inventariação e classificação, como mais adiante se poderá constatar, permitiu dar sentido às narrativas possíveis da exposição permanente.

A identificação das diferentes tipologias da coleção permitiu ainda organizar as peças de acordo com os materiais constituintes, a sua função ou a forma como a escritora as adquiriu, possibilitando uma substancial melhoria na museografia e narrativa da exposição.⁹⁹.

A descrição que se segue das tipologias da coleção foi baseada na identificação e organização das peças de acordo com os materiais constituintes. No entanto, é bom ter em conta que se trata de uma coleção composta, na sua maioria, por objetos do quotidiano de Irene Lisboa. Encontramos um número significativo das suas publicações, a mesa e a máquina de escrever, peças de vestuário, acessórios de moda e de uso doméstico, bem como alguns documentos manuscritos. São objetos que a escritora utilizava, ou guardava por terem pertencido à família. Existe ainda um pequeno núcleo composto por publicações póstumas que se encontra em exposição para mostrarem a “atualidade” da escritora.

O núcleo principal, e sem dúvida o mais frágil, é composto por um conjunto de objetos em suporte de papel, constituído por publicações e outros materiais impressos, assim como alguns manuscritos, na sua maioria correspondência e ainda algumas provas fotográficas.

Outro núcleo é o dos têxteis, composto por apenas pouco mais de uma dezena de objetos, como peças e acessórios de vestuário, naperons bordados e uma pasta de palhinha. Os terminais de um par de suspensórios, e uma bolsa de óculos, são as únicas peças em pele.

Um conjunto de mesa e banco, o cabo de um sinete e uma caneta de aparo, são os objetos que encontramos em madeira. Um par de óculos e os cabos de quatro talheres, em

⁹⁹ Uma descrição sumária das tipologias já foi atrás apresentada, no capítulo 3, De um museu de Relíquias para uma “Casa da Leitura” (p. 27).

massa (baquelite?), devido a sua “idade”, já se apresentam ressequidos, sendo necessário o máximo cuidado no seu manuseamento.

Se por um lado os metais de alguns dos objetos, como o aço dos talheres acima referidos, a prata, o latão ou o cobre de outras peças, não oferecem grandes preocupações de conservação, por outro, o ferro e o bronze de uma condecoração ou o zinco das diversas zincogravuras apresentam vestígios, mais ou menos preocupantes, de oxidação. O mesmo se verifica com a máquina de escrever de Irene Lisboa, cuja oxidação tem provocado o destacamento da tinta de proteção, tendo já desaparecido alguns elementos identificadores da marca.

Menos preocupações inspiram as peças de loiça, faiança e porcelana, e as de vidro, objetos com os quais os principais cuidados a ter prendem-se com o manuseamento, e o risco de choque.

Podemos considerar um último núcleo composto por objetos de materiais diversos, como marfim e madrepérola, que atendendo ao seu bom estado de conservação também não suscitam preocupações especiais.

4.5.3. A Inventariação da coleção

Em 2013, quando entrámos em contato com o espólio da escritora, os espécimes estavam relativamente bem organizados, na sua maioria colocados dentro de vitrinas. Como já se referiu foi necessário alterar a apresentação e disposição de alguns objetos com a intenção de: 1) salvaguardar os espécimes e 2) dar uma leitura mais clara à narrativa. Uma vez que apenas existia uma lista incompleta e imprecisa do espólio, o procedimento que considerámos ser mais urgente foi a elaboração de um livro de tomo.

Desde abril de 2015, foi possível contar com o apoio da Arquiteta Inês Gouveia, que se tem revelado um testemunho precioso para esclarecer e estabelecer ligações com aqueles objetos, visto ser o último testemunho vivo do quotidiano de Irene Lisboa, sua madrinha. Infelizmente, não tem sido possível disponibilizar o tempo que gostaríamos para recolher o seu testemunho com maior regularidade.¹⁰⁰

¹⁰⁰ A Arquiteta Inês Gouveia demonstrou a máxima disponibilidade para prestar este auxílio. No entanto, a sua idade, e as nossas obrigações profissionais, têm condicionado este processo.

4.5.4. Coleções e Percurso(s) Expositivo(s) / Narrativa(s)

“Nos dias de hoje, à definição de exposição ou de museu que, como disse Omar Calabrese, não se limitam a mera exposição dos critérios de classificação dos testemunhos, mas criam tramas fascinantes, numa palavra, **contam uma história** que faça funcionar convincentemente o binómio **memória/identificação.**”¹⁰¹.

A “Casa da Leitura” deverá ser um espaço dedicado à obra literária da escritora Irene Lisboa, devendo no entanto estar igualmente patente um núcleo expositivo ilustrador dos universos que acompanharam a sua vida. De forma a melhor cumprir com a missão, e dar a conhecer a obra literária da protagonista, a exposição permanente, mais generalista, e as exposições temporárias, destinadas a aprofundar aspetos particulares da vida e obra de Irene Lisboa, serão complementadas com “visitas guiadas”, conduzidas pela equipa de serviço educativo do museu.

4.5.4.1. Exposição permanente/ exposições temporárias

O percurso expositivo pretende de uma forma simples, direta e acessível, dar a conhecer a vida e obra de Irene Lisboa. A exposição apresentará, através da linguagem museal¹⁰², conteúdos que facultam o máximo de informação, quer através de suportes adjacentes (tabelas, luz, cor), quer de suportes satélites (folhetos, textos de parede, catálogos, ecrãs digitais, sonoridades, etc.). Desta forma, toda a informação colocada construirá um discurso através da relação entre objetos museais¹⁰³ e artefactos levando o visitante a realizar leituras mais abrangentes sobre a identidade e a obra desta grande escritora.

¹⁰¹ Baptista Pereira, F.A. “Museus e novos espaços de exposições”, in *Architecti*, 32 (ano VII, jan/fev/mar), Oeiras, Editora Trifório, 1996, p. 27.

¹⁰² Desenvolvida por Lameiras-Campagnolo, Maria Olímpia e Henri Campagnolo, “Un exemple de “langage mixte”: le langage muséal”, in *Boletim da APOM*, II Série (4), Lisboa : 1996, p.16-21; _____ “Um exemplo de linguagem “mista”: a linguagem museal”, in *Actas do Colóquio “Museus e Autarquias”*, Tondela : Câmara Municipal de Tondela, 1993, p. 43-48.

¹⁰³ O espólio da escritora Irene Lisboa.

A exposição permanente resulta de um trabalho contínuo de investigação e organização da coleção¹⁰⁴ mas, embora o MIL tenha aberto ao público em 2007, ainda não tinha sido possível ao município de Arruda dos Vinhos realizar este trabalho. É importante nunca esquecer que as funções museológicas passam por investigar e interpretar os objetos que compõe o acervo, de forma a aumentar o conhecimento e permitir uma melhor elaboração das narrativas expositivas.

Uma das funções do museu, **Divulgar**, passa logicamente pelas suas exposições: a permanente e as temporárias. Assim, propõe-se que a calendarização do programa geral das exposições seja agendada para uma periodicidade de doze anos, prevendo-se uma renovação da exposição permanente, de seis em seis anos. Quanto às exposições temporárias foi tido em conta os custos que cada atividade dessa natureza acarreta, assim como os recursos atualmente disponíveis pela autarquia, e considerou-se aconselhável uma programação anual de três exposições.

Toda a ação museológica tem como objetivo servir o público, contribuindo para a sua educação, e a visita a uma exposição permanente permite não só captar, como também fidelizar esse público, geração após geração. Torna-se pois inevitável manter o interesse de uma exposição permanente, renovando-a, para que, com o passar do tempo, não vá esgotando a curiosidade e interesse do público.

Presentemente, e cada vez mais, os visitantes são ávidos de novidades, querem estar informados, usando também os museus como forma de se atualizarem. Esta exigência dos públicos não se consegue só através da exposição permanente. De forma a cumprir com a sua Missão, os museus precisam de alargar a investigação sobre os seus espólios, aprofundar o conhecimento, para que se torne possível contar novas histórias que deverão ir sendo apresentadas em exposições temporárias.

4.5.4.2. A obra literária, protagonista da Exposição Permanente

“Irene não era uma pessoa complicada, era uma pessoa de uma grande riqueza emocional, de um grande poder de observação, extraordinário, e de uma facilidade, também extraordinária, para

¹⁰⁴ Remete-se para os capítulos 3.1. Formação do Museu Irene Lisboa e 4.5.1. A Coleção: aspetos da sua incorporação, conservação e apresentação, por estar explicado todo o processo da montagem da exposição permanente antes de 2013, ano em que se começou a acompanhar a vida do museu.

dar as mutações de tudo quanto via, de tudo quanto ouvia, de tudo quanto sentia. [...] e tinha a paixão de ser acessível...”¹⁰⁵.

A exposição permanente retrata um vulto da cultura portuguesa, que também se notabilizou profissionalmente como professora e pedagoga. Mulher dotada de uma forte personalidade feminina, como já se referiu, possuía uma preparação intelectual à frente do seu tempo. A proposta apresentada, adaptando-se a diferentes possíveis percursos expositivos, assenta na ideia de exibir uma narrativa elaborada a partir da obra da escritora. Irene Lisboa escreveu pequenos contos para a infância, novelas, crónicas, poesia, obras de pedagogia, crítica literária, etc.

O acervo da escritora, que compõe a exposição permanente, é constituído por cerca de oito dezenas de testemunhos. Este espólio permite contextualizar a sua história e atualidade, através de um percurso desde a infância à idade adulta, anotando sítios, locais por onde passou (como a Quinta da Murzinheira, Lisboa, a Serra da Estrela, França, Suíça e Bélgica), e revelar a sua atividade profissional, a sua obra, e a qualidade da sua escrita.

Optou-se por apresentar a obra literária da escritora por meio de uma cronologia que ao mesmo tempo que dá a conhecer a escrita de Irene Lisboa, acompanha o seu percurso de vida através dos poucos objetos disponíveis que compõe o seu espólio.

Assim, o percurso expositivo começa por destacar duas obras emblemáticas da autora, “*Começa uma vida*” e “*Voltar atrás para quê*”, obras de carácter autobiográfico que são verdadeiramente um diário da sua vida. Por outro lado, os espécimes como os suspensórios bordados a ponto cruz com o monograma do pai, a pega de uma sombrinha de criança que pertenceu a Irene, cujo cabo é em madrepérola, poderão funcionar como ilustração dos seus primeiros anos de vida.

Percorrer a obra da escritora permite compor outra narrativa da exposição, uma visão social mais ampla, isto é, através da sua obra o visitante poderá encontrar um valioso testemunho dos acontecimentos do quotidiano da primeira metade do século XX, que

¹⁰⁵ Para estruturar a exposição permanente, recorreu-se à bibliografia disponível sobre a autora, assim como também a um documentário realizado pela Videoteca Municipal de Lisboa, em maio de 1993, com o título: “*Irene Lisboa, lembrada por alguns dos que não a esqueceram*”, a partir de uma ideia de Clara Rocha. Nesta reportagem há um pequeno excerto de outro documentário, produzido pela RTP em 1974, onde aparece um depoimento de Ilda Moreira que faz a presente descrição da sua amiga (<https://www.youtube.com/watch?v=LMm6H5MMPss> (27-10-2015))

marcaram a vida da escritora, ocorridos entre o local onde Irene Lisboa nasceu, o Casal da Murzinheira, e Lisboa, local onde acabou por passar a maior parte da sua vida.

Existindo também referências, como a que foi reproduzida numa monografia editada pelo MAV, que tem como título “*Arruda, uma Viagem no Tempo*”, onde cujos autores fazem uma transcrição do texto onde Irene descreve uma procissão que decorre em Arranhó, propõe-se que o percurso expositivo, através de informação satélite, seja acompanhado por trechos de alguns dos textos onde a escritora fez referência a aspetos diversos do Concelho de Arruda dos Vinhos.

A exposição permanente não poderá também deixar de contar outras narrativas, como as ligadas ao tema da criança e do ensino – desde criança Irene Lisboa sempre foi imaginativa na sua escrita e, mais tarde, boa aluna no liceu. A sua formação no magistério, a sua passagem como bolsista no estrangeiro, de que resultou o seu contacto com professores como Edouard Claparède¹⁰⁶, e a profissão como professora e pedagoga, foram sempre acompanhadas da paixão pela escrita.

O visitante poderá igualmente contactar com a escrita dedicada às crianças mas não só, também aos adultos, como ela própria escreve

“Histórias para maiores e mais pequenos se entreterem”¹⁰⁷

referindo-se às seguintes obras: *Queres ouvir? Eu Conto*, os *13 Contarelos* e *Uma Mão Cheia de Nada, Outra de Coisa Nenhuma*.

Esta narrativa poderá ter seguimento com outro tema importante de referir – a presença e importância de Ilda Moreira na vida da escritora. Além de companheira e amiga de Irene Lisboa, foi autora de algumas das ilustrações para as suas obras. O percurso expositivo deverá ser complementado com a presença de outros autores que

¹⁰⁶ Édouard Claparède (1873-1940) neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, centrou os seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Na Europa, a sua influência é notada na escola da psicologia funcionalista e as suas teorias tiveram grandes repercussões nos movimentos de renovação pedagógica na primeira metade do século XX, e influenciaram o pensamento de Irene Lisboa na sua prática profissional. Irene Lisboa foi aluna do Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, academia fundada por Claparède, em 1912, para a investigação e ensino da psicologia e da psicopedagogia. https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89douard_Clapar%C3%A8de (06-10-2015).

¹⁰⁷ Lisboa, Irene, *Queres Ouvir? Eu Conto*, Lisboa : Portugalia, 1958.

ilustraram a obra da escritora, podendo salientar-se, entre outros, Maria Keil¹⁰⁸, Pitum Keil Amaral¹⁰⁹ e Danuta Wojciechowska¹¹⁰.

Podemos também destacar um pequeno núcleo resultante de correspondência de guerra (cartas, postais, recordações de guerra...) que testemunham uma época da vida da escritora, aquela quando foi madrinha de guerra, nesse período negro da história mundial, que decorreu entre 1914 e 1918.

Deste modo, pretende-se que a obra literária de Irene Lisboa, muito ligada ao lirismo português, seja apresentada como a grande protagonista da exposição.

4.5.4.3. Outros núcleos para uma narrativa mais completa

“O museu deve formular e aprovar, ou propor para aprovação da entidade de que dependa, uma política de incorporações, definida de acordo com a sua vocação e consubstanciada num programa de actuação que permita imprimir coerência e dar continuidade ao enriquecimento do respectivo acervo de bens culturais.” (art.º 12)¹¹¹.

A Lei-quadro dos Museus Portugueses prevê uma política de incorporações¹¹². Aguardando que o Município de Arruda dos Vinhos venha implementar essa mesma política, poderão então vir a ser incorporados outros testemunhos que permitam ir completando lacunas existentes na exposição permanente, e deste modo, ir sendo possível apresentar uma narrativa mais fiel à vida e obra desta escritora. De momento o acervo da escritora é constituído por cerca de uma centena e meia de espécimes que permitem compor a exposição de longa duração¹¹³ mas, infelizmente, não possui nenhum exemplar dos periódicos de referência, na atividade literária de Irene Lisboa, como é o caso das revistas *Seara Nova* e *Vértice*.

¹⁰⁸ Ilustrou a primeira edição de *Começa uma vida*, Lisboa : Seara Nova, 1940.

¹⁰⁹ Ilustrou a 1.ª edição de *Uma mão Cheia de nada outra de Coisa Nenhuma*, Lisboa : Portugália, s.d. [D. L. 1955], assim como as seguintes, da Figueirinhas.

¹¹⁰ Autora da capa para a 11.ª edição de *Uma Mão Cheia de Nada Outra de Coisa Nenhuma*, Queluz de Baixo : Editorial Presença, 2013.

¹¹¹ Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, *Diário da República*, Série 1, n.º 195.

¹¹² Artigo 13.º.

¹¹³ Exposição que foi referenciada no capítulo 3.2 A urgência de acudir ao MIL.

Propõe-se que o Município de Arruda dos Vinhos, através das possíveis modalidades de incorporação (compra, doação, legado, etc.), possa vir a adquirir, entre outros materiais, publicações que vão aparecendo em alfarrabistas, leilões, etc., e que, não existindo ainda no acervo do “Museu”, façam parte da obra ativa, ou passiva, da escritora¹¹⁴.

Consideramos também que a exposição ganharia maior visibilidade com a integração de um núcleo representativo da atividade profissional de Irene Lisboa. Certamente existem ainda, nas antigas escolas do Concelho, materiais relacionados com o universo das escolas do Estado Novo (mobiliário, instrumentos didáticos, livros escolares, cadernos antigos de alunos...) que, pertencendo ao próprio Município, poderão ser incorporados no museu. Também fazendo uma ação de sensibilização junto da população, certamente haverá quem ainda conserve materiais em sua casa, e faça gosto em os oferecer, ou depositar, no “Museu”.

Outro núcleo que deverá ser criado diz respeito a Ilda Moreira, amiga inseparável da escritora¹¹⁵. Ilda Moreira acompanhou Irene Lisboa na vida profissional, sendo igualmente professora primária, e ilustrou alguns dos seus livros. Presentemente o museu não possui ainda nenhum dos desenhos originais realizados para estas ilustrações¹¹⁶.

A incorporação de novos objetos permitirá melhorar o percurso expositivo, proporcionando narrativas mais completas, coerentes e consistentes, construídas a partir da inter-relação dos novos núcleos. Aguardamos que esta dissertação desperte a vontade das entidades competentes, e alargue as possibilidades de investigação, possibilitando no futuro a concretização de novas narrativas da exposição permanente.

¹¹⁴ Se bem que incompleta, foi publicada uma extensa lista bibliográfica no catálogo editado a propósito da exposição realizada na Biblioteca Nacional, por ocasião do centenário do nascimento de Irene Lisboa: Portugal. Biblioteca Nacional, *Irene Lisboa : 1892-1958*. – (Catálogo ; 40), Lisboa : Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1992.

¹¹⁵ Irene Lisboa conheceu Ilda Moreira, em 1908, quando ambas estudavam em Lisboa no Liceu Maria Pia.

¹¹⁶ Permanecem na posse da filha, a Arquiteta Inês Gouveia.

4.5.4.4. A Quinta da Murzinheira: perspectivas de futuro e outras valências museológicas

A criação de um espaço museológico¹¹⁷ é um processo complexo e longo, dependente de muitos fatores. No caso da Casa-Museu Miguel Torga, por exemplo, a autarquia é proprietária do edifício mas não do seu recheio, que foi cedido pela filha do escritor, Clara Rocha¹¹⁸.

Quando a autarquia de Arruda dos Vinhos abraçou o projeto do “museu” Irene Lisboa, apesar de este parecer bem enquadrado nos diferentes aspetos da sua fundação, não se apercebeu da complexidade de manter um “museu” em funcionamento. Passados oito anos após a sua abertura, o MIL nunca se constituiu como um vetor de mudança no meio da comunidade em que está inserido.

Em todo o processo da criação do MIL verifica-se que apesar das suas instalações terem sido projetadas nos moldes de uma estrutura museológica, este ficou confinado a um edifício que se destinava à exposição pública do espólio da escritora Irene Lisboa, reduzindo o visitante à condição de “espectador passivo”. Assim, o projeto do MIL resultou num projeto demasiado limitador e desajustado da realidade do que é um museu no verdadeiro sentido da palavra.

O espólio que está à guarda do município de Arruda dos Vinhos não resulta de uma faceta de colecionismo, como é o caso do espólio do poeta Guerra Junqueiro, que em vida reuniu uma importante coleção de peças de artes decorativas. Os materiais que estão nas mãos da CMAV resultam de uma doação, por parte de uma herdeira, que tinha na sua posse alguns dos objetos que pertenceram à escritora.

Por outro lado, o espólio da escritora, por si só, não serve para identificar, retratar e enquadrar, a identidade do Concelho de Arruda dos Vinhos. O município deverá encontrar, através da criação de um projeto museológico que abranja todo o Concelho, o retrato desse território e da sua gente. Embora o MAV tenha instalado no complexo cultural do Morgado, um *Centro Interpretativo das Linhas de Torres*¹¹⁹, ainda falta

¹¹⁷ “[...] o investimento estatal em projectos museológicos nacionais ou locais, ao longo da museologia portuguesa, dependeu de factores tão variados como a alternância das tutelas ministeriais, o protagonismo de personalidades, ou grupos de cidadãos, que se destacaram em certos períodos da história do país, a nível nacional e regional, o protagonismo de grupos económicos, e estes articulados com a sociedade civil e com movimentos políticos num jogo complexo de interesses.”. Faria, Maria Lima de, “Etapas e limites da globalização da cultura institucional”, in Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos (orgs.), *Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*, Porto : Edições Afrontamento, 2002, p. 329.

¹¹⁸ https://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/casa_museu.htm (19-08-2015).

¹¹⁹ Infelizmente pouco apelativo e elucidativo.

encontrar uma narrativa que relate o que foi Arruda antes e depois deste acontecimento histórico.

O MAV deverá articular uma estratégia para implementar, e desenvolver, o projeto museológico do Concelho de Arruda dos Vinhos. É preciso que os intervenientes nesse processo, técnicos, chefias e decisores políticos, tenham uma visão conjunta e promovam este projeto de forma faseada no tempo. É importante enquadrar o projeto do museu na gestão autárquica, e portanto, torna-se fundamental garantir a sua sustentabilidade e durabilidade. Prevemos que essa realidade seja possível se existir um compromisso de continuidade de um executivo para o seguinte, realizando um trabalho bem estruturado, e assegurando a passagem de informação para que quem venha a assumir funções, independentemente do rumo que pretenda dar, passe a encarar o projeto do museu como um dever perante a população. Um bom exemplo é o que acontece nos Açores, onde o Presidente do Município do Corvo¹²⁰, numa entrevista a um periódico cultural¹²¹, dá conta da realidade do Ecomuseu do Corvo.

A proposta que se defende e apresenta para o património museológico de Arruda dos Vinhos, é que ele integre o projeto já planeado pelo executivo anterior, que sempre teve a intenção de instalar o espólio da escritora na Quinta da Murzinheira. No entanto, tem que ser considerado que colocar este acervo na Quinta, local onde nasceu a escritora, mas que o deixou aos três anos de idade, não possibilita estabelecer relações entre esses objetos e aquele sítio, como também já não existem materiais que permitam a reconstituição do ambiente onde Irene Lisboa viveu, inviabilizando a hipótese de criação de uma Casa-Museu. Não estamos também perante um caso de colecionismo, o que por si só, poderia justificar a criação de um museu.

O MAV deverá considerar, para além da instalação do núcleo Irene Lisboa, a possibilidade de incluir outros núcleos que, juntamente com um conjunto de atividades com eles relacionados, passem a funcionar como polo cultural revitalizador daquela área geográfica do Concelho, tendo como objetivos recolher, preservar e interpretar o seu território.

O município deverá adotar uma política de investigação sistemática, e de incorporação, a fim de incluir outros núcleos que permitam contar a história do Concelho, através da História Natural, da Arqueologia, da Etnografia, das Artes, etc. Também

¹²⁰ José Manuel Silva.

¹²¹ Guimarães, Eduardo, Lara, Manuela, “Ecomuseu do Corvo A “objetiva” que procura captar a alma corvina”, in *CulturAçores – Revista de Cultura*, n.º 1, julho-dezembro 2014, p. 20.

poderá ser incorporado o património imaterial, como por exemplo contar a história do *Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos*¹²², lembrar o *Baile da Chita*¹²³, falar das *Tertúlias*¹²⁴, etc. Por outro lado, como já foi referido, não se deverá deixar esquecer o acervo da escritora, incorporando materiais que completem os existentes, garantindo que este vá ficando mais completo¹²⁵.

Criando novas condições para a apresentação desta coleção, pode considerar-se seriamente a hipótese de, com apoio do mecenato, recuperar a Quinta da Murzinheira, e aí instalar o futuro “Museu Irene Lisboa”, equipamento esse que só terá a ganhar se adquirir as valências de um museu polinucleado.

A Quinta da Murzinheira constituirá assim a proposta mais eficaz para aí, no futuro, ser integrada a “Casa da Leitura”. Como foi referido, o espólio por si só não chega para justificar a constituição de um museu. Assim, deverá ser contemplado, no projeto arquitetónico da Quinta da Murzinheira, a recuperação das ruínas existentes, que consistem na casa onde nasceu a escritora e numa adega adjacente. A casa está em ruínas, o que resulta numa maior dificuldade na sua recuperação. No entanto, o edifício da adega poderá ser reaproveitado para aí poder funcionar um núcleo museológico relacionado com a produção do vinho, possuindo ainda condições para se instalar um pequeno auditório/sala polivalente. Assim, erguer novas paredes será também recuperar a “memória” coletiva da exploração agrícola e da produção vinícola.

¹²² “O Folclore do Concelho, é portanto, diverso embora assente muito no folclore saloio e ribatejano, temos ainda alguma coisa, pouca, do folclore francês deixado cá pela altura das invasões francesas [...] Começou-se a fazer a recolha folclorística, começou-se a escolher só o que é da região, aos poucos foram sendo retiradas as músicas que não eram da região e metidas as nossas. [...] O Podas e Vindimas ainda não é federado, não sabemos se alguma vez o será, no entanto, estamos trajados a rigor quer adulto, quer infantil. As nossas músicas e letras 80% eram inéditas e exclusivas [...]” – “*Pequeno historial do Rancho Folclórico Podas e Vindimas*”, in *O Clarim*, Agosto 1990, p. 3.

¹²³ “Estes bailes são realizados regularmente, pela Associação de Bombeiros de Arruda, há mais de três décadas.

O grande foco de interesse e, também pretexto para o acontecimento, o concurso de vestido de chita. Este certame, não é mais do que a apresentação por parte de jovens, de modelos de vestidos, totalmente confeccionados em chita, material este de já pouca divulgação, mas que, há 30 anos seria usado frequentemente para a confecção dos vestidos de jovens debutantes.” – A.P. e J.S. “*Baile da Chita Edição 1990*”, in *O Clarim*, abril, 1990, p.10.

¹²⁴ “[...] largadas de touros e galhofa de manhã à noite nas chamadas “Tertúlias” – velhos autocarros remodelados, geridos por famílias e amigos, que assentam arraiais na via principal para verem os touros passar, sempre com comes e bebes à mistura[...]” Loureiro, Gonçalo; “*O Fuso e os Seculares Festejos em Honra da Nossa Senhora da Salvação de Arruda dos Vinhos*.” <http://nasbocasdomundo.com/post/127552634650/o-fuso-e-os-seculares-festejos-em-honra-de-nossa> (13-10-2015).

¹²⁵ A título de exemplo pode referir-se e Casa-Museu de Camilo que apresenta um importante espólio do escritor (mobiliário, utensílios de uso pessoal, biografia ativa, passiva e da biblioteca particular do escritor, epistolografia, iconografia, etc. (http://www.cm-vnfamaliao.pt/_casamuseu_de_camilo (27-10-2015)).

“[...] constituído o “acervo” aquilo que histórica e quotidianamente é utilizado pela população, ela própria testemunho e representação inestimável do património intangível.”¹²⁶.

O Concelho de Arruda dos Vinhos é portador de uma identidade singular que permite compor diferentes núcleos museológicos. É necessário **recolher/ documentar** peças, artefactos etnográficos, mais ou menos significativos que permitam caracterizar os diferentes aspetos do seu território: paisagem, história, património, contexto social, economia, etc.

O MAV deve ambicionar um projeto museológico sustentável, procurando valorizar o seu património material e imaterial, testemunhos da identidade cultural dos Arrudenses. Tudo isso sempre em concordância com as boas práticas da *Nova Museologia*, ao serviço do desenvolvimento local.

4.5.4.5. Exposições temporárias

As exposições temporárias deverão ser pensadas para ter uma permanência de três meses, com um intervalo de um mês entre elas. A primeira razão pela qual se estabelece este período prende-se com questões de conservação, visto que os materiais expostos serão, normalmente, na sua maioria compostos por suportes de papel (livros, manuscritos, postais...). O espaço de tempo previsto entre exposições, justifica-se por razões da logística indispensável, aos serviços camarários, para a realização da sua montagem e desmontagem. Também o facto de cada exposição estar patente ao público por um período de três meses, permitirá uma melhor organização e realização das atividades do Serviço Educativo (SE), bem como a operacionalização de outras ações educativas complementares, como as visitas guiadas, os colóquios, os recitais, as palestras e outras atividades específicas, dedicadas e dirigidas ao tema que cada exposição trata.

As propostas apresentadas nesta dissertação, para a realização das exposições temporárias, pressupõem sempre um trabalho prévio de investigação e estudo do espólio

¹²⁶ Guimarães, Eduardo, Lara, Manuela, “Ecomuseu do Corvo A “objetiva” que procura captar a alma corvina”, in *CulturAçores – Revista de Cultura*, n.º 1 julho-dezembro 2014, Publicação semestral, p.12.

da escritora. Só depois da concretização deste trabalho é que se poderá partir para a calendarização de atividades com caráter regular.

Deixa-se aqui como nota um desejo de que o município de Arruda dos Vinhos apoie e incentive a pesquisa e investigação necessária à compreensão deste espólio que tem à sua guarda. Embora pequeno, contém um valor de grande importância, e potencial, em termos simbólicos e culturais.

Mais que retratar Irene Lisboa, que indiscutivelmente é de reconhecido mérito cultural, o acervo que está ao cuidado do município permite criar outras tramas, histórias, saberes...

Resultante do conhecimento que temos do espólio de Irene Lisboa, e estando conscientes da existência de outras possibilidades, propomos que as exposições temporárias possam ser organizadas de acordo com quatro grandes temas:

1. O primeiro tema tratará da obra literária da escritora, onde, investigadores como Paula Morão, apresentem caminhos que possam ser explorados em termos de temáticas das exposições. Como exemplo, deixa-se o registo de alguns aspetos caros à escritora

“uma das vertentes da obra desta autora é a que aproveita o que ela via à sua volta, transformando-o numa galeria de tipos populares, rurais ou citadinos, observados com um detalhe que a leva, em certos casos, a multiplicar os textos à volta de uma figura tipo.”¹²⁷.

Esta cidade!, O Pouco e o Muito, Título Qualquer Serve para Novelas e Noveletas e Crónicas da Serra, constituem um conjunto de obras que retratam quadros da vida comum.

A obra literária permite também fazer um regresso ao “nosso passado social.”¹²⁸. O visitante da exposição tomará contacto com objetos cheios de significados mas que deixaram de ser usados (como por exemplo o sinete que pertenceu a Maria Guilhermina da Conceição Chaves, madrinha de Irene Lisboa). Outros objetos poderão ser o

¹²⁷ Morão, Paula, *O essencial sobre Irene Lisboa*, s.l. [Lisboa] : Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, p. 31.

¹²⁸ Ver nota 127, p. 20.

testemunho de “[...] cenas da vida de uma casa senhorial no campo, ainda governada como um pequeno feudo[...]”¹²⁹.

A partir da obra *Voltar atrás...*, Paula Morão propõe ao leitor que experimente um percurso pela zona antiga de Lisboa, à volta do Castelo de S. Jorge, descrição testemunhada pela escritora. Também o museu, como produtor de conhecimento, deverá propor o conhecimento desse percurso ...

2. Outro tema que pode ser introduzido: *Duas mulheres, dois destinos*, como forma a estabelecer pontes entre Irene Lisboa e outras mulheres do seu tempo, ou mesmo de outras épocas. A título de exemplo podemos propor a exposição:

IRENE LISBOA / MARIA KEIL.

Trata-se de uma exposição que para além do objetivo de dar a conhecer uma escritora esquecida, e até praticamente desconhecida no seu próprio país, nos apresenta pontos de contacto com outra mulher: Maria Keil.

Irene Lisboa viveu, e desenvolveu a sua atividade, numa época em que o país, marcado pela presença do fascismo, atravessava um momento culturalmente reprimido. Afastada da sua atividade profissional por motivos políticos, renasceu para a escrita, atividade à qual passaria a dedicar-se inteiramente. Devido à sua grande qualidade, no seu tempo, a obra literária de Irene Lisboa foi muitíssimo reconhecida e apreciada pelos seus pares.

Maria Keil, foi uma artista que iniciou a sua atividade, como ilustradora, com a obra “*Começa Uma Vida*”. Tornar-se-ia numa artista multidisciplinar, respeitada pela nação, e que deixou uma vasta obra de azulejaria monumental, principalmente em Portugal.

Irene Lisboa, uma escritora por redescobrir / **Maria Keil**, uma artista da Ilustração à obra monumental.

Memória coletiva e identidade nacional são dois dos aspetos a realçar da cultura portuguesa. A escrita, a ilustração foram fatores que levaram ao cruzamento de duas

¹²⁹ Ver nota 128.

mulheres portuguesas, Irene Lisboa e Maria Keil, esta última internacionalmente conhecida pelos seus monumentais painéis de azulejos para o Metropolitano de Lisboa.

Dar a conhecer a azulejaria de Maria Keil, através da obra de Irene Lisboa, ou dar a conhecer a escrita de Irene, através da azulejaria de Maria Keil, resulta de um trabalho de parceria que estas duas mulheres levaram a cabo, e que tem como ponto comum o início de uma nova etapa na escrita de Irene Lisboa (*Começa Uma Vida*, 1.^a ed., Seara Nova, 1940, sob o pseudónimo João Falco¹³⁰) que foi uma obra pioneira num género literário que a escritora abraçou, e uma nova etapa na carreira artística de Maria Keil (a ilustração).

Este espólio revela-se de uma grande importância e potencial em termos culturais e, as exposições temporárias, poderão dar a conhecer os amigos da Irene.

A temática *Duas Mulheres, Dois Destinos* pretende assim fazer ligações com outras contemporâneas de Irene Lisboa, mulheres que se cruzaram na sua vida, como Maria Keil, Luísa Dacosta¹³¹ e outras que nunca a conheceram, mas que tiveram algum papel na cultura portuguesa, como é o caso da escultora Rosalina Passos.

3. Irene Lisboa e os outros escritores. Será uma temática que explorará pontos de contacto, ou divergência, entre Irene Lisboa e os seus pares.

O museu procurará ligar o nome da escritora com outros escritores do seu tempo, mas não só, também os escritores contemporâneos farão parte da programação das exposições.

4. A ilustração na literatura. É mais um tema que pode ser desenvolvido e que, tradicionalmente, tem uma grande receptividade por parte de diferentes públicos, de todas as idades.

Estas são algumas das primeiras pistas possíveis para despertar a atenção do público. Funcionarão como uma espécie de fórmula que o museu possui para “agarrar” o

¹³⁰ Obra autobiográfica que retrata os primeiros anos de vida da autora, desde o seu nascimento até cerca dos 7 anos.

¹³¹ Escreve um artigo na revista *Vida Mundial* onde traça o perfil de Irene Lisboa: “Morreste em Novembro de 1958 e para mim tinhas nascido tão tarde! Só em 1956 – Lembras-te?[...]” (Dacosta, Luisa, “Um perfil e uma obra. Irene Lisboa”, in *Vida Mundial*, n.º 1636, 16-10-1970, p. 41).

seu público, e angariar novos públicos, e ainda desta forma, propõe-se construir outras narrativas não só a partir do espólio já existente mas também introduzir parceria com outros museus para alargar o conhecimento sobre a obra literária de Irene Lisboa. Por exemplo, bem perto do Concelho de Arruda dos Vinhos, num concelho vizinho, existe o museu do Neorrealismo.

5. Programa Educativo de Leitura

5.1. Serviço Educativo

“[...] em 1965, a 8ª Assembleia Geral do ICOM adoptou como política oficial do ICOM uma declaração que na perspectiva do aumento significativo do papel educativo e cultural dos museus, eles devem empregar pessoal especialista em educação de museu – quaisquer professores qualificados, a quem deve ser dada formação adicional nas disciplinas básicas do museu ou pessoal académico (inclusive de curadoria) a quem deve ser dada formação adicional sobre métodos educativos.”¹³²

Segundo Marta Martins¹³³ a programação das instituições culturais implica duas variáveis às quais não se pode ficar alheio: o **território** e a **comunidade**. Como foi referido, o MIL localiza-se na vila de Arranhó (freguesia do mesmo nome, Concelho de Arruda dos Vinhos), uma pequena localidade descentralizada, e inserida num meio rural, que pouco atrai visitantes e turistas. Não só por este facto, mas também segundo os princípios da *nova museologia*¹³⁴, a ação do Serviço Educativo (SE) do MIL deverá ser dirigida, em primeiro lugar para aquela comunidade, propondo-se que a sua ação tenha como prioridade servir os públicos escolar e sénior.

Uma vez que os recursos humanos e financeiros da entidade que tutela o MIL são escassos, e considerando a impossibilidade de criar, pelo menos por agora, um departamento educativo, propõe-se que a planificação do SE seja realizada em colaboração com outros agentes, nomeadamente com o Sector de Educação da CMAV, a Biblioteca Municipal e com o Agrupamento de Escolas de Arruda dos Vinhos (AEJIA).

Deste modo, Museu, Câmara, e Agrupamento de Escolas, deverão em conjunto estabelecer um Plano de Ação Educativa (PAE) que permita orientar e desenvolver o trabalho que deverá funcionar no período de tempo vigente, sendo aconselhável uma duração entre 3 e 6 anos.

¹³² Ver nota 78, p. 130.

¹³³ Martins, Marta, “Que lugares para a educação?” in *Conferência : Que lugares para a Educação? : A dimensão educativa das instituições culturais* ([http://descobrir.gulbenkian.pt/Descobrir/pt/Evento?a=6385\(27-10-2015\)](http://descobrir.gulbenkian.pt/Descobrir/pt/Evento?a=6385(27-10-2015))).

¹³⁴ Desenvolvida por Georges Henri Rivière.

Como refere Cornelia Brüninghaus-knubel¹³⁵, a aprendizagem realizada no museu pode ser muito diferente da aprendizagem realizada nas escolas, sobretudo se a escola ainda tem uma estrutura muito tradicional. Para o efeito poderá ser contemplada a necessidade de contratar pessoal especializado adicional, para gerir, orientar e ensinar nos seminários e outras atividades educativas. Este pessoal especializado poderá trabalhar em outros museus, funcionando como prestadores de serviços.

O SE do MIL deve ainda ser alvo de uma reflexão/avaliação conjunta, entre museu e a comunidade que serve. Deste modo, deve ser elaborado e redigido um PAE, por uma equipa pluridisciplinar e/ou interveniente (CMAV, AEJIA), de forma a garantir um compromisso de manutenção e continuidade, a médio e longo prazo. É importante realçar a possibilidade de formação de uma equipa multidisciplinar, ideia que Hugues de Varine (1935-)¹³⁶ defende, em instituições onde existem equipas que funcionam como uma cooperativa de especialistas de disciplinas e profissões diversas, contribuindo mais eficazmente para o desenvolvimento do território, e da comunidade, onde as instituições estão implantadas.

Nesta perspetiva a “Casa da Leitura” deve ser um espaço que acolha o livro, e tudo o que com ele se relacione. Por esta razão o SE do MIL utiliza o livro como objeto transmissor de conhecimento. O SE procurará divulgar a memória da escritora e contribuir para a criação de hábitos de leitura, fazendo com que o visitante se torne leitor.

Assim, cumprindo com a sua missão, o museu torna-se um transmissor de conhecimento sobre a vida e obra literária da escritora, através de ciclos de colóquios, conferências, palestras, recitais de poesia, etc.

Propõe-se desenvolver o projeto educativo do MIL sobre três grandes vectores:

- 1 - O Ler** – destinado a criar e consolidar hábitos de leitura, e elevar os índices de literacia do Concelho de Arruda dos Vinhos. O MIL deverá fomentar e associar-se a projetos, e fazer ações de difusão do livro e da leitura, numa dinâmica de parceria entre os agentes intervenientes do Concelho (AEJIA, Associações, etc.), assim como também com entidades públicas e privadas.

¹³⁵ Ver nota 78, p. 129.

¹³⁶ Consultor francês, foi diretor do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), de 1965 a 1974 (<http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585> (28-10-2015)).

“Lê mais quem lê melhor, lê melhor quem lê mais”¹³⁷.

Neste primeiro módulo propõe-se dar a conhecer a obra literária de Irene Lisboa, assim como a sua bibliografia passiva. Numa aprendizagem de partilha e de desenvolvimento coletivo poderão formar-se crianças e adultos leitores. A obra da escritora é complexa e difícil de abordar, pretendendo-se facultar e alargar os conhecimentos do leitor sobre os temas, os textos e a escritora. O contato entre leitores e a obra de Irene Lisboa permitirá dar outra dimensão à compreensão da escritora.

- 2 - O Escrever** – propõe-se o desenvolvimento de atividades que convidem à escrita, nomeadamente *workshops* de escrita criativa. Fomentar no meio da comunidade o gosto pela escrita de forma a desenvolver ideias, encontrar novas formas de escrever e desenvolver a criatividade. Também será uma forma de explorar algumas profissões ligadas à escrita: escritores, jornalistas, guionistas, dramaturgos...

“Na Serra, sem ser na Serra, a Irene tinha sempre papeluchos, daqueles aparas das tipografias, não é, um lápis a mão e Irene tomava notas. E aqui as notas na Serra eram notas de vocabulário, de palavras pronunciadas de certa maneira diferente e que ela ouvia, de sons, de palavras pronunciadas de certa maneira diferente e que ela de facto quando podia tomava nota para não se esquecer dela não é...” (Inês Gouveia)¹³⁸.

- 3 - O Ilustrar** – tendo os livros publicados por Irene Lisboa uma importante componente de ilustração, propomos fomentar a realização de atividades que explorem as diferentes vertentes do desenho, convidando ilustradores, artistas, desenhadores, a contribuir com os seus conhecimentos.

Sugere-se que o MIL venha a criar parcerias, com outros museus de escritores, no

¹³⁷ Sim-Sim, Inês (coord.), *Ler e Ensinar a Ler*, Porto : Edições ASA, 2006, p. 8.

¹³⁸ Ver nota 105.

sentido de se fazerem trocas, partilhas e até desenvolver projetos coletivos, enriquecendo desta forma o programa de cada museu.

Para concluir, cabe ao Serviço Educativo¹³⁹:

- Organizar a produção de programas educativos, de animação cultural, e de divulgação, sobre a vida e a obra da escritora Irene Lisboa, em articulação com os restantes serviços do museu (inventariação, conservação...);
- Elaborar e Coordenar o Plano de Ação Educativa;
- Sensibilizar e motivar a população escolar, os educadores, professores e famílias à participação ativa dentro do espaço museológico envolvente;
- Valorizar e desenvolver o património literário nacional, através de atividades pedagógicas, dirigidas ao público em geral;
- Promover a formação interna dos colaboradores do museu.

5.2. Projetos educativos:

O museu como espaço de liberdade do pensamento, e o livro como objeto transmissor de conhecimento proporcionam, a quem passar pelo MIL, um enriquecimento cultural. O visitante tomará contacto com a obra completa de Irene Lisboa, assim como, através de objetos que pertenceram à Escritora, ficará a conhecer alguns usos, costumes e realidades de outros tempos.

Apresentamos algumas atividades que podem ser implementadas:

- *Ler Irene Lisboa* – à semelhança de uma atividade desenvolvida no *Museu Ferreira de Castro*, em Sintra, propomos dar a conhecer a obra de Irene Lisboa, recordada e comentada por escritores de diferentes gerações.
- *Comunidade de leitores* – modelo a definir...

¹³⁹ <http://www.museus.ulisboa.pt/servico-educativo> (06-07-2015).

- *Objeto do mês – os objetos falam... Irene Lisboa, História de Uma Vida...*, é uma atividade que tem por objetivo dar a conhecer o *Museu Irene Lisboa*, o seu espólio, e a obra da escritora. Com esta atividade pretende-se também marcar, de forma inequívoca, uma nova fase da vida do Museu Irene Lisboa.

Mensalmente é apresentado um objeto, que será colocado em destaque, prevendo-se explorar aspetos, não só da vida e obra de Irene Lisboa, como também intrínsecos ao próprio objeto, como a sua contextualização material, social ou simbólica.

Estando previstas diversas ações associadas a cada objeto, destacamos desde já uma palestra mensal, realizada de forma informal por oradores que se disponibilizam a fazer abordagens sob diferentes pontos de vista, funcionando como um momento de enriquecimento cultural para os participantes, e em particular para a população local.

O **Objeto do Mês** será colocado na *Biblioteca Municipal Irene Lisboa*, em Arruda dos Vinhos. Este “deslocamento” resulta, por um lado, de uma tentativa de trazer novos públicos a Arranhó, e por outro, da vontade em estabelecer uma ponte, através de atividades que irão enriquecer estas duas estruturas culturais (Biblioteca e Museu).

As palestras de apresentação de cada **Objeto do Mês** serão realizadas durante o período da sua permanência em destaque, e em datas e locais que se vão considerando pertinentes.

- *Maleta pedagógica (MP)* – os conteúdos da MP deverão ser trabalhos por uma equipa pluridisciplinar, a qual será composta pelo museólogo e uma comissão de professores pertencendo ao AEJIA. Esta atividade deverá ser desenvolvida em parceria entre professores do AEJIA e o museu.

As maletas pedagógicas têm-se revelado como uma ferramenta muito útil aos museus. Uma vez organizadas e montadas, dispensam a supervisão de um técnico, o que é uma mais-valia, principalmente quando o museu não dispõe desse profissional. A MP pode ser requisitada pelas escolas, ou mesmo pela comunidade (associações, clubes ou até mesmo a

nível particular), sendo a sua utilização sempre orientada por um adulto (educador, professor, pais...).

De uma forma lúdica e pedagógica poderá dar-se a conhecer cada um dos núcleos da exposição permanente, “**O Pouco e o Muito**”, por exemplo, aquele que nos remete para a época em que Irene Lisboa, entre 1914-1917, se correspondeu com os soldados franceses Léon Darras¹⁴⁰ e Paul Desprets¹⁴¹.

5.3. Centro documental

Existe um Fundo Irene Lisboa, localizado na Biblioteca Municipal com o seu nome, instalada no Complexo Cultural do Morgado¹⁴². No nosso entender, este fundo deverá funcionar como um complemento do que poderá vir a ser o centro documental da “Casa da Leitura Irene Lisboa”. No entanto, falta ainda fazer um trabalho de recolha de materiais que completem e complementem o espólio da escritora, possibilitando um enriquecimento da narrativa expositiva e contribuindo para a criação de um fundo documental. A incorporação de novos materiais poderá resultar de doações e aquisições (por exemplo em alfarrabistas e leilões).

A lei-quadro esclarece:

“O inventário museológico deve ser complementado por registos subsequentes que possibilitem aprofundar e disponibilizar informação sobre os bens culturais, bem como acompanhar e historiar o respectivo processamento e a actividade do museu.” (art.º 25)¹⁴³.

Só ao fim de sete anos foi possível começar a desenvolver uma atividade museológica imprescindível ao conhecimento dos objetos: o inventário desse espólio. A

¹⁴⁰ Afilhado de guerra de Rita, irmã de Irene Lisboa. Como Rita não respondia às cartas, Irene Lisboa passou a responder por ela. Léon Darras foi morto em combate em 1917.

¹⁴¹ Afilhado de guerra de Irene Lisboa e amigo de Léon Darras. Além da correspondência Paul enviou de oferta objetos que os soldados iam fazendo nas trincheiras, com desperdícios de material militar, para ocuparem os seus tempos livres.

¹⁴² Este fundo é constituído, exclusivamente, por bibliografia ativa e passiva da escritora.

¹⁴³ Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, *Diário da República*, Série 1, n.º 195.

elaboração do inventário é um trabalho contínuo, nunca concluído. Por agora foi feito, informaticamente, o registo num “livro de tombo”. Uma vez que o inventário esteja concluído, nos seus aspetos básicos, o município deverá proceder à sua publicação, e disponibilização on-line, como forma de divulgação da “Casa da Leitura”.

“O sistema de documentação deve ser considerado a “memória do museu” pois serão os documentos a falar quando passaram diversas gerações de trabalhadores, responsáveis e os próprios doadores desaparecerem.”¹⁴⁴.

Consistindo uma das funções museológicas, no estudo e investigação das coleções, temos vindo a estabelecer contatos com a Arquitecta Inês Gouveia¹⁴⁵, afilhada da escritora, para recolher testemunhos que nos permitam uma melhor interpretação daqueles objetos. Esta recolha oral poderá trazer novos dados que no futuro possibilitem o enriquecimento das narrativas expositivas¹⁴⁶.

O acervo documental que se encontra na posse do município, é relativamente reduzido. Uma parte significativa do espólio documental da escritora, foi doado à Biblioteca Nacional de Portugal, que o tem à sua guarda. Será desejável que o município consiga arranjar condições que justifiquem a transferência desses materiais para o centro documental da “Casa da Leitura”. Deste modo, especialistas, investigadores, estudantes e curiosos, poderão aprofundar o estudo e o conhecimento sobre Irene Lisboa, no próprio local onde se encontram expostos os objetos que perpetuam a sua memória material.

“Possivelmente haverá nos papéis de Irene Lisboa anotações, ou mesmos manuscritos, de algumas das suas palestras não impressas. Isso virá a lume, quando se organizar a sua obra completa.”¹⁴⁷.

Face à perspectiva de se manter a escassez de materiais que constituem o fundo documental Irene Lisboa, propomos a criação de outro fundo documental de temáticas

¹⁴⁴ Augusto, Carla; “*O sistema de inventário e gestão de colecções do Museu do sabugal*”; in Sabucal, Revista do Museu do Sabugal, ed. Sabugal +; n.º 2, 2010; p.5.

¹⁴⁵ Ver nota 100.

¹⁴⁶ Quer da exposição permanente, quer das temporárias.

¹⁴⁷ Ver nota 31, p. 29.

associadas à personalidade da escritora, e também à história económica e social do concelho. Por exemplo, tendo sido Irene Lisboa uma pedagoga de referência, seria interessante tentar reunir no museu o maior número de documentos associados às escolas do município, de forma a poder ir sendo reconstituída a história do ensino no concelho de Arruda dos Vinhos.

5.4. A “Casa da Leitura” adaptada às novas tecnologias

Neste capítulo fazemos o apontamento dos benefícios da utilização das Novas Tecnologias (NT) que, quando bem aplicadas, funcionam como ferramenta essencial à promoção e divulgação do património museológico, alargando ainda possibilidades na captação de públicos. No seu trabalho de investigação, Ana Carvalho¹⁴⁸, ao falar deste assunto cita André Desvallées¹⁴⁹, enunciando as múltiplas aplicações que as NT podem ter na atividade museológica:

- “a) como complemento à gestão das coleções (informatização, digitalização, disseminação da informação em rede);
- b) como complemento à pesquisa (ilustração dos matérias e técnicas, contextualização, etc.);
- c) apoio à exposição (visando a interatividade e objetivos educativos), contextualização (reconstituição e simulação);
- d) na forma de produtos comercializáveis (ex. CD's e DVD's);
- e) utilização da internet para disponibilizar conteúdos.”¹⁵⁰.

Atualmente, à distância de um *click*, qualquer pessoa consegue aceder a um museu, em qualquer ponto do globo, e consultar as suas coleções. A internet revela ser uma ferramenta essencial para os museus, à qual a CMAV não se deixou ficar à margem. Acedendo à página do Município de Arruda dos Vinhos, o utilizador tem acesso à

¹⁴⁸ Carvalho, Ana, *Os Museus e o Património Cultural Imaterial*, Lisboa: Edições Colibri / CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011, p. 158.

¹⁴⁹ Ver nota 148, p. 76.

¹⁵⁰ Ver nota 148, p. 76.

informação disponibilizada relativa ao MIL¹⁵¹. Basta entrar na página inicial onde, no “menu” superior escolhendo “VIVER – SERVIÇOS MUNICIPAS”, nos aparece a opção “Cultura” que nos abre o *link* do “Museu Irene Lisboa”¹⁵². Depois de entrar na página do MIL verificamos que existe alguma informação disponível, nomeadamente a possibilidade de se fazer o *download* de duas publicações: o catálogo do MIL, e uma monografia sobre Irene Lisboa¹⁵³.

Ao analisar com alguma atenção, verificamos que o conteúdo disponibilizado na página, nada acrescenta aos textos e imagens apresentados nas duas publicações.

De forma a aumentar e melhorar a informação *on-line*, impõe-se a atualização da página do MIL¹⁵⁴, proporcionando assim ao utilizador uma oferta mais estimulante. O inventário¹⁵⁵, que não tinha ainda sido realizado, deverá igualmente ser disponibilizado *on-line*, possibilitando não só a sua consulta, como também uma gestão mais eficaz do acervo da escritora, captando públicos que, desta forma, poderão ter um primeiro contacto mais preciso com os materiais do MIL.

O modelo que foi utilizado na Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves (CMAG), um aplicativo *web-based* que tem por finalidade satisfazer quer as necessidades da instituição quer as dos utilizadores, possibilita uma utilização que tem as vantagens de ser simples, pelo facto de se encontrar numa plataforma *web*, e também de não implicar grandes recursos financeiros.

“A construção de qualquer aplicativo terá de processar-se tendo em conta a permanente interação design-conteúdo”¹⁵⁶.

Propõe-se a reformulação da página atual, de forma a imprimir um novo “ADN” à “Casa da Leitura Irene Lisboa”, sugerindo-se a utilização do ex-libris de Irene Lisboa¹⁵⁷, como logótipo, imprimindo de forma explícita uma certa presença da alma da escritora, e refletindo, de forma simbólica, a missão da “Casa da Leitura”.

¹⁵¹ <http://www.cm-arruda.pt/> (03-09-2015).

¹⁵² Ver nota 151.

¹⁵³ Ver nota 151.

¹⁵⁴ Tarefa a realizar pela CMAV.

¹⁵⁵ Como atrás foi referido.

¹⁵⁶ Mesquita, Mariana Mendes de, “Um projeto de Novas Tecnologias aplicado na casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves”, in *Revista VOX MUSEI arte e património*, volume 1, número 2, Julho-Dezembro 2013 – Tema Património, Educação e Museus, p. 315.

¹⁵⁷ Desenhado por Ilda Moreira.

De momento o espólio está ainda pouco estudado, mas estamos já em condições de propor algumas pistas relativamente aos objetos que compõe o acervo da escritora. Tal como acontece no site da CMAG, cada objeto do espólio deverá ter no menu principal botões que o relacionem com um texto dedicado à “Vida e Obra da escritora”. Assim, cada botão corresponderá a uma função que contextualize o objeto, quer do ponto de vista da sua produção (fabricante, materiais, técnicas...), quer a sua função social, quer historicamente, o seu percurso e relação com a escritora, etc. Todas essas funções serão categorizadas acedendo a botões que corresponderão a uma informação, uma legenda, uma descrição, uma localização, assim como a publicações com ele relacionadas. Para além de botões que remetem para a biografia e bibliografia ativa e passiva, de Irene Lisboa, deverá haver *links* para outros museus, principalmente os que tratam a mesma temática. Finalmente, deverá estar contemplado um espaço destinado à opinião dos visitantes, onde poderão ser efetuados comentários, críticas e correções.

Deverá existir, por parte do município, a preocupação de editar todas as imagens de forma normalizada, socorrendo-se de especialistas para a criação do arquivo fotográfico do espólio. Só o recurso a profissionais de arquivo fotográfico poderá garantir o selo de qualidade que confere às imagens a possibilidade de serem “manipuladas” nas diversas utilizações, permitindo não só a observação de detalhes pouco visíveis a olho nu, como também, em muitos casos, dispensando o manuseamento dos próprios originais para serem estudados. Como exemplo, citamos os frágeis documentos que constituem a correspondência entre Irene Lisboa e o seu afilhado de guerra. Trata-se de um pequeno núcleo composto por cartas escritas em francês, com bonitos detalhes de caligrafia.

Todo o aspeto gráfico da página *web* (relação imagem/informação) deverá ser apelativo, de forma a cativar o utilizador, não só para navegar na *web*, como também para se deslocar a Arranhó e ir conhecer o museu ao vivo.

Uma aplicação *web-based* tem as vantagens de se adaptar de uma forma mais simples aos dispositivos móveis.

A evolução tecnológica não para e obriga a um acompanhamento e atualização constante. Por isso, implementar um projeto de NT, implica uma cuidada reflexão e planificação, visto ser um projeto que exige um investimento financeiro inicial e continuado, com a aquisição e renovação de equipamentos e programas informáticos.

5.5. Os perfis dos profissionais

5.5.1. Os recursos humanos necessários para um museu

Neste capítulo procuramos estabelecer quem são os intervenientes na atividade museológica, de forma a adequar os profissionais de museologia à Casa da Leitura Irene Lisboa. No seu livro *Museus e Monumentos em Portugal 1772-1974*, Isabel M. Martins Moreira¹⁵⁸ aponta três figuras fundamentais para o desempenho da atividade museológica: o diretor, o conservador e o guarda de museu. Cada um deles possui tarefas bem definidas. O cargo mais elevado será o do diretor, a quem compete supervisionar a organização e o bom funcionamento do museu. A tarefa do conservador prende-se com questões técnicas diretamente respeitantes aos objetos que constituem o acervo (inventariação, conservação, apresentação, etc.). Por fim, fica o guarda do museu a quem cabe a vigilância do museu durante o período de visitas do público, assim como garantir a segurança do acervo.

Tratando-se de um pequeno museu quisemos referir estas três figuras por achar que são os profissionais essenciais para pôr um pequeno museu a funcionar. Mas, desde os anos 80, as funções e necessidades dos profissionais de museu têm evoluído passando a existir outras figuras que complementam este quadro. Assim, em primeiro lugar temos a figura central de qualquer museu – o conservador – a quem cabe inventariar, caracterizar e implementar um Plano de Conservação Preventiva para a(s) coleção(ões). Digamos que o conservador tem um papel preventivo em relação à coleção, cabendo a outro interveniente, o conservador restaurador, atuar sempre que necessário sobre a coleção, de uma forma mais interventiva e mesmo curativa. Outro profissional importante, nos dias de hoje, é o investigador, a quem cabe um papel fulcral, uma vez que estuda e investiga a coleção de forma a poder-se estabelecer uma política de gestão, defendendo e valorizando o património, registando exaustivamente toda a informação que se vai recolhendo relativa a cada peça. O museólogo é o profissional que tem uma visão abrangente no que toca ao funcionamento do museu, é um profissional multifacetado e polivalente. Nos dias que correm não podemos ignorar o papel do comissário e curador, profissionais que trabalham geralmente como *free-lancer*, sendo responsáveis pelos diferentes aspetos da realização das exposições. Apresentar uma exposição obriga sempre a um trabalho de museografia, e sua correspondente gráfica que deverá ser desempenhada por designers especializados.

¹⁵⁸ Moreira, Isabel M. Martins, *Museus e Monumentos em Portugal 1772-1974*, Lisboa : Universidade Aberta, 1989, p. 78-84.

Finalmente resta referir o trabalho dos educadores, a quem cabe desenvolver todo o processo que conduz às atividades de Serviço Educativo, a melhor forma de alcançar os diferentes públicos.

5.5.2. A situação do MIL

Ao procurar compreender como é que o MIL se organiza, em termos de recursos humanos, pode consultar-se o Mapa de Pessoal (Edital n.º 10/2014-2 de novembro de 2014) que define os postos de trabalho necessários ao desenvolvimento das atividades da CMAV. Assim, verifica-se que o MIL está enquadrado na DSC, sendo integrado na unidade orgânica do sector de turismo, ao qual compete *inventariar as potencialidades turísticas e promover a sua divulgação*.

Quanto a Recursos Humanos está previsto um Assistente Operacional e, não havendo nenhum Técnico Superior (com formação na área de Museologia) afeto a esse sector, cabe ao Chefe da DSC a responsabilidade de coordenar e gerir o “museu”.

Filipe Mascarenhas Serra chama a atenção para a situação de, em muitos museus municipais, não estar contemplada a figura de diretor. O MIL não escapa a essa realidade.

“Estes museus, em muitas situações, são dirigidos pelos vereadores da Cultura dos respectivos executivos camarários ou por chefias intermédias, acabando por se traduzir numa solução que se tem revelado pouco eficaz.”¹⁵⁹

A Lei-quadro dos Museus Portugueses é clara:

“o museu deve ter um diretor [...]” e, “o museu dispõe de pessoal devidamente habilitado [...]”¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Serra, Filipe Mascarenhas, *Práticas de Gestão nos Museus Portugueses*, Lisboa : Universidade Católica Editora, 2007, p. 52.

¹⁶⁰ Art.º 44 e 45.

5.5.3. Uma solução possível: Museus em Rede

“A constituição de novos quadros de pessoal para os museus, designadamente museus de dependência autárquica será uma tendência cada vez mais ultrapassada. Para além dos encargos orçamentais que isso acarreta e enquanto unidades administrativas com orçamentos limitados, entendemos que as autarquias tenderão a organizar a sua gestão cada vez mais num sistema de rede.”¹⁶¹.

Mesmo tratando-se de um pequeno museu, lembramos que os recursos humanos e financeiros obrigam a uma gestão, qualquer que ela seja. Cada vez mais os recursos financeiros são escassos, pelo que deverão ser equacionadas outras soluções, nomeadamente a polivalência dos serviços. Hoje, em dia as pessoas que se formam para os museus são polivalentes, ou seja, o profissional de museologia tem que ser capaz de fazer uma exposição, de organizar um SE, de fazer um inventário, organizar um catálogo, por exemplo.

A CMAV deverá procurar uma solução mais flexível para os Recursos Humanos, disponibilizando técnicos, assistentes administrativos e assistentes operacionais, para que, num trabalho colaborativo, sob a coordenação do técnico com formação em museologia, seja possível pôr esta estrutura museológica em funcionamento, nomeadamente em aspetos que se prendem com as questões da realização de exposições temporárias (inventariação, montagem/desmontagem, catálogo, etc.), assim como as da operacionalização do Serviço Educativo.

Em novembro de 2001, o MIL estava inserido no projeto de Rota dos Museus do Oeste¹⁶², uma iniciativa lançada pela Associação de Municípios do Oeste, mas que até à presente data, ainda não trouxe resultados visíveis. Preconizamos que a rede museal deva ser um dos instrumentos essenciais de apoio a uma boa gestão. Sendo o MIL um pequeno museu local, aplicar este conceito de rede será uma boa forma de garantir a sua gestão.

Deste modo, a gestão dos recursos humanos, financeiros e técnicos, ganhará em ser feita em rede. Isto é, possibilitar que vários museus beneficiem dos serviços que cada

¹⁶¹ Milheiro, Marta Maria dos Santos, *Contributos para uma candidatura à rede Portuguesa de Museus: o caso do Museu Municipal de Almeirim. Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia*, Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2012, p. 96 (policopiado).

¹⁶² <http://www.oestecim.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=957b0984-9073-419c-92b7-ae746c3d0847&m=b42> (26-06-2015).

um pode oferecer. Assim, cada museu poderá especializar-se numa determinada função, e partilhar recursos e conhecimentos com os outros. O futuro da sobrevivência dos pequenos museus, mas também dos de maiores dimensões, poderá estar na especialização e partilha de serviços.

Ora, para a continuidade do MIL esse ponto é essencial para funcionar em rede, é colocar os recursos disponíveis e partilhados.

5.5.4. Os profissionais para o Museu Irene Lisboa

Embora a figura do diretor se revele de uma grande importância

“para dirigir os serviços, assegurar o cumprimento das funções museológicas, propor e coordenar a execução do plano anual de atividades”¹⁶³,

e a CMAV deverá também procurar afetar pessoal habilitado para o bom desempenho do MIL.

A falta de pessoal qualificado tem-se revelado prejudicial, urge dotar o MIL de uma figura que tenha uma formação específica na área da museologia, e que viva e acompanhe o quotidiano do museu.

O conservador continua a ser a figura que

“realiza e coordena trabalhos de inventariação, investigação, estudo, exposição, divulgação e organização do património cultural. Coordena acções de conservação, particularmente de conservação preventiva.”¹⁶⁴.

Cabe a este profissional estudar a coleção que está à sua guarda, e a partir dela deverá procurar criar narrativas capazes de atrair e inquietar.

Outra figura importante no museu é a do rececionista. Afinal, é ele a primeira pessoa que o visitante vê quando chega. Ao rececionista cabe-lhe a tarefa de auxiliar e

¹⁶³ Lei 47/2004, Art.º 44.

¹⁶⁴ Decreto-Lei n.º55/2001 ANEXO I Conteúdos funcionais.

informar quem chega. Mas, no pequeno museu local, poderá também cumprir com outras tarefas, como na colaboração da montagem das exposições, informar os visitantes sobre a coleção, e prestar um apoio administrativo.

Conclusões

A criação do MIL é uma realidade local mas, fora do Concelho de Arruda dos Vinhos, não é bem assim. Passados todos estes anos após a sua abertura, e apesar das mudanças que se operaram no mundo dos museus, o MIL ficou estagnado.

A elaboração desta dissertação permitiu fazer a necessária reflexão teórica para, enquadrada na *Nova Museologia*, ser repensada a renovação desta estrutura Museológica.

Este espólio chegou-nos pelas mãos de Inês Gouveia e, ao aceitá-lo, a autarquia tomou a responsabilidade de o ter à sua guarda, assumindo intrinsecamente o compromisso em mantê-lo, conserva-lo e divulga-lo através de visitas, publicações, congressos, palestras, atividades, etc.

Com o apoio do mecenato, a autarquia poderá seriamente pensar em requalificar a Quinta da Murzinheira, que representa um imóvel do mais elevado valor simbólico para o MAV que, ao adquiri-la, teve sempre a intenção de futuramente aí albergar o Museu Irene Lisboa.

Recuperar as ruínas da Quinta da Murzinheira será resgatar a “memória” coletiva dos Arrudenses, através de um projeto museológico que funcionará junto da população como um polo dinamizador ao serviço do seu desenvolvimento. Permitindo um **novo relacionamento entre o museu e a comunidade** em que se insere, a “Casa da Leitura” procurará criar um **serviço educativo** capaz de formar novos públicos para a cultura.

Atendendo à sua futura função, qualquer ação no edifício e/ou no terreno circundante deverá sempre ser feita com critérios científicos de acordo com a elaboração de um programa museológico.

Uma vez que se trata da recuperação de uma ruína, o projeto arquitetónico deverá desempenhar um papel determinante, dando **expressão palpável e pública à mudança**. Não esperamos que este projeto arquitetónico se aproxime de outros que tornam os museus – em **museu espetáculo**. Pretendemos apenas que sirva o propósito e a essência do que é, e deve ser, a “Casa da Leitura Irene Lisboa” – um **museu solidário**.

Outro desafio que se coloca é o de garantir a sustentabilidade e durabilidade deste projeto museológico, que poderá passar pela cooperação com outros “museus de escritores”, portugueses e estrangeiros. Deverá seriamente pensar-se em criar uma *rede de museus de escritores*, cuja existência implicaria obrigatoriamente a dinamização regular de atividades, contribuindo não só para a projeção do MIL, como a de todos os museus envolvidos nesse projeto.

Esperemos que este PC contribua para a dinamização do MIL, e também que venha a ser implementado. Dessa forma, e começando de forma estruturada a dinamizar atividades relacionadas com aquele espólio, o MAV poderá assumir que está a dar os primeiros passos numa área da cultura que é fundamental para o conhecimento e divulgação das identidades regionais – os museus municipais de carácter local.

Para concluir, esperamos que a elaboração deste PC tenha contribuído para um olhar diferente sobre a problemática que levantou. Consideramos que Arruda dos Vinhos tem ainda um longo caminho a percorrer, a nível da museologia concelhia e, só com um trabalho continuado e de qualidade, se poderá começar a afirmar como uma alternativa de desenvolvimento cultural.

Bibliografia:

- AAVV, *Como Gerir Um Museu: Manual Prático*, Paris : ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004.
- _____, *Dicionário de Escritoras Portuguesas*, Florianópolis : Editora Mulheres, 2009.
- _____, *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, Paris : Dunod, 1989.
- Abreu, Helena (coord.), *Rota dos Museus do Oeste*, s.l. : Associação de Municípios do Oeste, 2005.
- Alves, Ricardo António, *Museu Ferreira de Castro. Catálogo*, s.n. [Sintra : Câmara Municipal de Sintra, 2005].
- Ames, Michael M., “Déscolariser le Musée : Les musées et leurs ressources à la portée de tous”, in *Museum*, n.º 145, Paris : Unesco, 1985, p. 25-31.
- Andrade, Adriano da Guerra, *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999.
- [Antunes, Gisela], “Museu Irene Lisboa”, in *ARRUDA DOS VINHOS Guia de serviços, projetos e eventos*, Arruda dos Vinhos : Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2015, p. 20.
- Augusto, Carla; “O sistema de inventário e gestão de colecções do Museu do sabugal”, in *Sabucale, Revista do Museu do Sabugal*, n.º 2, Sabugal : Sabugal +, 2010.
- Benavente, Ana (coord.), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*, Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian / Conselho Nacional de educação, 1996.
- Borges, Augusto Moutinho, “Colecionadores, colecções e casas-museu: identidade e salvaguarda da memória”, in *ARTIS Revista de História da Arte e Ciências do Património*, N.º 02, Ano 2014, p. 158-167.
- Braga, Maria Ondina, *Mulheres Escritoras*, Amadora : Livraria Bertrand, 1980.
- Brüninghaus-Knubel, Cornelia, “Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas”, in *Como Gerir Um Museu: Manual Prático*, Paris : ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004, p. 129-144.
- Câmara Municipal do Porto, *Actividades Culturais da Câmara Municipal do Porto*, Porto : Rep. dos Serviços Culturais e Sociais da C. M. do P., 1951.
- _____, *Casa Museu de Guerra Junqueiro – Guia do Visitante*, Porto : Câmara Municipal do Porto, 1943.

- Canelas, Lucinda, “Entre o poder da arte e o poder do dinheiro”, in *Ipsilon*, Sexta-feira 22 Maio 2015.
- Carvalho, Ana, *Os Museus e o Património Cultural Imaterial*, Lisboa : Edições Colibri / CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011.
- Clarim (O) de Arruda dos Vinhos*, 1990-1997.
- Claro, João Martins, “A Lei Quadro dos Museus Portugueses”, in *museologia.pt*, n.º 3/2009, p. 49-55.
- Correia, Ana Filipa (conc.), *Irene Lisboa O Pouco e o Muito* – Catálogo, s.l. [Arruda dos Vinhos] : Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2007.
- Cunha, Secundino, *Casas de Escritores no Minho*, 2.ª ed., Guimarães: Opera Omnia, [D.L. 2008].
- _____, *Casas de Escritores no Douro*, Guimarães: Opera Omnia, [D.L. 2011].
- _____, *Casas de Escritores no Alentejo*, Guimarães: Opera Omnia, 2012.
- Dacosta, Luisa, “Um perfil e uma obra. Irene Lisboa”, in *Vida Mundial*, n.º 1636, 16-10-1970, p. 41-52.
- Desvallées, André; Mairesse, François (dir.), *Conceitos-chave de Museologia*, São Paulo : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus / Pinacoteca do Estado de São Paulo / Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- Falco, João [Irene Lisboa], *Começa uma vida*, Lisboa : Seara Nova, 1940.
- Faria, Margarida Lima de, “A função social dos Museus”, in AAVV, *A Cultura em Acção: Impactos sociais e território*, Porto, ed. Afrontamento, 2003, p. 29-38.
- _____, “Etapas e limites da globalização da cultura institucional”, in Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos (orgs.), *Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*, Porto : Edições Afrontamento, 2002, p. 315-354.
- Ferreira, Paula; Câmara, Paulo *Quintas do Concelho*, s.l. [Arruda dos Vinhos] : Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2000.
- Fiadeiro, Maria Antónia, *Mulheres século XX/101 Livros*, Lisboa : CML - Departamento da Cultura, 1981.
- Fortuna, Carlos; Silva, Augusto Santos (org), “*Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*”, Porto : Ed. Afrontamento, 2002.
- Guimarães, Eduardo; Lara, Manuela, “Ecomuseu do Corvo A “objetiva” que procura captar a alma corvina”, in *CulturAçores – Revista de Cultura*, n.º 1 julho-dezembro 2014, p. 10-20.
- Jolibert, Josette, *Formar Crianças Leitoras*, 4.ª ed., Porto : Edições Asa, 2000.

- Lameiras-Campagnolo, Maria Olímpia; Campagnolo, Henri, “Un exemple de “langage mixte”: le langage muséal”, in *Boletim da APOM*, II Série(4), Lisboa : 1996, p. 16-21.
- _____, “Um exemplo de linguagem “mista”: a linguagem museal”, in *Actas do Colóquio “Museus e Autarquias”*, Tondela : Câmara Municipal de Tondela, 1993, p. 43-48.
- Lisboa, Irene, *Inquérito ao Livro em Portugal I Editores e Livreiros*, Lisboa : Seara Nova, 1944.
- _____, *Inquérito ao Livro em Portugal II A Arte do Livro*, Lisboa : Seara Nova, 1946.
- _____, *Queres Ouvir? Eu Conto*, Lisboa : Portugália, 1958.
- _____, *Solidão II*, Lisboa : Editorial Presença, 1999.
- _____, *Voltar atrás para quê?*, Lisboa : Livraria Bertrand, s.d. [1956].
- Lopes, Flávio; Correia, Miguel Brito, *Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Casal de Cambra : Caleidoscópio, D.L. 2014.
- Mancelos, João de, *Introdução à Escrita Criativa*, 4.^a ed., s.l. : Edições Colibri, 2013.
- _____, *Manual de Escrita Criativa*, s.l. : Edições Colibri, 2012.
- Marques, Paulo, *15 Portugueses Ilustres*, Porto : Porto Editora, 2012.
- Mendes, José Amado, “*Estudos do património, Museus e Educação*”, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- Mesquita, Mariana Mendes de, “Um projeto de Novas Tecnologias aplicado na casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves”, in *Revista VOX MUSEI arte e património*, volume 1, número 2, Julho-Dezembro 2013 – Tema Património, Educação e Museus.
- Milheiro, Marta Maria dos Santos, *Contributos para uma candidatura à rede Portuguesa de Museus: o caso do Museu Municipal de Almeirim. Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia*, Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2012, (policopiado).
- Morão, Paula, “Lisboa, Irene do Céu Vieira”, in Machado, Álvaro Manuel (org. e dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa : Editorial Presença, 1996.
- _____, *O essencial sobre Irene Lisboa*, s.l. [Lisboa] : Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- Moreira, Isabel M. Martins, *Museus e Monumentos em Portugal 1772-1974*, Lisboa : Universidade Aberta, 1989.

- Moutinho, Mário C., “Introdução”, in Diogo, João Manuel (coord.), *Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*, Tondela (29 a 31 de Outubro de 1993), Tondela : Câmara Municipal de Tondela, 1999.
- Natário, Anabela, *100 Portuguesas com História*, s.l. : Círculo de Leitores / Temas e Debates, 2012.
- Oliveira, Américo Lopes de, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto : Lello & Irmão Editores, 1981.
- Oliveira, Leonel (coord.), *Quem é quem Portugueses Célebres*, Lisboa : Temas e Debates, 2009.
- “Para a História do Livro. Inquérito ao livro em Portugal realizado por Irene Lisboa nos anos 40”, in *Notícias do Livro*, n.º 2, Lisboa : Dez. 1978, p. 32-41.
- Pereira, F. A. Baptista, “Museus e novos espaços de exposições”, in *Architecti*, 32 (ano VII, jan/fev/mar), Oeiras : Editora Trifório, 1996, p. 24-29.
- Portugal. Biblioteca Nacional, *Irene Lisboa : 1892-1958* . – (Catálogo ; 40), Lisboa : Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1992.
- Relâmpago. Revista de Poesia*, n.º 31-32, Outubro 2012-Abril 2013.
- Rivière, G.-H., *Essai sur le Musée de Site*, Paris : ICOM, 1978.
- _____, “Processus du programme et du projet pour la construction d’un musée”, in *Museum*, vol. XXVI, n.º 3/4, 1974.
- Rocha, Ilídio, *Roteiro da Literatura Portuguesa*, 2.ª ed., Frankfurt am Main : Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1998.
- Rodrigues, Ana Duarte, “Construção de conhecimento com o virtuoso criador”, in *Revista Vox Musei Arte e Património*, Volume 1, número 1, janeiro-junho, 2013 – Tema Arte, Património e Museus, p. 53-63.
- Sá, Victor de, *As Bibliotecas, o público e a cultura. Um inquérito necessário*, Braga : ed. do autor, 1956.
- Santos, Margarida Fonseca; Serra, Elsa, *Quero ser escritor! Manual de Escrita Criativa para todas as idades*. 2.ª ed., Cruz Quebrada : Oficina do Livro, 2008.
- Semedo, Alice; Lopes, João Teixeira (coord.), *Museus, discursos e representações*, Porto : Edições Afrontamento, 2005.
- Serra, Filipe Mascarenhas, *Práticas de Gestão nos Museus Portugueses*, Lisboa : Universidade Católica Editora, 2007.
- Sim-Sim, Inês (coord.), *Ler e Ensinar a Ler*, Porto : Edições ASA, 2006.

Torres, António Maria Pinheiro, “A reconstituição da Casa de Camilo – Relatório publicado em 1958”, in *Boletim da Casa de Camilo - S. Miguel de Ceide*, 2.^a série, n.º 1, Janeiro-Março de 1972, p. 13-45.

Vale, José Augusto da Costa Picas do, “Museus marítimos. A urgência de projectos culturais”, in *Revista VOX MUSEI arte e património*, vol. 2, n.º 3, Janeiro-Junho 2014 – Tema Cultura Fluvial e Marítima: património, museus e sustentabilidade, p. 214-223.

Viana, Mário Gonçalves, *Elementos de Museologia*, sep. de *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, Ano 14, n.º 3-4, Lisboa : 1953.

Vilas-Boas, António José, *Oficinas de leitura recreativa - Criar e manter comunidades de leitores na escola*, Porto : Edições Asa, 2005.

_____, *Oficinas de Escrita: Modos de usar*, Porto : Edições Asa, 2003.

[Http://casas-museu-em-portugal.blogspot.pt/2010/02/proposta-de-categorizacao-das-casas.html#more](http://casas-museu-em-portugal.blogspot.pt/2010/02/proposta-de-categorizacao-das-casas.html#more) (26-12-2014).

http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/490/2/Anexo_Lista_casas_museu_funda%C3%A7%C3%B5es.pdf (07.10.2015).

[Http://icom.museum/la-vision/definition-du-musee/L/2/](http://icom.museum/la-vision/definition-du-musee/L/2/) (28-12-2014).

<http://nasbocasdomundo.com/post/127552634650/o-fuso-e-os-seculares-festejos-em-honra-de-nossa> (13-10-2015).

[Http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5293](http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5293) (09-10-2014).

<http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585> (28-10-2015).

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89douard_Clapar%C3%A8de (06-10-2015).

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4007> (25-10-2015).

<http://www.cm-arruda.pt/> (03-09-2015).

https://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/casa_museu.htm (19-08-2015).

http://www.cm-vnfamalicao.pt/_casamuseu_de_camilo (27-10-2015).

http://www.cm-vnfamalicao.pt/_centro_de_estudos_camilianos (26-10-2015).

<http://www.culturecommunication.gouv.fr/Politiques-ministerielles/Musees/Ressources-et-publications/Museofiches> (28-10-2015)

<http://descobrir.gulbenkian.pt/Descobrir/pt/Evento?a=6385> (27-10-2015).

<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/bibliotecasPublicas.aspx> (12.10.2015).

[Https://www.facebook.com/groups/202668829913536/](https://www.facebook.com/groups/202668829913536/) (03-01-2015).

[Http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&source=hp&q=museu+sebastião+da+gama&gbv=2&oq=museu+sebastião+&gs_l=heirloom-hp.1.0.0j0i22i30i3.1024.7082.0.9198.19.18.1.0.0.0.183.1837.9j8.17.0.msedr..0...1ac.1j4.34.heirloom-hp..2.17.1721.IFV61Z8VctA](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&source=hp&q=museu+sebastião+da+gama&gbv=2&oq=museu+sebastião+&gs_l=heirloom-hp.1.0.0j0i22i30i3.1024.7082.0.9198.19.18.1.0.0.0.183.1837.9j8.17.0.msedr..0...1ac.1j4.34.heirloom-hp..2.17.1721.IFV61Z8VctA) (28-12-2014).

[Http://www.iil.pt/artigo.asp?id=3](http://www.iil.pt/artigo.asp?id=3) (28-12-12014).

<http://www.minom-portugal.org/docs.html> (27-10-2015).

[Http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3611](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3611) (08-11-2014).

<http://www.museus.ulisboa.pt/servico-educativo> (06-07-2015).

<http://www.oestecim.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=957b0984-9073-419c-92b7-ae746c3d0847&m=b42> (26-06-2015).

[Https://www.youtube.com/watch?v=LMm6H5MMPss](https://www.youtube.com/watch?v=LMm6H5MMPss) (22-01-2015).

<http://museubordadoebarro.cm-nisa.pt/pt/museum/> (06-07-2015).

Anexos:

Casas-Museu e Fundações de Escritores em Portugal

Casa da Achada Mário Dionísio	Lisboa	http://www.centromariodionisio.org/
Casa de Bocage	Setubal	http://www.mun-setubal.pt/guiaeventos/Espacos/Museus/default.asp
Casa de Camilo Museu. Centro de Estudos	V.ª N.ª de Famalicão	http://www.cm-vnfamalicao.pt/_casamuseu_de_camilo
Casa Fernando Pessoa	Lisboa	http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2258
Casa Memória de Camões	Constância	http://www.cm-constancia.pt/index.php/visitar/freguesias/116-visitara/cultura/332-casa-memoria-de-camoes
Casa Museu Afonso Lopes Vieira	Marinha Grande	http://www.cm-mgrande.pt/pages/325
Casa Museu Eça Moniz	Avanca	http://www.casamuseuegasmoniz.com/
Casa Museu Fernando Namora	Condeixa	http://www.cm-condeixa.pt/menu/turismo/museus/casaMuseuFN.html
Casa Museu Ferreira de Castro	Ossela	http://esan.web.ua.pt/FerreiradeCastro/
Casa Museu Fundação Aquilino Ribeiro	Soutosa (Moimenta da Beira)	http://www.museusportugal.org/museus.aspx?modo=detalhe&menu=125&id=126&start=0&idi=234
Casa Museu Guerra Junqueiro	Porto	http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-museu-guerra-junqueiro/
Casa Museu João de Deus	Lisboa	http://www.joaodeus.com/museu/museu.asp
Casa Museu João de Deus	S. Bartolomeu de Messines	http://www.cm-silves.pt/pt/menu/532/casa-museu-joao-de-deus.aspx
Casa Museu João José Cochofel	Coimbra	Ainda em fase de criação
Casa Museu José Régio	Portalegre	http://www.cm-portalegre.pt/es/atividade-municipal/cultura/museus
Casa Museu José Régio	Vila do Conde	http://www.geira.pt/cmjoseregio/
Casa Museu José Saramago (Pólo da Fundação José Saramago)	Azinhaga (Golegã)	http://www.josesaramago.org/
Casa Museu Miguel Torga	Coimbra	https://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/
Casa Museu Vasco de Lima Couto	Constância	http://www.cm-constancia.pt/index.php/pt/as-freguesias/142-visitara/museus/333-casa-museu-vasco-de-lima-couto
Casa Vitorino Nemésio	Praia da Vitória (Ilha Terceira - Açores)	http://www.cmpv.pt/cultura/index.php?op=casa_vitorino_nemesio
Centro Cultural John dos Passos	Ponta do Sol (Madeira)	http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/o-que-fazer/eventos/pesquisa/centro-cultural-john-dos-passos
Centro de Estudos Regianos	Vila do Conde	http://www.centrodeestudosregianos.com/
Fundação Eça de Queiroz	Baião (Santa Cruz do Douro)	http://www.feq.pt/
Fundação Eugénio de Andrade	Porto	Extinta
Fundação José Saramago	Lisboa	http://www.josesaramago.org/
Museu da Música Portuguesa – Fernando Lopes Graça	Monte Estoril	http://mmp.cm-cascais.pt/museumusica/flg/
Museu do Neorrealismo	Vila Franca de Xira	http://www.museudoneorealismo.pt/
Museu Ferreira de Castro	Sintra	http://www.aminhasintra.net/sintraclopedia/museu-ferreira-de-castro
Museu Teixeira Gomes	Portimão	http://cm-portimao.pt/index.php/icons/cultura/espacos-culturais/casa-manuel-teixeira-gomes

Planta de Localização da Quinta da Murinheira

Trocar esta folha pela PLANTA

Ortofotomapa de Implantação do Casal da Murinheira

Trocar esta folha pelo ORTOFOTOMAPA



Fotografias do estado atual
do
Casal da Murzinheira









Modelo de Ficha de Inventário utilizada:
Ficha de Inventário n.º 1 (*Máquina de Escrever*)



Instituição/Proprietário: 234 565/7 89.; :<5-* >!1668* 5* +?!\$:9@+?

N.º de Inventário: CMAV/001/MIL

Supercategoria: Arte

Categoria: **Espólio documental**

Denominação: Máquina de escrever

Título/ Modelo: Continental 350

Autor: **Desconhecido**

Centro de fabrico: Augsburg, Alemanha

Oficina/ Fabricante: Wanderer-Werke AG

Datação: XX d.C.

Matéria: Metal

Dimensões do Objecto: 149 x 330 x 325
(em centímetros)

Outras Dimens.:
(em centímetros)

Data: 1939-1945

Ano(s):

Século(s): XX

Justificação da Data:

Local de Execução: Augsburg, Alemanha

Assinatura:

Inscrições:

Legendas:

Localização: Arranhó, edifício Serv. Adm./ Museu Exposição

Proveniência:

Incorporação: Doação (M.^a Inês Moreira Espanha Gouveia)

Data de Incorporação: 26-02-2007 / 23-03-2007



Registo de Imagem

Tipo:	Fotografia Digital
N.º Inv. Fotográfico:	1.jpg
Localização:	CMAV
Data:	17/01/2014
Autor:	Luís Lyster Franco



WANDERER-WERKE AG

Registo de Imagem

Tipo:	
N.º Inv. Fotográfico:	
Localização:	
Data:	
Autor:	

!

!

!



! ! ! !!!!!!!!!!!!!'#\$%&! (") !* +!% - . /" !(%%%/" , 0) 1! ! ! !

Historial:

Exposições:	Titulo	Local	Data Inicio	Data Encerr.	N.º Cat.

Estado de Conservação do Objeto: Regular. O metal encontra-se oxidado e a tinta a desagregar-se. Data: 16-10-2015

Estado de Conservação do Suporte: Data:

Tratamento de Conserv. e/ou Restauro:

Resp. pelo Tratamento:








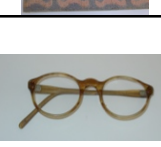

Bibliografia: <http://oztypewriter.blogspot.pt/2012/09/seeking-solace-in-continental-portable.html>
https://fr.wikipedia.org/wiki/Wanderer_Verke_AG





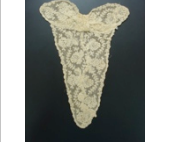
Observações:














Preenchimento: *Luís Lyster Franco* 31-01-2014
 Última Atualização: *Luís Lyster Franco* 28-10-2015

Responsável pelo Inventário: *Gísele Antunes*








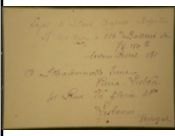




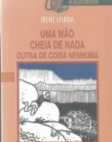
Livro de Tombo do MIL


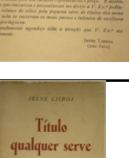
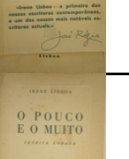
fl	Imagem	Denominação	Autor/Fabricante	Datação	Dimensões/mm	Descrição	Incorporação/Data	Origem/ Historial	Observações	Localização	Respons. Inventário	Data de Inventário
1		Máquina de escrever	Continental (Alemanha)	s.d. [séc. XX]	149x330x325	Máquina de escrever "CONTINENTAL 350", a marca é alemã	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: MAU, presença de ferrugem. A pelica da caixa esta a saltar, assim como a pintura devido a oxidação, falta uma borracha amortizadora de transporte, falta um suporte e uma borracha	V10 (n.º 81)	Luís Lyster Franco	2014-01-31 2015-10-24
2		Moldura de fotografia	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	180x131x20	Moldura de veludo onde estava colocada a fotografia de Mª Guilhermina da Conceição Chaves. Materiais: Madeira(?) forrada em veludo vermelho na parte da frebnte e seda(?) na parte de trás/ Vidro e papel	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Contém uma reprodução do retrato fotografico	V8 (n.º 54)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
3		Sinete	Desconhecido	s.d.	95x37	Sinete com parte inferior metal amarelo (latão) com forma rectangularcom cantos arredondados e inscrições Gchaves(Maria Guilhermina da Conceição Chaves. Hasta em madeira de nogueira escurecida. Parte superior da forma esférica ligeiramente achatada.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pertenceu a Madrinha de Irene Lisboa		V8 (n.º 55)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
4		Sinete	Desconhecido	s.d.	45x12	Sinete com parte inferior metal branco com forma circular. Hasta em marfim. Parte superior da forma esférica.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Usado pela Irene Lisboa em criança		V8 (n.º 55)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
5a		Fruteira	Desconhecido	s.d.	89x200	Fruteira em vidro branco de pé. Prato circular com ligeiro rebordo. O prato assenta no pé oco, o pé termina numa base . Decoração com quimeras estilizadas.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Fruteira em vidro pertencendo a Madrinha de Irene Lisboa	Tem uma pequena falha no pé	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
5b		Fruteira	Desconhecido	s.d.	92x200	Fruteira em vidro Branco de pé. Prato circular com ligeiro rebordo. O prato assenta no pé oco, o pé termina numa base circular.Decoração com quimeras estilizadas.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Fruteira em vidro pertencendo a Madrinha de Irene Lisboa		V9 (n.º 63)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
6		Argola de guardanapo		s.d. [séc. XX]	39xØ50	Argola de guardanapo de forma circular, de prata (GD/800)*. Na parte central, barra com inscrição da palavra "SOUVENIR" dentro de uma cartela decorado com ramos de flores. Tem monograma da madrinha "G.C.C."	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		*Punção do ourives	V8 (n.º 57)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
7		Biscoiteira	Desconhecido	s.d.	145xØ120	Biscoiteira em vidro com tampa de metal	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 70)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
8		Pasta de Linho		s.d. [séc. XX]	288x216x18	Pasta de Linho decorado com cinco frisos pintados. O central possui alternadamente cruces de [...] pintadas a vermelho e o nome "Irene", aoreto sobre fundo beje, colocado na diagonal e emoldurados com cartelas pretas. O interior possui em cada pasta uma bolsa para segurar papéis, na bolsa da esquerda, junto ao canto inferior, encontra-se bordada a linha preta, com pontos lançados, uma mão segurando um coração resplandescente. Miolo em cartão...	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pasta decorada pela Ilda Moreira, e usada para guardar os manuscritos	estado de conservação é razoável	V3 (n.º 17)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
9a		óculos graduados de senhora	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	55x128x14 (fechado)	óculos com armação em massa. Hastes revestidas em massa. Lentes graduadas.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pertenceram a Irene Lisboa	Estado de conservação: mau, a massa apresenta fissuras, haste direita partida a meio, com falta da extremidade, bege	V10 (n.º 78)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
9b		Estojo para óculos	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	164x74x25	Estojo de oculo em pele, de cor grenat, Exterior com gravação dourado com filetes e motivos florais	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pertenceu a Irene Lisboa	Estado de conservação: Bom , manchas e a pele está ressequida	V10 (n.º 78)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
10		Tinteiro		s.d. [séc. XX]	54x116x114 (s/ Tampa) 75x116x114 (c/Tampa)	Reservatório redondo com tampa, base quadrada. Decorado com motivos florais.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Inscrição com nº 0147, Monograma CZ e ITALY Estado de conservação: Razoável, vidrado craquelé, as "bordas" amarelas com falhas de vidrado, interior e base da tampa do tinteiro manchado com tinta preta.	V10 (n.º 79)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24


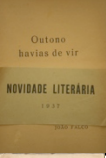








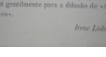
11		Caneta de aparo			163x12,5 (s/aparo) 187x12,5 (c/aparo)	Caneta de aparo com cabo...	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Inscrição do aparo: M.MYERS & SON Ltd/ ESTRELLA PEN/ Nº2261	Inscrição (.301)	V10 (n.º 80)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
12		Pasta de palhinha	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	369x294x25	Pasta rectangular formadas por duas capas de palhinha entrelaçada em dois tons(bege/ castanho), forrando o interior em cartão (?), junto da lombada cada capa possui dois furros reforçados com ilhós de Ferro	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Irene Lisboa guardava nesta pasta os seus manuscritos e colocava na parte inferior da segretária	Estado de conservação: Bom , ilhós completamente oxidados(ferrugentos)	V10 (n.º 75)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
13		Faca de abrir cartas			241x73x11	Peça em metal cor de tijolo, a parta inferior tem um formato triangular e a hasta tem um torcido e acaba com uma folha d uma hera/ Inscrição: Campagne Contre l'Allemagne - Souvenir de France	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Objeto evocativo da 1ª Guerra Mundial, oferecida a Irene Lisboa pelo afilhado de guerra		V5 (n.º 34)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
14a		Jarra	Pinchart Deny Paris (ou <i>Parc d'Artilerie de Paris</i>)	[1918]	93x44	Marcado na Base: 37-85 PD.Ps 141.9.16 e símbolo: "Granada" (Pinchart Deny Paris, 1916) Decoração lateral gravada: floreira com a inscrição Irene, de onde saem dois pés de roseiras. Bordo decorado com um friso de 5 trevos de 4 folhas	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Objeto evocativo da 1ª Guerra Mundial, oferecida a Irene Lisboa pelo afilhado de guerra	Parte superior danificada devido a uma queda	V5 (n.º 31)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2014-08-06 2015-10-23
14b		Jarra	Pinchart Deny Paris (ou <i>Parc d'Artilerie de Paris</i>)	[1918]	93x44	Marcado na Base: 37-85 PD.Ps 164.2.16 e símbolo: "Granada" (Pinchart Deny Paris, 1916) Decoração lateral gravada: cartela em forma de folha enrolada nos topos, com a inscrição Campagne d'Italie Snir du Mont Tomba – 1918, ladeada por flores e uma pomba. Bordo decorado com um friso de 5 trevos de 4 folhas	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Objeto evocativo da 1ª Guerra Mundial, oferecida a Irene Lisboa pelo afilhado de guerra		V5 (n.º 31)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2014-08-06 2015-10-23
15		Argola de guardanapo		c. 1918	40xØ50	Argola de guardanapo de forma circular. Na parte central, inscrição "Souvenir du Mont Tomba, IRENE" e gravação de arranjo floral	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Objeto evocativo da 1ª Guerra Mundial, oferecida a Irene Lisboa pelo afilhado de guerra		V5 (n.º 37)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
16		Peitilho de renda	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	260x182	Laço no topo, motivos florais	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pertenceu a Irene Lisboa		V8 (n.º 58)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
17		Naperon (utilizado com o serviço de chá)	Desconhecido		310x290	Naperon de forma redonda, em tule bordado	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Pano utilizado com o conjunto de chá	Manchas de sujidade e lacunes	V6 (n.º 44)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
18		Pano bordado	Desconhecido		Ø163	Naperon de forma redonda, com um dragão no centro	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V6 (n.º 45)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
19a		Bordados de mesa-de-cabeceira	Desconhecido			Naperon de forma oval, os motivos são simétricos	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
19b		Bordados de mesa-de-cabeceira	Desconhecido			Naperon de forma oval, os motivos são simétricos	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
20a		Faca e garfo de sobremesa	ROSTFREI	s.d. [séc. XX]	165x15x10		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto comprado em Genebra		V6 (n.º 42)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
20b		Faca e garfo de sobremesa	ROSTFREI	s.d. [séc. XX]	155x15x10		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto comprado em Genebra		V6 (n.º 42)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23

21a		Chávena de Chá	"Bohemia" Ceramic Works AG, Nová Role, Czech Republic (Neurohlau, Bohemia, Austria)	s.d. [1921-1945]	50xø104 (com pega 137)	Desenho geométrico/ art deco Bohemia/ Made in Czechoslovakia MODERN 2386 / 13	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto comprado em Genebra	Uma tem uma lasca e um cabelo	V6 (n.º 41)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
21b		Prato de Chávena de Chá(3)	"Bohemia" Ceramic Works AG, Nová Role, Czech Republic (Neurohlau, Bohemia, Austria)	s.d. [1921-1945]	18xø145	Desenho geométrico/ art deco Bohemia/ Made in Czechoslovakia MODERN	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto comprado em Genebra	Um tem cabelos no centro	V6 (n.º 41)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
21c		Prato de sobremesa (3)	"Bohemia" Ceramic Works AG, Nová Role, Czech Republic (Neurohlau, Bohemia, Austria)	s.d. [1921-1945]	20xø188	Desenho geométrico/ art deco Bohemia/ Made in Czechoslovakia 2386 / 13	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto comprado em Genebra		V6 (n.º 41)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
22		Caixa guarda-joias		s.d. [1887-1937]	42xø75	Caixa de prata redonda com motivos naturais, rosas e pombas	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		*Punção de ourives Javali II/ quadrado com cantos cortados	V9 (n.º 64)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
23		Taça oval de vidro	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	63x210x146	Vidro branco	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 66)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
24		Suspensórios Masculinos (par)		s.d. [séc. XIX]	773x54 783x54	Suspensórios (par) parte central composta por três camadas, creme, bordados com cores variadas, bordado a meio ponto, representando motivos florais. Na parte central aparece um monograma "JGC". Terminais em pele de carneiro bege e castanho	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conjunto de suspensórios bordados pela Madrinha de Irene Lisboa	Elastico apresenta sinais de desgaste provocados por insectos	V8 (n.º 59)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
25a		Mesa de trabalho	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	715 x876x 435	Mesa de madeira de pinho folheada e fasquiada a nogueira, tem uma parteleira amovível	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Mesa de trabalho usada pela Irene Lisboa	Estado de conservação: Mau, Manchado ,o folheado a descolar nas ilharcas, a frente da prateleira esta partida, furos de xilófagos, salpicos de tinta no tampo	V10 (n.º 73)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
25b		Banco	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	419x453 x352	Banco de madeira de pinho folheado e fasquiado a nogueira, assento revestido de napa a imitar couro fixo com tachas de aço, enchimento em esponja amarela. O assento é unido aos pés com reforços de madeira por parafusos autorroscentes(provavelmente substituidos quando foi colocado novo estofo) .	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Banco usado pela Irene Lisboa	Conservação regular, folheado manchado, a saltar assim como as ripas da base, furos xilofagos.	V10 (n.º 73)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
26		Colar	Desconhecido	s.d.	ø210	Colarde contas de marfim proveniente de Angola (62 contas)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Colar oferecido a Irene Lisboa da sua irmã Rita Vieira		V9 (n.º 67)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
27		Pega/Cabo de sombrinha	Desconhecido	s.d.	76x70x15	Pega em madrepérola e bronze dourado, decorações florais na parte metálica	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Objeto usado pela Irene Lisboa em criança	pequenas lascas na parte da pega	V8 (n.º 61)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
28		Almofada de assento	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	480x310x40	Almofada rectangular as riscas azul/ laranja/ brancas e pretos. Tecido de baixo azul	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Almofada comprada em França pela Irene Lisboa, e, usada no banco de secretária	Conservação razoável	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
29		Pano para cómoda	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	875x448	Bordado em algodão	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 72)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
30		Caixa	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	220x165x23	Caixa de cartão com uma fotografia a preto e branco Trata-se de uma caixa de chocolates da marca <i>Iniguez</i> (Lisboa)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Caixa onde a Irene Lisboa guardava a Cruz de Guerra	Apresenta desgasto provocado por insectos e pelo uso/ os cantos da tampa estão danificados e tem lacunas, os agramos estão enferrujados e já está a trespassar	V5 (n.º 35)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23


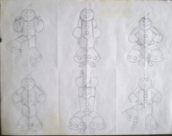
31		Camisa de bebé	Irene Lisboa		290x275		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Camisa elaborada por IL para oferecer a sua afilhada	Manchas amarelas com aureola(humidade) e buracos de traças (?)(Vários/4grandes)	V8 (n.º 62)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
32		Caixa de porcelana	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	39x64x66	Caixa quadrada/ inscrição na base "MADE IN GERMANY"	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Uma lasca na base e rebordo da base e lasca retocados por purpurina	V9 (n.º 71)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
33		Bonbonnière	Desconhecido	s.d. [séc. XX]	110xØ98	Vidro verde moldado com três taceos (recipiente e tampa)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 65)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
34		Aneira	Desconhecido		81xØ108	Vidro verde moldado com quatro taceos	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 68)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
35		Bilhete postal ilustrado			139x91	Mulher com fundo branco/Inscrição: PRINTED IN AUSTRIA/ Nr.670/ M.M.Vienne/M.Munk/Deposé/ Inscrição a lápis 8/	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Desgaste por insectos		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
36		Bilhete postal ilustrado			89x137	Casal sentado/Inscrição: PRINTED IN AUSTRIA/ Nr.722/ M.M.Vienne/M.Munk/Deposé/ Assinatura do autor na frente: I. STREYC	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Desgaste por insectos e manchas de sujidade(excremento de Insectos)		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
37		Bilhete postal ilustrado			88x147	Casal Mulher de costas sentada e Homen deitado/Inscrição: PRINTED IN AUSTRIA/ Nr.722/ M.M.Vienne/M.Munk/Deposé/ Assinatura do autor na frente: I. STREYC	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Desgaste por insectos e manchas de sujidade(excremento de Insectos)		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
38		Bilhete postal ilustrado			89x137		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
39		Bilhete postal ilustrado			140x90	Senhora fumando um cigarro em fundo branco/ ass. Am. Simonetti	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Falta a película Posterior	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
40		Bilhete postal ilustrado			140x89	Senhora sentada com três cães/ Inscricão frente: ©reinthal &newman, pubs., N.Y.A FAIR EXHIBITOR/ Inscricão atrás: RN THIS SPACE BE USED FOR CORRESPONDENCE/ UNIVERSAL COPYRIGHT, N.º 610 / Canto sup. direito: STAMP HERE-PRINTED IN AMERICA	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Desgastado por insectos		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
41		Bilhete postal ilustrado			139x 88	Retrato de Senhora sob fundo branco/ Inscricão frente: ass. C.W.Barbet DISAPPOINTED/ Inscricão atrás:Lado esquerdo - The Carlton Publishing Co. ; London.E.C. Series Nº 709/3. Printed in England/ Canto sup. direito: InLand Half-penny Stamp. Foreign One Penny/ Centro sup. POST CARD- FOR COMMUNICATION. FOR ADRESS ONLY.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Sujidade superficial	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
42		Sobrescrito em relevo			91x142	"Minha Irene Satisfaço-te a vontade. Envio-te o que pediste, e que a tua condescendencia tolera. Juntamente vai um beijo da tua amiga sincera Alice/ 11-Abril/915	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V9 (n.º 69)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
43		Bilhete de identidade	Desconhecido		224x113(interior) 124x79(capa)		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V8 (n.º 60)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24

44		Retrato fotográfico do Professor Édouard Claparède		s.d. [séc. XX]	171 x 117 (foto.) 163x 110 (imagem foto./ impressão)	234x151(papel)/ 215x160x13(moldura)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Na moldura falta lhe o pé	V6 (n.º 43)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
45		Bilhete postal ilustrado		1918	140x91	Aux armées le 23/12 17/ Avec tous mes voeux pour que 1918 soit pour vous une année de joie et de bonheur. Soyez heureuse comme ...	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Sujidade superficial	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
46		Bilhete postal ilustrado		02-01-1918	88x140	Cartão texturado, tipo papel Ingres/ Inscrição:Milan souhaite la bienvenue aux Troupes Française	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Sujidade superficial	V5 (n.º 32)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
47		Bilhete postal ilustrado		30-12-1917	88x140	Cartão/ Inscrição:Milan souhaite la bienvenue aux Troupes Française	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Manchas de ferrugem na frente	V5 (n.º 32)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
48		Bilhete postal ilustrado		09-09-1918	90x140	Fotografia de Paris: 131.-PARIS - La Grand'Roue avec la Galerie des Machine-A.R.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V5 (n.º 38)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
49a		Bilhete postal ilustrado (com Cruz de Guerra)		c. 1918	140x90		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V5 (n.º 36)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2014-08-07 2015-10-23
49b		Cruz de Guerra			91x38	Condecoração da Cruz de Guerra	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		O alfinete de suspensão esta enferrujao e uma da espada está oxidada	V5 (n.º 36)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2014-08-07 2015-10-23
50		Cartão	Desconhecido		127 x 86	Cartão enviado por Paul Desprets	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Manchas de ferrugem na frente	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-24
51		Carta com sobrescrito		22-07-1942	114x147 (sobescrito) 270x210 (carta)	Enviada por Paul Desprets	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Foi retirado o selo do sobrescrito	V5 (n.º 33)	Luís Lyster Franco	2014-03-03 2015-10-23
52		Relatórios das viagens de estudo dos bolsseiros. Áurea Judite Amaral, Jaime Maximiano Gouveia Xavier de Brito, João de Sousa Carvalho, Irene do Céu Vieira Lisboa, José Claudino Rodrigues Miguéis, Ilda da Ascensão Moreira, António Leal de Oliveira		1933	242x185x27	Lisboa: Junta de Educação Nacional (2, 356 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Falta as pág. 99 a 142. As páginas 97/98 e 143/144, estão soltas.	V4 (n.º 25)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
53		A Vidinha da Lita	Irene Lisboa/ Atlântida Editora	1971	171x133x9	Coimbra: Atlântida, (56 pp.), cartonado. Capa enfolada e manchada de humidade.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V1 (n.º 8)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
54		Queres Ouvir? Eu Conto	Irene Lisboa/ Editorial Presença	1993	210x140x10	Capa e Ilustrações de Manuela Bacelar. 3.ª ed. Lisboa: Editorial Presença (116 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V1 (n.º 7)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
55		Uma Mão Cheia de Nada Outra de Coisa Nenhuma (Historietas)	Irene Lisboa/ Editorial Presença	1993	210x140x10	Capa de Manuela Bacelar e Ilustrações de Pitum Keil Amaral, 3.ª ed. Lisboa: Editorial Presença (144 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V1 (n.º 6)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22












56		Folheto publicitário Irene Lisboa. Apontamentos. 1943		1943	213x138	Folha publicitária com destacável picotado. Lisboa: Gráfica Lisbonense (2000 ex.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 13)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
57		Lisboa e quem cá vive	João Falco/Seara Nova	1940	167x114x2	Colecção À Pena 1, Lisboa: Seara Nova, (32 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Correcções do texto, a lápis, na página 15.	V2 (n.º 11)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
58		Folhas Volantes	João Falco/Seara Nova	1940	166x113x2	Colecção À Pena 2, Lisboa: Seara Nova, (32 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Apresenta um corte nas páginas 23 e 24.	V2 (n.º 11)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
59		Lisboa e quem cá vive	João Falco/Seara Nova	1940	163x112x4	Colecção À Pena 3, Lisboa: Seara Nova, (56 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 11)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
60		Esta Cidade	Irene Lisboa (João Falco)	1942	175x118x21	Capa de Ilda Moreira. Lisboa: Gráfica Lisbonense (432 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 12)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
61a		Zincogravura	Desconhecido		16,7x11,5x2,3	Desenho da capa Ilda Moreira. Zinco, ferro (pregos), Madeira de Tola(?), cartão e papel (fragmentos de provas da capa). Manchas de oxidação.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	"Esta Cidade"		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-24
61b		Zincogravura	Desconhecido		15x11,4x2,3	Desenho da capa Ilda Moreira. Zinco, ferro (pregos), Madeira de Tola(?), cartão e papel (fragmentos de provas da capa). Manchas de oxidação.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	"Esta Cidade"		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-24
62		Zincogravura para "Esta Cidade"	Desconhecido		7x16,9x2,3	Zinco, ferro (pregos), Madeira de Tola(?), cartão e papel. Desenho de Maria Keil	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	"Esta Cidade"		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-24
63		Folheto de subscrição para "Esta Cidade"		[1942]	276x216	Manchada pela zincogravura que esteve colocada por cima	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 12)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
64		Folheto publicitário Obras de Irene Lisboa (João Falco)		20-06-1942	255x128	Folha publicitária. Lisboa: Gráfica Lisbonense, 1942 (5000 ex.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Escrito no verso por Irene Lisboa	V3 (n.º 19)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
65		Cartão publicitário das obras de Irene Lisboa		[1942]	78x113	Cartão de propaganda da obra de Irene Lisboa	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Escrito no verso: Não é o amor realizado, possível e desejado o q apenas interessa. Isto é, amor jovem. Não, mas também o negado.	V3 (n.º 19)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
66		Título qualquer serve	Irene Lisboa/Portugália	1958	192x124x22	Lisboa: Portugália (276 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Miolo por abrir. Margens amarelecidas e sujidade superficial.	V2 (n.º 16)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
67		O Pouco e o Muito	Irene Lisboa/Portugália	[1955]	192x125x29	Lisboa: Portugália (292 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Margens amarelecidas	V2 (n.º 14)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23

68		Folhas Soltas da Seara Nova (1929-1955)	Irene Lisboa/ Imprensa Nacional - Casa da Moeda	1986	241x150x26	Antologia, Prefácio e Notas de Paula Mourão. Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (520 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V3 (n.º 21)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
69		Outono havias de vir	João Falco/Seara Nova	1937	184x129x8	Lisboa: Seara Nova (80 p.). Capa envelhecida e com marca da fita. Margens amareladas	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Miolo por abrir.	V3 (n.º 22)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
70		Começa uma Vida	João Falco/Seara Nova	1940	201x131x16	Ilustrações de Maria Keil. Com dedicatória da autora. Lisboa: Seara Nova (144 p.) Sem lombada e miolo a desfazer-se	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 10)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
71		Uma mão cheia de nada outra de coisa nenhuma	Irene Lisboa/ Portugália Editora	sd. [1955]	179x129x22	Capa e ilustrações de Pitum Keil Amaral. Lisboa: Portugália (206 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 5)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
72		Voltar atrás para quê?	Irene Lisboa/ Livraria Bertrand	sd. [1956]	198x127x18	Lisboa: Livraria Bertrand (208 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		A capa apresenta sinais de desgaste. Apresenta inscrição decalcada na capa de trás. Capa descolada.	V2 (n.º 15)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
73		Um dia e outro dia...	João Falco/Seara Nova	1936	195x129x30	Lisboa: Seara Nova (340 p.) por abrir. Capa com sujidade superficial e picos de acidez.	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V3 (n.º 18)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
74		Solidão	João Falco/ Gráfica Lisbonense	1939	196x131x20	Lisboa: Gráfica Lisbonense (224 p.). Capa amarelada, e com sujidade superficial, margens amareladas e lombada a descolar.	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V2 (n.º 9)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
75		Folheto publicitário 13 contarelos	Livraria Sá da Costa	1926	162x85	Dobrado verticalmente em quatro, apresentando as linhas de dobragem rasgadas.	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V1 (n.º 3)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
76a		13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou	Irene Lisboa/ Livraria Sá da Costa		160x115x17	Lisboa: Livraria Sá da Costa (12+178 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Miolo por abrir	V1 (n.º 1)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
76b		13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou	Irene Lisboa/ Livraria Sá da Costa		160x115x17	Lisboa: Livraria Sá da Costa (12+178 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Miolo por abrir	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
76c		13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou	Irene Lisboa/ Livraria Sá da Costa		160x115x17	Lisboa: Livraria Sá da Costa (12+178 p.)	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
77		Apontamentos	Irene Lisboa/ Gráfica Lisbonense	1943	192x130x22	Lisboa: Gráfica Lisbonense (288 p.). :Ligeiramente envelhecido	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		miolo por abrir	V2 (n.º 13)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
78		Cartão de publicidade de "Apontamentos	Irene Lisboa	24-04-1943	7,6x11,1	Cartolina fina azul	Doação (M.º Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-24

79		Zincogravura A Côradinha	Desconhecido		111x85x23	Zinco, ferro (pregos) e madeira de mogno. Desenho de "13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou"	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
80		Zincogravura de 13 Contarelos. Mancha da capa	Desconhecido	[1926]	130x106x21	Zinco, ferro (pregos) e madeira de mogno. Desenho de "13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou"	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		V1 (n.º 2)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
81		Zincogravura de 13 Contarelos. Desenho da capa	Desconhecido	[1926]	138x106x23	Zinco, ferro (pregos) e madeira de mogno. Desenho de "13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou"	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		V1 (n.º 2)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
82		Zincogravura Medo	Desconhecido		12,6x9,3x2,1	Zinco, ferro (pregos) e madeira de mogno. Desenho de "13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou". Inscrição no verso Medo.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
83		Zincogravura Tiroleto	Desconhecido		11,6x8,5x2,3	Zinco, ferro (pregos) e madeira de mogno. Desenho de "13 Contarelos que IRENE escreveu e ILDA ilustrou". Inscrição no verso Tiroleto.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		V1 (n.º 4)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-24
84		Folheto publicitário 13 contarelos	Livraria Sá da Costa		156x112	Folheto publicitário com a dimensão do livro. No verso possui a gravura do conto Tiroleto ((pág. 149)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		V1 (n.º 4)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
85		Folheto publicitário 13 contarelos	[Livraria Sá da Costa]		150x111	Folheto publicitário com a dimensão do livro. No verso possui a gravura do conto Medo ((pág. 117)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
86		Carta de Irene para Léon Darras		25-05-1917	178x132	Papel vergé, imitar fabrico manual, folha originalmente dobrada verticalmente ao meio e posteriormente dobrada horizontalmente para caber no sobrescrito	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conservação: BOM/ Sujidade superficial, amarelecido	V5 (n.º 40)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
87		Carta da Marie Darras(irmã/ mulher ou mãe de Leon) para Iréne		21-07-1919	272x211	Carta em papel timbrado, dobrada em quatro(para caber no sobrescrito)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conservação: BOM/ Sujidade superficial, amarelecido	V5 (n.º 39)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
88	FALTA (Fotografia)	Carta de Léon para Irene e Rita		17-08-1915	272x211	Carta em papel timbrado, dobrada em quatro(para caber no sobrescrito)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	Conservação: Razoavel/ Papel amarrotado e com manchas castanhas Sujidade superficial, amarelecido	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
89		Sobrescrito		26-07-1917	95x136	Tem dois selos de correio francês de 2 1/2 c. Sobrescrito em papel esverdeado, forrado por dentro com papel verde. Inscrição: Monsieur Jean Léon Darras 11ème d'Artillerie 17 1ème Batterie de 75-150 Lecteur 81 - France MORT AU CHAMPS D'HONNEUR(frente) De Irene Lisboa R. da Glória 41-4ºDo Lisboa Portugal (verso) Tem um carimbo de óleo, oval da censura militar.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	A data corresponde ao carimbo da censura/ Estado de conservação razoável	V5 (n.º 35)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
90		Sobrescrito		01-08-1917	95x136	Tem dois selos de correio francês de 2 1/2 c. Sobrescrito em papel branco, forrado por dentro com papel de padrão azul. Inscrição: Monsieur Jean Léon Darras 11ème d'Artillerie 17 1ème Batterie de 75-150 Lecteur 81 - France MORT POUR LA FRANCE(frente) De Irene Lisboa R. da Glória 41-4ºDo Lisboa Portugal (verso) Tem um carimbo de óleo, oval da censura militar _ censor n.º10 (fte) e censor 10 e 68 (verso) Tem uma tarja da censura a selar a carta.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	A data corresponde ao carimbo da censura/ Estado de conservação razoável	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
91	FALTA (Fotografia)	Sobrescrito		26-07-1917	95x136	Tem um selo de correio francês (tapado). Sobrescrito em papel branco, forrado por dentro com papel roxo. Inscrição: Monsieur Jean Léon Darras 11ème d'Artillerie 17 1ème Batterie de 75-150 Lecteur 81 - France MORT AU CHAMPS D'HONNEUR(frente) De Irene Lisboa R. da Glória 41-4ºDo Lisboa Portugal (verso) Tem um carimbo de óleo, oval da censura militar (frente e verso).	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007	A data corresponde ao carimbo da censura/ Estado de conservação razoável	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24

92		Educação feminina. Quinzenario literario, científico e artistico. Orgão das normalistas de Lisboa.		01-04-1913	490x335	No canto superior direito da primeira página, tem várias anotações a lápis e esferográfica, algumas referentes a descrição do cabeçalho. No canto inferior direito da última página, tem escrito a tinta azul, o nome e endereço do destinatário (José Rodrigues Batista: R. da Bica Duarte Belo 69-1ª Lisboa). Este nome e morada encontram-se riscados a tinta preta assim como uma inscrição que lhe segue: (Devolvido a redacção). Mais a baixo, também a preto, encontra-se a inscrição: (Devolvido a redacção: R. do Comercio nº31-3ª Lisboa) Tem uma tarja da censura a selar a carta.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Encontra-se dobrado verticalmente ao meio e horizontalmente em quatro (Para circular nos correios. Na parte inferior apresenta uma lacuna resultante de ter sido recortado o selo do correio. Estado de conservação regular, apresenta vincos, sujidade superficial.	V7 (n.º 52)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
93		Ramo com duas folhas de [...]	Desconhecido		126x55	Duas folhas secas de [...] agarradas a um caule	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: MAU	V3 (n.º 20b)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
94		Ramo com cinco folhas de [...]	Desconhecido		80x105	Cinco folhas de [...] agarradas ao mesmo pé	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: Regular	V3 (n.º 20a)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
95a	FALTA (Fotografia)	O Primeiro Ensino I	Manuel Soares/ Seara Nova	1938	192x122x3	Cadernos da "Seara Nova". Secção de Estudos Pedagógicos, Lisboa: Seara Nova (42 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Capa e miolo amarelecidos. Capa e primeiras páginas soltas.	V4 (n.º 24)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
95b	FALTA (Fotografia)	O Primeiro Ensino II	Manuel Soares/ Seara Nova	1938	192x130x6	Cadernos da "Seara Nova". Secção de Estudos Pedagógicos, Lisboa: Seara Nova (64 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Capa e miolo amarelecidos nas bordas.	V4 (n.º 24)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-23
96		Folheto publicitário 13 contarelos	[Livraria Sá da Costa]	[1926]	150x111	Folheto publicitário com a dimensão do livro. No verso possui a gravura do conto <i>Còradinha</i> ((pág. 43)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V1 (n.º 3)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-22
97		Modernas Tendências da Educação	Irene Lisboa/ Edições Cosmos	1942	188x130x13	Ilustrações de Ilda Moreira. Biblioteca Cosmos, 21. 1.ª Secção - Ciências e Técnicas - Número 8. Ciências Psicológicas e Sociológicas, Lisboa: Cosmos. Cartonado (116 p.).	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Lombada com a parte superior solta e as charneiras (goteira) a desfazer-se.	V4 (n.º 28)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
98	FALTA (Fotografia)	A Psicologia do Desenho Infantil	Irene Lisboa	1942	189x123x3	Lisboa: Associação Feminina Portuguesa para a Paz, (32 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Capa ligeiramente envelhecida	V4 (n.º 29)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
99	FALTA (Fotografia)	Educação. Palestra proferida no salão do «Grupo dos Modestos» do Pôrto, na noite de 20 de Janeiro de 1944	Irene Lisboa/ Seara Nova	1944	190x121x3	Lisboa: Seara Nova (32 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Capa e miolo amarelecidos nas bordas.	V4 (n.º 30)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
100	FALTA (Fotografia)	Prelecções inaugurais (3.ª do artigo 142.º do decreto n.º 22: 369, de 30 de Março de 1933)	AAVV/Direcção Geral do Ensino Primário	1935	256x195x17	Direcção Geral do Ensino Primário. Serviços de Orientação Pedagógica, Lisboa: Imprensa Nacional (210 p.). Capa envelhecida e o miolo apresenta picos de acidez.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Possui no interior um cartão acastanhado de apresentação/publicidade das obras de Irene Lisboa (dim: 12,2x9,4)	V4 (n.º 26)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
101	FALTA (Fotografia)	Froebel e Montessori - O Trabalho Manual na Escola (Duas conferências pedagógicas)	Manuel Soares/ Seara Nova	1937	190x125x4	Cadernos da «Seara Nova». Secção de Estudos Pedagógicos. Lisboa: Seara Nova (48 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Assinatura de Irene Lisboa a Azul. Sublinhados a lápis azul no texto.	V4 (n.º 23)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
102	FALTA (Fotografia)	A Iniciação do Cálculo	Manuel Soares/ Seara Nova	1940	190x122x5	Cadernos da «Seara Nova». Secção de Estudos Pedagógicos. Lisboa: Seara Nova (48 p.)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V4 (n.º 27)	Luís Lyster Franco	2014-03-18 2015-10-23
103		Desenho de boneco articulado: pierrot	[Ilda Moreira]	s.d. [séc. XX]	210 x 271	Do lado esquerda, encima está a grafite o algarismo 1, Deseenho a grafite , a folha esteve dobrado horizontalmente ao e meio e verticalmente em seis partes(para a divisão e realização dos desenhos) O desenho apresenta corecções, como tambem apresentam seis posições possíveis. A margem superior encontra-se irregular por ter sido rasgado manualmente.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação é bom, apresenta lacunas provocadas por insectos e manchas por ter estado em contacto com os cromos. Materia: Papel branco fino/ Sujidade superficial.	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24

104	FALTA (Fotografia)	Desenho de boneco articulado: marinheiro	[Ilda Moreira]	s.d. [séc. XX]	210x271	Desenho a grafite , a folha esteve dobrado horizontalmente ao e meio e verticalmente em seis partes(para a divisão e realização dos desenhos) O desenho apresenta corecções, como também apresentam seis posições possíveis. A margem inferior encontra-se irregular por ter sido rasgado manualmente.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação é regular, apresenta vincos nos cantos sup. Esquerdo e inf. Direito, e ao centro junto da margem superior. As margens sup. E inf. Apresentam rasgões. Sujidade superficial e marcas de ter estado em contacto com os cromos e papel da tabela. A margem inferior	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
105		Desenho de boneco articulado: palhaço	[Ilda Moreira]	s.d. [séc. XX]	210x270	Desenho a grafite , a folha esteve dobrado horizontalmente ao e meio e verticalmente em seis partes(para a divisão e realização dos desenhos) O desenho apresenta corecções, como também apresentam seis posições possíveis. A margem inferior encontra-se irregular por ter sido rasgado manualmente.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação regular, apresenta vincos nos cantos superior, rasgões na margem direita, o canto inferior direito apresenta rasgões e está amarrado. Sujidade superficial e Manchas amareladas de acidez provocadas pelo contacto com os cromos.	V7 (n.º 51)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
106		Menina à varanda regando flores	[Ilda Moreira]	s.d. [séc. XX]	208x270	Desenho a grafite , o desenho apresenta corecções. A margem superior encontra-se irregular por ter sido rasgado manualmente. Diversos elementos apresenta a indicação da cor em português e francês. A margem superior encontra-se irregular por ter sido rasgado manualmente	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007			V7 (n.º 47)	Luís Lyster Franco	2014-03-25 2015-10-24
107		Tapete	Irene Lisboa	s.d. [séc. XX]	735x680		Doação (M.ª Antónia Soares dos Reis Brandão) 29-11-2012		Estado de conservação: Muito Bom	V8 (n.º 56)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
108		Manuscrito	Maria Antónia Soares dos Reis Brandão	s.d. [séc. XX]	148x211	Manuscrito a esferográfica, em 1/2 folha de papel A4, dobrado, vincado e rasgado na parte inferior do texto.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		«Feito pela Irene Lisboa estando nas Aldeias(Serra da Estrela) sendo-me por ela oferecido para "justificar" os seus pedidos de trapos. Com eles faz mantas ou tapetes.» Estado de Conservação: papel amarelado, amarrado, com vincos e dois rasgões na parte superior onde teve um alfinete (?). Junto dos dois furos provocado pelo alfinete apresenta vestígios de ferrugem.	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
109	FALTA (Fotografia)	Folha de papel Mata-borrão	Nestor Blotting/ Fabricante	s.d. [séc. XX]	288x224	Folha de papel mata-borrão bege manchado com tintas e sinais de uso. No canto ... Está impresso o selo-branco do fabricante <i>Nestor Blotting</i> .	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: mau, vincos e rasgões	V10 (n.º 77)	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
110		Manuscrito	Irene Lisboa	s.d. [séc. XX]	271x211		Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: mau, Dobrado em 4, apresenta vincos horizontal e vertical, o canto inferior direito está dobrado e vincado, tem buracos provocados por insectos.	V10 (n.º 76)	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
111		Auto de trasladação dos restos mortais de Irene Lisboa	Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos	2012-10-12	296x214	Folha de papel manchada e com as margens recortadas a simular/imitar um documento antigo. Tem um texto escrito com letras[...] a preto, no cabeçalho tem o logotipo do Município de AV, o título é a negro, em baixo tem no canto esquerdo um carimbo comemorativo dos 120 anos do nascimento de Irene Lisboa e a direita tem as assinaturas dos presidentes da Assembleia e Câmara Municipal autenticados com o selo-branco da Câmara.	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação é bom e o carimbo de óleo apresenta sinais de desgaste. Foram feitos dois exemplares deste auto(um está/foi colocado dentro da urna).	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
112		Folha de cromos (2)	L&B / 32501 PRINTED IN GERMANY	s.d. [séc. XX]	221x106	Folha com doze(12) cromos de quatro modelos diferentes de cestas de vime com flores (rosas e [...]) Marcas: L&B/32501 PRINTED IN GERMANY	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com algumas pontas dobradas	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
113		Folha de cromos (2)	L&B / 32500 GERMANY	s.d. [séc. XX]	218x76	Folha com oito (8) cromos representando quatro modelos diferentes de carros de mão em madeira com flores Marcas: L&B/32500 GERMANY	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com algumas pontas dobradas	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
114		Folha de cromos		s.d. [séc. XX]	171x130	Folha com quatro (4) cromos diferentes com flores várias	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 48)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
115		Folha de cromos (4)		s.d. [séc. XX]	101x152	Folhas com quatro (4) cromos diferentes, dois representa um casal de pombos e outros dois um casal de rolas com uma mão humana	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação : BOM com pontas dobradas	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
116		Surpresa		s.d. [séc. XX]	157x115	Folha de cromo representando um arranjo floral de amores perfeitos	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM algumas lacunas e cantos dobrados	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24

117		Surpresa		s.d. [séc. XX]	134x100	Folha de cromo representando um arranjo floral de rosas	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
118	FALTA (Fotografia)	Surpresa		s.d. [séc. XX]			Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
119	FALTA (Fotografia)	Surpresa		s.d. [séc. XX]			Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
120		Surpresa		s.d. [séc. XX]	50x70	Cromo representando um carinho de mão de madeira com flores(rosas e não só)	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 49)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
121		Surpresa		s.d. [séc. XX]	120x40	Cromo representando um menino a fazer bolas de sabão ou apanhar borboletas	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 50)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
122		Surpresa		s.d. [séc. XX]	110x40	Cromo representando uma menina com ramo de flores no regaço	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		Estado de conservação: BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 49)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
123		Surpresa		s.d. [séc. XX]	120x40	Cromo representando um menino a brincar com arco e gancheta	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 49)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
124		Surpresa		s.d. [séc. XX]	121x40	Cromo representando menina com cesta de flores e vestido azul	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com cantos dobrados	V7 (n.º 49)	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
125		Surpresa		s.d. [séc. XX]	72x59	Cromo representando menina com chapéu e carrinho de mão com flores	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com cantos dobrados, no verso está escrito a caneta azul o nome próprio António	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-01 2015-10-24
126		Surpresa		s.d. [séc. XX]	68x60	Cromo representando menina de vestido vermelho com carrinho de mão com flores	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com dobra no pescoço e rasgão	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
127		Surpresa		s.d. [séc. XX]	124x56	Menina com lenço na mão	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com vincos	V7 (n.º 53)	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
128		Surpresa		s.d. [séc. XX]	71x48	Menino a cavalo	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ BOM com vincos no verso tem escrita Ana (?) - Yinta verde	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24
129		Surpresa		s.d. [séc. XX]	73x60	Menino com máquina fotografica	Doação (M.ª Inês Moreira Espanha Gouveia) 26-02-2007 23-03-2007		EC/ RAZOAVÉL com lacunas nas pernas do tripé	Reserva	Luís Lyster Franco	2014-04-08 2015-10-24

